



O ROMANCE DE TRISTÃO E ISOLDA

JOSEPH BÉDIER

O Romance de Tristão e Isolda

O Romance de Tristão e Isolda

Joseph Bédier

*Tradução de
Luis Claudio de Castro e Costa*

*Revisão da tradução de
Monica Stahel*



SÃO PAULO 2014

Título original: LE ROMAN DE TRISTAN ET ISEUT.
Copyright © Herdeiros Bédier.
Copyright © Union Générale d'Éditions, 1981.
Copyright © 1988, Livraria Martins Fontes Editora Ltda.,
São Paulo, para a presente edição.

1ª edição 1988

5ª edição 2012

2ª tiragem 2014

Revisões gráficas

Maria Cecília de Moura Madarás

Dirceu A. Scali Jr.

Atualização ortográfica

Solange Martins

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Studio 3 Desenvolvimento Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bédier, Joseph, 1864-1938.

O romance de Tristão e Isolda / Joseph Bédier ; tradução de Luis Claudio de Castro e Costa ;
revisão da tradução de Monica Stahel. – 5ª ed. – São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2012.

Título original: Le roman de Tristan et Iseut.

ISBN 978-85-7827-545-7

1. Bédier, Joseph, 1864-1938 I. Título.

12-01064

CDD-398.22

Índices para catálogo sistemático:

1. Lendas : Literatura folclórica 398.22

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325.030 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293.8150 Fax (11) 3101.1042

e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br <http://www.wmfmartinsfontes.com.br>

Índice

Prefácio

- I. As infâncias de Tristão
- II. O Morholt da Irlanda
- III. Em busca da Bela dos cabelos de ouro
- IV. O filtro
- V. Brangien entregue aos servos
- VI. O grande pinheiro
- VII. O anão Frocin
- VIII. O salto da capela
- IX. A floresta do Morois
- X. O eremita Ogrin
- XI. O Vau Arriscado
- XII. O julgamento pelo ferro em brasa
- XIII. A voz do rouxinol
- XIV. O guizo maravilhoso
- XV. Isolda das Brancas Mãos
- XVI. Kaherdin
- XVII. Dinas de Lidan
- XVIII. Tristão louco
- XIX. A morte

*Ao meu caro du Tertre,
homenagem filial*

Joseph Bédier

Prefácio

Tenho o prazer de apresentar aos leitores o mais recente dentre os poemas que a admirável lenda de Tristão e Isolda fez nascer. Na verdade, é um poema, embora seja escrito numa prosa bela e simples. Joseph Bédier é o digno continuador daqueles que tentaram verter, no leve cristal da nossa língua, o néctar embriagador pelo qual os amantes das Cornualhas outrora saborearam o amor e a morte. Para recontar a maravilhosa história de seu encantamento, suas alegrias, suas penas e sua morte, tal como, saída das profundezas do sonho céltico, ela encantou e perturbou a alma dos franceses do século XII, ele reconstituiu, por força de imaginação simpática e erudição paciente, aquela alma, que mal acabava de se desanuviar, ainda inexperiente dessas emoções desconhecidas, deixando-se invadir por essas emoções sem pensar em analisá-las, e adaptando, sem o conseguir totalmente, o conto que a encantava às condições de sua existência cotidiana. Se nos tivesse chegado às mãos uma redação francesa completa da lenda, Bédier, para dar a conhecê-la aos leitores contemporâneos, ter-se-ia limitado a fornecer uma tradução fiel. O destino singular, que quis que ela nos chegasse apenas em fragmentos esparsos, obrigou-o a assumir um papel mais ativo, para o qual não bastava ser um sábio, mas era preciso ser um poeta. Romances de Tristão de Chrestien de Troyes e de La Chèvre, cuja existência conhecemos e que deviam ser todos muito extensos, pereceram inteiramente. Do de Bérout, restam-nos cerca de três mil versos; o mesmo se diga quanto ao de Thomas; de um outro, anônimo, mil e quinhentos versos. Além disso, são traduções estrangeiras, três das quais nos oferecem a obra de Thomas de maneira bastante completa quanto ao conteúdo, mas não quanto à forma. Uma delas nos apresenta um poema muito semelhante ao de Bérout; alusões às vezes muito preciosas, pequenos poemas episódicos e enfim, o indigesto romance em prosa em que são conservados, em meio a um conjunto

confuso, incessantemente engrossado pelos sucessivos redatores, alguns destroços de velhos poemas perdidos. Que se poderia fazer, diante desse amontoado de escombros, para restaurar um dos edifícios desmoronados? Havia dois caminhos a seguir: apegar-se ou a Thomas ou a Bérout. O primeiro caminho apresentava a vantagem de conduzir com segurança, graças às traduções estrangeiras, à reconstituição de uma narrativa completa e homogênea. Havia o inconveniente de reconstituir o menos antigo dos poemas de Tristão, aquele em que o velho elemento bárbaro foi completamente assimilado ao espírito e às obras da sociedade cavaleiresca anglo-francesa. Bédier preferiu o segundo caminho, muito mais difícil e, por isso mesmo, mais tentador para a sua arte e para o seu saber, e também mais conveniente ao objetivo a que se propunha, fazer reviver para os homens do nosso tempo a lenda de Tristão sob a mais antiga forma de que se revestira, ou, pelo menos, que nos fora dado alcançar na França. Começou então por traduzir, com a maior fidelidade possível, o fragmento de Bérout que chegou até nós e que ocupa praticamente o centro da narrativa. Tendo se deixado penetrar pelo espírito do antigo narrador, assimilando sua maneira ingênua de sentir, seu modo simples de pensar, até o embaraço por vezes infantil de sua exposição e a graça um tanto desajeitada de seu estilo, ele refez para aquele tronco uma cabeça e membros, não por uma justaposição mecânica, mas por uma espécie de regeneração orgânica, tal como acontece com os animais que, mutilados, readquirem, por sua força interior, sua forma perfeita.

Sabe-se que essas regenerações são tanto mais bem-sucedidas quanto menos definitivo e menos desenvolvido é o organismo. Era, de fato, o caso de Bérout. Assimilava elementos de qualquer proveniência, às vezes bastante díspares, disparidade que não o chocava nem incomodava, já que frequentemente os fazia passar por uma espécie de acomodação que bastava para lhes conferir uma homogeneidade superficial. Assim, Bérout moderno pôde proceder da mesma forma, exceto quanto a lhes acrescentar em seleção e bom gosto. No fragmento anônimo que dá continuidade ao fragmento de Bérout, na tradução alemã de um poema semelhante ao de Bérout, em Thomas e seus tradutores, nas alusões e nos poemas episódicos, no próprio romance em prosa, foi buscar elementos para poder manter, no trecho conservado, um meio e um fim, sempre procurando, entre as múltiplas variantes do conto, aquela que mais convinha ao espírito e ao tom do fragmento autêntico. Em seguida – e aí está o esforço mais engenhoso e mais delicado da sua arte –, tentou dar a todos esses pedaços esparsos a forma e a cor que Bérout lhes teria dado. Eu não juraria que ele não tivesse escrito todo o poema em versos tão semelhantes quanto possível aos de Bérout, para em seguida traduzi-los em francês moderno, com tanto cuidado quanto o que tivera

com os três mil versos conservados. Se o velho poeta voltasse hoje e procurasse saber o que tinha acontecido com sua obra, ficaria maravilhado ao ver com que carinho, com que inteligência, com que trabalho e êxito ela foi retirada do abismo, sobre o qual apenas um destroço flutuava, e reconstituída ainda mais completa, sem dúvida, mais brilhante e mais viva do que a lançara antes.

Portanto, o livro de Bédier contém um poema francês da metade do século XII, mas composto no fim do século XIX. Assim também era conveniente apresentar aos leitores modernos a história de Tristão e Isolda, já que fora tomando a roupagem francesa do século XII que ela, no passado, apoderara-se de todas as imaginações, já que todas as formas de que essa história se revestiu, desde então, remontam a essa primeira forma francesa, pois vemos forçosamente Tristão sob a armadura de um cavaleiro e Isolda no longo vestido das estátuas de nossas catedrais. Mas essa roupagem francesa e cavaleiresca não é a roupagem primitiva. Adequa-se aos nossos heróis tanto quanto aos da Grécia e de Roma que a Idade Média igualmente paramentava. Percebe-se isso em mais de um traço conservado pelos adaptadores. Bérout, principalmente, que se orgulha de haver apagado alguns vestígios da barbárie primitiva, deixou que dela subsistissem muitos deles. O próprio Thomas, observador mais cuidadoso das regras da cortesia, não deixou de nos revelar aqui e ali estranhas perspectivas sobre o verdadeiro caráter de seus heróis e do meio onde eles se movimentam. Combinando as indicações às vezes bem fugidias dos narradores franceses, chega-se a entrever o que pode ter sido, entre os celtas, esse poema selvagem, totalmente acalentado pelo mar e envolvido pela floresta, cujo herói, um semideus, mais do que um homem, era apresentado como o senhor ou mesmo o inventor de todas as artes bárbaras, matador de cervos e de javalis, perito decepador de caças, lutador e acrobata incomparável, navegador audaz, hábil entre todos os demais em fazer vibrar a harpa e a rota, sabendo imitar, a ponto de iludir, o canto de todos os pássaros, e, com isso, naturalmente, invencível nos combates, domador de monstros, protetor de seus seguidores, implacável com seus inimigos, vivendo uma vida quase sobre-humana, objeto de constante admiração, de devotamento e de inveja. Certamente, esse tipo formou-se há muito tempo no mundo céltico: dizia-se que ele se completava pelo amor.

Não preciso repetir aqui qual é, na lenda de Tristão e Isolda, o caráter da paixão que os aguilhoa e o que faz desta lenda, sob suas diversas formas, a incomparável epopeia do amor. Lembrarei somente que a ideia de simbolizar o amor involuntário, irresistível e eterno, por aquela bebida, cuja ação – e nisso é que esta a diferença dos filtros vulgares – se prolonga durante toda a vida e persiste mesmo depois da morte, que dá à história dos amantes seu caráter fatal e misterioso, evidentemente tem sua origem nas práticas da antiga magia

céltica. Tampouco quero insistir nos traços de costumes e de sentimentos bárbaros que ainda há pouco indiquei, e que a cada instante produzem um efeito tão singular e tão poderoso na tranqüila narrativa dos contistas franceses. Bédier, naturalmente, recolheu-os com predileção, realizando, para completar a obra de Bérout, seu trabalho de mosaicista. Os leitores notá-los-ão sem esforço e sentirão o quanto a história que nossos poetas franceses do século XII contavam a seus contemporâneos era estranha ao meio no qual a propagavam e ao qual se esforçavam inutilmente por enquadrá-la.

O que os atraía, na história de Tristão e Isolda, o que os levava a tentar fazê-la entrar, apesar de todas as dificuldades e das obscuridades que ela lhes apresentava, na forma já consagrada dos poemas em versos octossilábicos, o que fez com efeito o sucesso do seu empreendimento e valeu para essa história, desde que ficou conhecida pelo mundo romano-germânico, uma popularidade sem precedentes, foi o espírito que a anima do começo ao fim, que circula em todos os seus episódios, como o “beber amoroso” nas veias dos dois heróis: a ideia da fatalidade do amor, que o eleva acima de todas as leis. Encarnada nos dois seres de exceção, essa ideia, que responde ao sentimento secreto de tantos homens e de tantas mulheres, tanto apoderou-se dos corações quanto é, aqui, purificada pelo sofrimento e como que consagrada pela morte. Em meio à fragilidade comum às afeições humanas, às decepções renovadas que sofre a ilusão sempre cambiante, o casal Tristão e Isolda, ligado desde o começo por um vínculo misteriosamente indissolúvel, batido por todas as tormentas e a elas resistindo, tentando inutilmente desprender-se e finalmente carregado num derradeiro e eterno abraço, aparecia e ainda aparece como uma das formas desse ideal que o homem não se cansa de fazer pairar acima do real, e cujos aspectos múltiplos e opostos não passam de manifestações diversas de sua aspiração obstinada no sentido da felicidade. Se essa forma é uma das mais sedutoras e das mais comoventes, é também uma das mais perigosas: a história de Tristão e Isolda instilou outrora, sem a menor dúvida, em mais de uma alma, um veneno sutil; e ainda hoje, preparada pelo mágico moderno que lhe acrescentou a força do encantamento musical, a bebida de amor por certo perturbou, pôs a perder, talvez, mais de um coração. Porém, não existe ideal cujo encanto não tenha seu perigo, e, no entanto, não se poderia privar de ideal uma vida sem condená-la ao tédio ou ao melancólico desespero. É preciso saber, quando se passa diante das grutas das sereias, manter-se firmemente agarrado ao mastro, sem renunciar a ouvir a divina melodia que faz os mortais entreverem felicidades sobre-humanas.

De resto, se toda a atração do velho poema subsiste na “renovação” que se vai ler, o perigo que ele poderia apresentar para os contemporâneos de Bérout

fica aí singularmente atenuado para os nossos. As paixões são tanto mais contagiosas para as almas quanto se apresentam em almas semelhantes: quando se trata de almas distantes e muito diferentes, se não no fundo, pelo menos nas condições exteriores de sua atividade, as paixões conservam toda a sua grandeza e sua beleza, mas perdem muito de sua força sugestiva. O Tristão e a Isolda de Bérout, ressuscitados por Bédier, com seus trajes e comportamentos de antigamente, com seus modos de viver, de sentir e de falar meio bárbaros meio medievais, serão para os leitores modernos como os personagens de um velho vitral, de gestos rígidos, de expressões ingênuas, de fisionomias enigmáticas. Mas, por trás dessa imagem, marcada pelo sinete especial de uma época, vê-se, como o sol por trás do vitral, resplandecer a paixão, sempre idêntica a si mesma, que a ilumina e a faz fulgurar inteiramente. Um eterno tema das meditações do pensamento e dos tumultos do coração, representado por figuras cujo próprio arcaísmo constitui o interesse, aí está todo o poema do renovador de Bérout. Aí já temos com que encantar os leitores curiosos ao mesmo tempo de história e de poesia. Mas o que não pude dizer, o que se descobrirá com encanto na leitura dessa obra antiga, é a maravilha dos detalhes, a misteriosa beleza mítica de certos episódios, a feliz invenção de outros mais modernos, o imprevisto das situações e dos sentimentos, tudo o que fez deste poema uma mistura única de vetustez imemorial e de frescor sempre novo, de melancolia céltica e de graça francesa, de naturalismo poderoso e de fina psicologia. Não tenho dúvida de que ele irá encontrar entre os nossos contemporâneos o êxito que obteve junto aos nossos antepassados do tempo das cruzadas. Pertence de fato àquela “literatura do mundo” de que falava Goethe. Tinha desaparecido por força de uma má sorte imerecida: devemos ser infinitamente gratos a Joseph Bédier por tê-lo feito reviver.

*Gaston Paris
1900*

Como M. G. Paris o expôs com tão boa vontade, procurei evitar toda confusão entre o antigo e o moderno. Escoimar os disparates, os anacronismos, os exageros, verificar acuradamente o Vetusta scribenti néscio quo pacto antiquus fit animus, nunca misturar nossas concepções modernas com as formas antigas de pensar e de sentir, esse foi o meu propósito, meu esforço, e, sem dúvida, infelizmente, minha quimera. Meu texto, porém, encerra elementos

muito variados, e, se eu fosse indicar minhas fontes pormenorizadamente, teria de encher os rodapés das páginas deste livrinho de tantas notas quantas Becq de Fouquières colocou nas poesias de André Chénier. Devo, ao leitor, pelo menos, as indicações gerais apresentadas a seguir. Os fragmentos conservados dos antigos poemas franceses foram, em sua maioria, publicados por Francisque Michel. Tristan, coletânea do que resta dos poemas relativos a suas aventuras (Paris, Techener, 1835-1939)¹. O [capítulo I](#) de nosso romance (As infâncias de Tristão) é feito de empréstimos dos diversos poemas, mas, sobretudo, do poema de Thomas. – Os [capítulos II e III](#) são tratados segundo Eilhart d'Oberq (edição Lichtenstein, Strasburgo, 1878). – Para escrever o [capítulo IV](#) (O filtro), inspiramo-nos em todo o conjunto da tradição, mas, sobretudo, na narrativa de Eilhart. Alguns trechos são tirados de Gottfried de Strasburgo (ed. W. Golther, Berlim e Stuttgart, 1888). – [Capítulo V](#) (Brangien entregue aos servos.): segundo Eilhart. – [Capítulo VI](#) (O grande pinheiro). No meio deste capítulo, à chegada de Isolda para o encontro sob o pinheiro, começa o fragmento de Béroul, que seguimos fielmente nos [capítulos VII, VIII, IX, X, XI](#), modificando aqui e acolá a narrativa em vista do poema de Eilhart. – [Capítulo XII](#) (O julgamento pelo ferro em brasa). Resumo muito livre do fragmento anônimo que se segue ao fragmento de Béroul. – [Capítulo XIII](#) (A voz do rouxinol). Inserido segundo um poema didático do século XIII, o Domnei des Amanz. – [Capítulo XIV](#) (O guizo maravilhoso). Tirado de Gottfried de Strasburgo. – [Capítulos XV-XVII](#). Os episódios de Kariado e de Tristão leproso são tomados por empréstimo a Thomas; o restante é tratado, de modo geral, segundo Eilhart. – [Capítulo XVIII](#) (Tristão louco). Remanejamento de um pequeno poema francês, episódico e independente. – [Capítulo XIX](#) (A morte). Traduzido de Thomas; tomam-se por empréstimo episódios à Eilhart e ao romance em prosa francesa contido no ms. 103 do fonds français da Bibliothèque Nationale.

J.B.

1. Indico aqui edições mais recentes, que fazem parte das publicações da *Société des anciens textes français* (Paris, Didot): 1. *Le Roman de Tristan*, por Béroul, publicado por Ernest Muret, 1 vol. in-8°, 1904 – 2. *Le Roman de Tristan*, por Thomas, trovador anglo-normando do século XII, publicado por Joseph Bédier, 2 vol. in-8°, 1903 e 1905 – *Les deux poèmes de Tristan fou*, publicados por Joseph Bédier, 1 vol. in-8°, 1908.

I. As infâncias de Tristão

*Du waerest zwâre baz genant:
Juvente bele et la riant!*

Gottfried de Strasburgo

Quereis ouvir, senhores, um belo conto de amor e de morte? É de Tristão e Isolda, a rainha. Ouvi como em alegria plena e em grande aflição eles se amaram, depois morreram no mesmo dia, ele por ela, ela por ele.

Em tempos passados, o rei Marc reinava nas Cornualhas. Ao saber que seus inimigos lhe faziam guerra, Rivalen, rei de Loonnois, transpôs o mar para levar-lhe ajuda. Serviu-o pela espada e pelo conselho, como teria feito um vassalo, tão fielmente, que Marc lhe deu em recompensa a bela Blanchefleur, sua irmã, que o rei Rivalen amava com um amor maravilhoso.

Ele desposou-a no mosteiro de Tintagel. Mas assim que a esposou chegou-lhe a notícia de que seu velho inimigo, o duque Morgan, ao atacar Loonnois, arruinava seus burgos, seus campos, suas cidades. Rivalen equipou suas naus às pressas e levou Blanchefleur, que estava grávida, para sua terra distante. Aportou diante do seu castelo de Kanoël, confiou a rainha à guarda de seu marechal Rohalt, que, por sua lealdade, todos chamavam por um belo nome, Rohalt, o Defensor da Fé; depois, tendo reunido seus barões, Rivalen partiu para fazer sua guerra.

Blanchefleur esperou-o por muito tempo. Infelicidade! Ele não regressaria. Certo dia, ela soube que o duque Morgan o matara à traição. Não o chorou: nem gritos, nem lamentos, mas seus membros tornaram-se fracos e inúteis; sua alma quis, com forte desejo, desprender-se do seu corpo. Rohalt esforçava-se por consolá-la:

– Rainha – dizia ele –, nada se pode ganhar com lutos e mais lutos; não devem morrer todos os que nascem? Que Deus receba os mortos e preserve os

vivos!...

Porém ela não quis escutá-lo. Por três dias esperou poder reunir-se ao seu caro senhor. No quarto dia, deu à luz um filho e, segurando-o nos braços, disse-lhe:

– Filho, por muito tempo desejei ver-te; e vejo a mais bela criatura que mulher alguma jamais carregou. Triste trago-te ao mundo, triste é a primeira festa que te faço, por tua causa morro de tristeza. E, como vieste ao mundo por tristeza, terás o nome de Tristão.

Quando acabou de dizer essas palavras, beijou-o e, assim que o beijou, morreu.

Rohalt, o Defensor da Fé, recolheu o órfão. Os homens do duque Morgan já cercavam o castelo de Kanoël: como Rohalt teria podido sustentar por mais tempo essa guerra? Com justeza se diz: “Desatino não é valentia”; ele teve de se render ao duque Morgan. Mas, temendo que Morgan estrangulasse o filho de Rivalen, o marechal fê-lo passar por seu próprio filho e educou-o entre os seus.

Passados sete anos, quando chegou o tempo de tirá-lo das mulheres, Rohalt confiou Tristão a um sábio mestre, o bom escudeiro Gorvenal. Gorvenal ensinou-lhe em poucos anos as artes que convêm aos barões. Ensinou-o a manejar a lança, a espada, o escudo e o arco, a lançar discos de pedra e transpor de um salto os mais largos fossos; ensinou-o a detestar toda mentira e toda felonía, a socorrer os fracos, a cumprir a palavra dada; ensinou-lhe diversos modos de canto, a tocar harpa e a arte do caçador; e, quando o menino cavalgava entre os jovens escudeiros, dir-se-ia que seu cavalo, suas armas e ele formavam um só corpo e nunca antes tinham sido separados. Ao vê-lo tão nobre e tão altivo, ombros largos, quadris estreitos, forte, fiel e valente, todos elogiavam Rohalt por ter um filho assim. Mas Rohalt, pensando em Rivalen e em Blanchefleur, cuja juventude e graça nele reviviam, amava Tristão como seu filho, e secretamente o reverenciava como seu senhor.

Ora, aconteceu que toda a sua alegria lhe foi arrebatada no dia em que mercadores da Noruega, atraindo Tristão para a nau deles, levaram-no como uma bela presa. Enquanto singravam os mares rumo a terras desconhecidas, Tristão se debatia, como um pequeno lobo preso numa armadilha. Mas é verdade comprovada e todos os marinheiros o sabem: o mar carrega de má vontade as naus traidoras, e não dá ajuda aos raptos nem às traições. Revoltou-se furioso, cobriu de trevas a nau e a lançou por oito dias e oito noites ao acaso. Finalmente, os marinheiros perceberam através da bruma uma costa erizada de falésias e de arrecifes onde o mar queria arrebentar a sua quilha. Arrependeram-se: sabendo que o ódio do mar advinha daquela criança em má hora sequestrada, fizeram promessas de soltá-la e prepararam um barco para depositá-la na margem, em

terra. Logo amainaram os ventos e as vagas, o céu brilhou e, enquanto a nau dos noruegueses desaparecia ao longe, as ondas acalmadas e sorridentes levaram o barco de Tristão às areias de uma praia.

Com muito esforço, ele subiu sobre o rochedo e viu que, para além de uma terra deserta e cheia de vales, uma floresta se estendia interminavelmente. Lamentava-se, com saudades de Gorvenal, de Rohalt, seu pai, e da terra de Loonnois, quando o ruído distante de uma caça com cometas e cães alegrou seu coração. Na borda da floresta, um belo cervo desembocou. A matilha de cães e os caçadores desciam ao seu encalço com grande barulho de vozes e cornetas. Mas, como os cães de caça já se dependuravam em pencas ao couro do seu cachaço, o animal, a poucos passos de Tristão, dobrou as pernas e rendeu-se ao desespero. Um caçador matou-o com o chuço. Enquanto os caçadores, formados em círculo, tocavam as cometas anunciando a presa, Tristão, espantado, viu o caçador-chefe talhar fundo o pescoço do cervo, como para decepá-lo. Ele exclamou:

– Que estás fazendo, senhor? É certo decepar um animal tão nobre como se fosse um porco estrangulado? É costume deste país?

– Amigo – respondeu o caçador –, o que estou fazendo que possa te causar surpresa? Sim, primeiro separo a cabeça deste cervo, depois retallo seu corpo em quatro quartos, que levaremos pendurados nos arções de nossas selas para o rei Marc, nosso senhor. Assim fazemos; assim, desde a época dos mais antigos caçadores, sempre fizeram os homens das Cornualhas. Se, no entanto, conheces algum costume mais louvável, mostra-nos; toma esta faca, amigo; de bom grado aprendê-lo-emos.

Tristão pôs-se de joelhos e tirou o couro do cervo antes de desmanchá-lo; em seguida cortou em pedaços a cabeça, deixando, como convém, o osso livre; depois arrancou os miúdos direitos, o focinho, a língua, os testículos e a veia do coração.

E caçadores e encarregados dos cães de caça, inclinados sobre ele, apreciavam-no, encantados.

– Amigo – disse o caçador-chefe –, são belos esses costumes; em que terra os aprendeste? Dize-nos o teu país e o teu nome.

– Belo senhor, chamam-me Tristão; e aprendi esses costumes em meu país de Loonnois.

– Tristão – disse o caçador –, que Deus recompense o pai que te criou tão nobremente! Sem dúvida, ele é um barão rico e poderoso.

Mas Tristão, que sabia falar e calar, respondeu com astúcia:

– Não, senhor, meu pai é um mercador. Deixei secretamente a sua casa em uma nau que partia para mercadejar por terras distantes, pois eu queria aprender

como se comportam os homens dos países estrangeiros. Mas, se o senhor me aceita entre seus caçadores, segui-lo-ei de bom grado e ensinar-lhe-ei, belo senhor, outros divertimentos da arte da caça.

– Belo Tristão, admiro-me de que haja uma terra onde os filhos dos mercadores sabem o que ignoram, em outros lugares, os filhos dos cavaleiros. Mas vem conosco, se assim o desejas, e sê bem-vindo. Levar-te-emos até o rei Marc, nosso senhor.

Tristão acabava de desmanchar o cervo. Deu aos cães o coração, a cabeça e as entranhas, e ensinou aos caçadores como se deve fazer a ceva e os intestinos. Em seguida espetou em forcados os pedaços bem divididos e entregou-os aos diferentes caçadores: a um a cabeça, ao outro o lombo e os grandes filés; a estes as pás, àqueles as pernas, a este outro os músculos das coxas. Ensinou-lhes como deviam se emparelhar dois a dois para cavalgar em bela ordem, segundo a nobreza das peças de veação arrumadas nos forcados.

Então, puseram-se a caminho conversando animadamente, até que divisaram finalmente um rico castelo. Prados o cercavam, pomares, águas de nascentes, lugares para pescarias e terras de cultivo. Numerosas naus entravam no porto. O castelo elevava-se diante do mar, forte e belo, bem guarnecido contra qualquer assalto e contra todos os engenhos de guerra; e sua torre principal, outrora erguida pelos gigantes, era construída com blocos de pedra, grandes e bem talhados, dispostos como um tabuleiro de sinople e de azul.

Tristão perguntou o nome daquele castelo.

– Belo jovem, chamam-no Tintagel.

– Tintagel – exclamou Tristão –, bendito sejas tu, e benditos sejam teus habitantes!

Senhores, fora lá que outrora, com grande alegria, seu pai Rivalen havia desposado Blanchefleur. Mas Tristão o ignorava.

Quando chegaram ao pé do torreão, as fanfarras dos caçadores atraíram às portas os barões e o próprio rei Marc.

Depois que o caçador-chefe contou-lhe a aventura, Marc admirou a bela equipagem daquela cavalgada, o cervo bem desmembrado, e o grande sentido dos costumes da arte de caçar com cães amestrados. Mas ele admirava sobretudo o belo menino estrangeiro, e seus olhos não podiam dele se afastar. De onde lhe vinha aquela ternura primeira? O rei interrogava seu coração e não podia compreendê-lo. Senhores, era o seu sangue que se emocionava e falava dentro dele e o amor que outrora ele votara à sua irmã Blanchefleur.

À noite, quando as mesas foram retiradas, um menestrel galês, mestre na sua arte, adiantou-se por entre os barões reunidos e cantou trovas de harpa. Tristão estava sentado aos pés do rei e, como o harpista preludiasse uma nova melodia,

Tristão falou-lhe assim:

– Mestre, essa trova é bela entre todas: outrora os antigos bretões compuseram-na para celebrar os amores de Graelent. A melodia é doce, e doces são as palavras. Mestre, tua voz é hábil, harpeja-a bem!

O galés cantou, depois respondeu:

– Menino, o que sabes então da arte dos instrumentos? Se os mercadores da terra de Loonnois também ensinam seus filhos a tocar harpas, rotas e vielas, levanta-te, toma esta harpa e mostra tua habilidade.

Tristão pegou a harpa e cantou de maneira tão bela que os barões enterneceram-se ao ouvi-lo. E Marc admirava o harpista vindo daquele país para onde outrora Rivalen havia levado Blanchefleur.

Quando a trova foi encerrada, o rei ficou muito calado.

– Filho – disse ele finalmente –, bendito seja o mestre que te ensinou e bendito sejas tu! Deus ama os bons cantores. A voz deles e a voz da sua harpa penetram no coração dos homens, despertam suas lembranças mais caras e fazem-nos esquecer muita tristeza e muito malefício. Para nossa alegria vieste a esta morada. Fica muito tempo perto de mim, amigo!

– Com prazer, servir-vos-ei, sire – respondeu Tristão –, como vosso harpista, vosso caçador e vosso vassalo.

Assim fez ele, e, no correr de três anos, medrou em seus corações uma ternura mútua. Durante o dia, Tristão acompanhava Marc às audiências ou à caça e, à noite, como ocupasse para dormir o aposento real entre os íntimos e os fiéis, se o rei estivesse triste, ele tocava harpa para mitigar seu desalento. Os barões queriam-lhe bem e, mais do que todos, como a história mostrará, o senescal Dinas de Lidan. Porém, com mais ternura do que os barões e do que Dinas de Lidan, o rei amava-o. Apesar de sua ternura, Tristão não se consolava por ter perdido Rohalt, seu pai, e seu mestre Gorvenal, bem como a terra de Loonnois.

Senhores, o contador que quer agradar deve evitar as histórias demasiado longas. A matéria deste conto é tão bela e tão diversa: de que serviria alongá-lo? Direi pois, de modo breve, como, após ter vagado durante muito tempo por mares e países, Rohalt, o Defensor da Fé, aportou nas Cornualhas, reencontrou Tristão e, mostrando ao rei o carbúnculo por ele dado um dia a Blanchefleur como precioso presente de núpcias, disse-lhe:

– Rei Marc, este aqui é Tristão de Loonnois, vosso sobrinho, filho de vossa irmã Blanchefleur e do rei Rivalen. O duque Morgan governa sua terra muito injustamente; é hora de ela voltar ao seu herdeiro de direito.

E direi em poucas palavras como Tristão, tendo recebido de seu tio as armas de cavaleiro, transpôs o mar nas naus das Cornualhas, fez-se reconhecer pelos antigos vassalos de seu pai, desafiou o assassino de Rivalen, matou-o e

recuperou sua terra.

Depois ele imaginou que o rei Marc não podia mais viver feliz sem ele e, como a nobreza de seu coração sempre lhe revelasse o partido mais sábio a adotar, convocou os seus condes e seus barões e falou-lhes assim:

– Senhores de Loonnois, reconquistei este país e vinguei o rei Rivalen com a ajuda de Deus e com a vossa ajuda. Assim, devolvi ao meu pai seu direito. Mas dois homens, Rohalt e o rei Marc das Cornualhas, ampararam o órfão e o menino errante, e também devo chamá-los de pais; a eles, da mesma maneira, não devo por acaso devolver seu direito? Ora, a um homem eminente duas coisas pertencem: sua terra e seu corpo. Assim, pois, a Rohalt, que aqui está, deixarei minha terra: pai, governá-la-eis e vosso filho governá-la-á depois de vós. Ao rei Marc, deixarei meu corpo; sairei deste país, embora ele me seja muito caro, e irei servir ao meu senhor Marc nas Cornualhas. Esse é o meu pensamento; mas sois meus fiéis amigos, senhores de Loonnois, e deveis me aconselhar; se então um de vós quiser apresentar-me uma outra resolução, que se levante e fale!

Mas todos os barões louvaram-no com lágrimas, e Tristão, levando consigo somente Gorvenal, rumou para a terra do rei Marc.

II. O Morholt da Irlanda

*Tristrem seyð: “Ywis,
Ywil defende it as knizt”.*

Sir Tristrem

Quando Tristão para lá voltou, Marc e toda a sua baronia estavam mergulhados em grande pesar. Pois o rei da Irlanda havia equipado uma frota para devastar as Cornualhas, se Marc continuasse se recusando, como vinha fazendo havia quinze anos, a pagar um tributo outrora pago por seus antepassados. Ora, sabei que, segundo antigos tratados, os irlandeses podiam arrecadar, nas Cornualhas, no primeiro ano trezentas libras de cobre, no segundo ano trezentas libras de prata fina e, no terceiro, trezentas libras de ouro. Mas, quando chegava o quarto ano, eles levavam trezentos moços e trezentas moças, com a idade de quinze anos, sorteados entre as famílias das Cornualhas. Ora, naquele ano, o rei tinha enviado a Tintagel, para levar sua mensagem, um cavaleiro gigante, o Morholt, cuja irmã ele havia desposado e a quem ninguém jamais pudera vencer em combate. O rei Marc, porém, por cartas com timbre oficial, havia convocado à sua corte todos os barões de sua terra, para ouvir seu parecer.

Na data marcada, quando os barões reuniram-se na sala do trono do palácio e Marc tomou assento sob o dossel, o Morholt falou assim:

– Rei Marc, ouve pela última vez o mandamento do rei da Irlanda, meu senhor. Admoesta-te a pagar enfim o tributo que lhes deves. Pelo fato de o teres recusado por demasiado tempo, exige que me entregues neste dia trezentos moços e trezentas moças, com idade de quinze anos, sorteados entre as famílias das Cornualhas. Minha nau, ancorada no porto de Tintagel, levá-los-á para serem nossos servos. No entanto – e, como convém, só faço exceção a ti, rei Marc –, se algum dos teus barões quiser provar por combate que o rei da Irlanda não tem o direito de arrecadar este tributo, aceitarei tua prova. Qual dentre vós, senhores

cornualheses, quer combater pela libertação deste país?

Os barões entreolharam-se furtivamente, depois baixaram a cabeça. Este dizia consigo mesmo: “Considera, desgraçado, a estatura do Morholt da Irlanda: é mais forte do que quatro homens robustos. Olha a sua espada: então não sabes que por magia ela faz voar a cabeça dos mais ousados campeões, em tantos anos que o rei da Irlanda manda esse gigante lançar seus desafios pelas terras vassalas? Infeliz, queres encontrar a morte? Para que tentar a Deus?” Aquele outro imaginava: “Eu vos criei, caros filhos, para os serviços escravos, e vós, caras filhas, para os de mulheres da vida? Mas minha morte não vos salvaria.”

E todos se calavam.

O Morholt continuou dizendo:

– Qual dentre vós, senhores cornualheses, quer aceitar minha prova? Ofereço-vos uma bela batalha, pois daqui a três dias alcançaremos em barcos a ilha Saint-Samson, ao largo de Tintagel. Lá, o vosso cavaleiro e eu combateremos, só nós dois, e o louvor por ter tentado a batalha refletir-se-á sobre toda a família.

Eles continuavam calados, e o Morholt parecia o gerifalte que fecham numa gaiola junto com pequenos pássaros: quando ele entra, todos ficam mudos.

O Morholt falou pela terceira vez:

– Então, belos senhores cornualheses, já que este partido vos parece o mais nobre, sorteai vossos filhos e levá-los-ei! Mas eu não acreditava que este país fosse habitado só por escravos.

Então Tristão ajoelhou-se aos pés do rei Marc e disse:

– Senhor rei, se quiserdes conceder-me essa dádiva, eu combaterei.

Em vão o rei Marc quis dissuadi-lo. Ele era um jovem cavaleiro: de que lhe serviria seu denodo? Mas Tristão deu seu assentimento ao Morholt, e o Morholt aceitou-o.

No dia apazado, Tristão colocou-se sob uma colcha de cendal vermelho e se fez armar para a grande aventura. Vestiu a loriga e o elmo de aço polido e brilhante. Os barões choravam de compaixão pelo destemido e de vergonha por eles mesmos. “Ah! Tristão – diziam eles entre si –, corajoso barão, bela juventude, por que não fui eu e não tu quem empreendeu essa batalha! Minha morte causaria menos luto sobre esta terra!...” Dobram os sinos, e todos, os da baronia como os da raia miúda, velhos, crianças e mulheres, chorando e rezando, acompanham Tristão até a praia. Ainda esperavam, pois a esperança no coração dos homens vive de magro sustento.

Tristão subiu sozinho num barco e navegou a toda vela rumo à Ilha de Saint-Samson. Mas o Morholt havia içado em seu mastro uma vela de rica púrpura e chegou primeiro à ilha. Amarrou sua embarcação na praia, ao passo que Tristão,

aportando por sua vez, afastou com o pé a sua para o mar.

– Vassalo, que fazes? – disse o Morholt. – E por que não seguraste como eu tua embarcação por uma amarra?

– Vassalo, para quê? – respondeu Tristão. – Só um de nós voltará vivo daqui: não te basta uma única embarcação?

E ambos, animando-se para o combate com palavras injuriosas, embrenharam-se na ilha.

Ninguém viu a violenta batalha; mas, por três vezes, pareceu que a brisa do mar trazia à praia um grito furioso. Então, em sinal de luto, as mulheres batiam palmas em coro, e os companheiros do Morholt, amontoados à parte diante de suas tendas, riam. Finalmente, lá pela hora de noa, viu-se ao longe a vela púrpura içada; a barca do irlandês largou da ilha, e um clamor de angústia ecoou pelos ares: “O Morholt! O Morholt!” Mas, como a barca crescesse, de súbito, na crista de uma vaga, mostrou-se um cavaleiro de pé na proa; cada um dos seus punhos brandia uma espada: era Tristão. Logo vinte barcos voaram ao seu encontro e os moços lançaram-se à água para nadar. O bravo saltou para a praia e, enquanto as mães, de joelhos, beijavam seus calções de ferro, gritou para os companheiros do Morholt:

– Senhores da Irlanda, o Morholt combateu muito. Vede: minha espada está com brechas, um fragmento da lâmina ficou encravado no crânio dele. Levai esse pedaço de aço, senhores: é o tributo dos cornualheses!

Então ele subiu ao Tintagel. À sua passagem, as crianças libertadas agitavam ramos verdes, em altos brados, e ricos tecidos eram estendidos nas janelas. Mas, quando entre os cânticos de alegria, o dobre dos sinos, o barulho das trompas e das buzinas, tão ensurdecadores que não se teria ouvido Deus trovejar, Tristão chegou ao castelo, desabou entre os braços do rei Marc. O sangue corria de suas feridas.

Com grande pesar, os companheiros do Morholt desembarcaram na Irlanda. Não fazia muito tempo, quando voltava ao porto de Weisefort, o Morholt rejubilava-se ao rever seus homens reunidos que o aclamavam em multidão, e a rainha, sua irmã, e sua sobrinha, Isolda, a Loura, a dos cabelos de ouro, cuja beleza brilhava como a aurora que se levanta. Ternamente elas o acolhiam e, se ele tivesse recebido algum ferimento, elas o curavam; pois conheciam os bálsamos e bebidas que reanimam os feridos já quase à morte. Mas de que lhes serviriam agora as receitas mágicas, as ervas colhidas na hora certa, os filtros? Ele jazia morto, costurado num couro de cervo, e o fragmento da espada inimiga ainda cravado em seu crânio. Isolda, a Loura, o retirou para encerrá-lo em um cofrezinho de marfim, precioso como um relicário. E, debruçadas sobre o grande cadáver, a mãe e a filha, repetindo interminavelmente a louvação do morto e

lançando sem descanso a mesma imprecação contra o assassino, mantinham por turno entre as mulheres as lamentações fúnebres. A partir daquele dia, Isolda, a Loura, aprendeu a odiar o nome de Tristão de Loonnois.

Mas, em Tintagel, Tristão definhava: um sangue envenenado escorria das suas feridas. Os médicos verificaram que o Morholt enfiara em sua cara uma lança envenenada, e, como suas poções e as suas teriagas não podiam salvá-lo, confiaram-no aos poderes de Deus. Um mau cheiro tão odioso exalava de suas chagas, que seus amigos mais queridos fugiam dele, todos, menos o rei Marc, Gorvenal e Dinas de Lidan. Somente eles podiam ficar à sua cabeceira; o amor que tinham superava seu horror. Finalmente, Tristão fez-se levar para uma cabana afastada, construída na praia; e, deitado diante das ondas, esperava a morte. E pensava: “Vós então me abandonastes, rei Marc, a mim que salvei a honra da vossa terra? Não, sei que não, bom tio, sei que daneis a vossa vida pela minha; mas que poderia a vossa ternura? É preciso que eu morra. É doce, no entanto, ver o sol, e meu coração ainda é corajoso. Quero tentar o mar cheio de aventuras... Quero que ele me leve para longe, sozinho. Para que terra? Não sei, mas talvez para onde encontre quem me cure. E talvez um dia servir-vos-ei ainda, bom tio, como vosso harpista, vosso caçador e vosso bom vassalo.”

Tanto suplicou, que o rei Marc atendeu ao seu desejo. Levou-o para um barco sem remos nem vela, e Tristão quis apenas que perto dele depositassem sua harpa. Para que as velas, se seus braços não poderiam içá-las? Para que os remos? Para que a espada? Como um marinheiro, no curso de uma longa travessia, lança por cima da amurada de bordo o cadáver de um antigo companheiro, assim, com braços trêmulos, Gorvenal empurrou para o largo a barca onde jazia seu querido filho, e o mar carregou-o.

Sete dias e sete noites, carregou-o docemente. Às vezes, Tristão tocava a harpa para iludir seu sofrimento. Por fim, o mar, sem que ele o soubesse, aproximou-o de uma praia. Ora, naquela noite, pescadores tinham deixado o porto para lançar suas redes ao largo, e remavam, quando ouviram uma melodia muito doce, ousada e viva, que corria rente às ondas. Imóveis, seus remos suspensos por sobre as vagas, eles escutavam; aos primeiros albores da aurora, perceberam a barca errante. “Assim – diziam entre si –, uma música sobrenatural envolvia a nau de São Brendan, quando ela vogava rumo às ilhas Fortunées sobre o mar tão branco quanto o leite.” Remaram para alcançar a barca: ela ia à deriva, e nela nada parecia ter vida, a não ser a voz da harpa; porém, ao se aproximarem, a melodia enfraqueceu, cessou e, quando acostaram, as mãos de Tristão tinham tornado a cair inertes sobre as cordas ainda frementes. Recolheram-no e voltaram para o porto a fim de confiá-lo à sua dama caridosa, que talvez soubesse curá-lo.

Infelicidade! Aquele porto era Weisefort, onde jazia morto o Morholt, e a dama caridosa era Isolda, a Loura. Somente ela, hábil nos filtros, podia salvar Tristão; mas só ela, entre as mulheres, queria a morte dele. Quando Tristão, reanimado por sua arte, voltou a si, compreendeu que as ondas tinham-no lançado numa terra de perigo. Mas, ainda com coragem para defender sua vida, soube encontrar rapidamente belas palavras astuciosas. Contou que era um trovador que viera num navio mercante; navegava para a Espanha a fim de lá aprender a arte de ler nas estrelas; piratas tinham atacado a nau: ferido, ele fugira naquela barca. Acreditaram nele; nenhum dos companheiros do Morholt reconheceu nele o belo cavaleiro da ilha de Saint-Samson, tão horrorosamente o veneno tinha deformado seus traços. Mas, quando após quarenta dias Isolda dos cabelos de ouro quase o tinha curado, como nos seus membros abrandados já começasse a renascer a graça da juventude, ele compreendeu que era preciso fugir; escapou e, depois de passar por vários perigos, eis que um dia reapareceu diante do rei Marc.

III. Em busca da Bela dos cabelos de ouro

*Em po d'ore vos oi paiée
O la parole do chevol,
Dont jo aipuis eü grand dol.*

Lai de la folie, Tristão

Havia na corte do rei Marc quatro barões, os mais desleais dos homens, que odiavam Tristão com ódio de morte por causa de sua façanha e do terno amor que o rei lhe dedicava. E eu sei repetir os nomes deles. Andret, Guenelon, Gondoine e Denoalen; ora, o duque Andret era, como Tristão, sobrinho do rei Marc. Sabendo que o rei pensava em envelhecer sem filhos para deixar sua terra a Tristão, a inveja deles exasperou-se e, por meio de mentiras, predispueram contra Tristão os homens eminentes das Cornualhas:

– Quantas maravilhas na vida dele! – diziam os traidores. – Mas sois homens de grande senso, senhores, que sabeis, sem dúvida, as causas disso. Que ele tenha ganho do Morholt, aí já está um grande prodígio; mas por que magias pôde ele, quase morto, vogar sozinho sobre o mar? Qual de nós, senhores, dirigiria uma nau sem remos nem vela? Os mágicos podem fazê-lo, é o que dizem. Depois, em que país de sortilégio pôde ele achar remédio para suas chagas? Certamente, ele é um bruxo; sim, sua barca era fada e igualmente sua espada, e sua harpa é encantada, vertendo a cada dia venenos no coração do rei Marc! Como ele soube domar esse coração por força e magia da feitiçaria! Será rei, senhores, e receberéis vossas terras de um mágico!

Eles persuadiram a maioria dos barões, pois muitos homens não sabiam que o que é do poder dos mágicos o coração também pode conseguir pela força do amor e da coragem. Foi por isso que os barões pressionaram o rei Marc a tomar como esposa uma filha de rei, que lhe desse herdeiros; se ele recusasse, retirar-se-iam para seus fortes castelos para guerreá-lo. O rei resistia e jurava em seu coração que, enquanto vida tivesse seu querido sobrinho, nenhuma filha de rei

entraria em seu leito. Mas Tristão, que mal suportava a vergonha da suspeita de amar seu tio por conveniência, ameaçou-o: que o rei se rendesse à vontade de seus barões; caso contrário, ele abandonaria a corte, iria servir ao rico rei da Gavoia. Então Marc fixou um prazo aos seus barões: dentro de quarenta dias diria o seu pensamento.

No dia marcado, sozinho em seu quarto, esperava a vinda deles e pensava com tristeza: “Onde encontrar filha de rei tão distante e inacessível que eu possa fingir, mas só fingir, querê-la como esposa?”

Nesse instante, pela janela aberta sobre o mar, duas andorinhas que construíram seu ninho entraram brigando; em seguida, bruscamente assustadas, desapareceram. Mas de seus bicos escapara um longo cabelo de mulher, mais fino do que um fio de seda, que brilhava como um raio de sol.

Marc, tendo-o apanhado, mandou entrar os barões e Tristão disse-lhes:

– Para agradar-vos, senhores, contrairei matrimônio, se, todavia, quiserdes ir buscar aquela que escolhi.

– Certamente, nós o queremos, bom senhor; quem é aquela que escolhesteis?

– Escolhi aquela a quem pertenceu este cabelo de ouro, e sabeis que de modo algum vou querer qualquer outra.

– E de que lugar, bom senhor, vos vem este cabelo de ouro? Quem o trouxe? E de que país?

– Vem-me, senhores, da Bela dos cabelos de ouro; duas andorinhas trouxeram-mo; elas sabem de que país.

Os barões compreenderam que tinham sido ridicularizados e enganados. Olhavam para Tristão com despeito, pois desconfiavam ter sido ele quem aconselhara aquele engodo. Mas Tristão, ao examinar o cabelo de ouro, lembrou-se de Isolda, a Loura. Sorriu e falou assim:

– Rei Marc, caís em grande erro; não vedes que as suspeitas destes senhores infamam-me? Mas em vão preparastes este ludíbrio: irei em busca da Bela dos cabelos de ouro. Sabeis que a busca é perigosa e que me será mais difícil voltar do país dela do que da ilha onde matei o Morholt; mas novamente quero arriscar por vós, bom tio, meu corpo e minha vida. Para que os vossos barões saibam se vos amo com amor leal, empenho minha fé por este juramento: morrerei na ação empreendida, ou trarei para este castelo de Tintagel a Rainha dos cabelos louros.

Ele equipou uma bela nau, que guarneceu de frumento, de mel e de todas as boas vitualhas. Mandou entrar nela, além de Governal, cem jovens cavaleiros de alto bordo, escolhidos entre os mais ousados, e embuçou-os de cotas de burel e de capas de camelão grosseiro, de maneira que se parecessem com mercadores; mas, sob a cobertura da nau, escondiam as ricas vestimentas de tecido de ouro, de

cendal e de escarlate, que convém aos mensageiros de um rei poderoso.

Quando a nau pôs-se ao largo, o piloto perguntou:

- Bom senhor, para que terra vamos navegar?
- Amigo, ruma para a Irlanda, diretamente ao porto de Weisefort.

O piloto estremeceu. Por acaso não sabia Tristão que, desde o assassinato do Morholt, o rei da Irlanda perseguia as naus cornualhesas? Os marinheiros que eram apanhados ele os mandava enforcar em patíbulo. O piloto, no entanto, obedeceu e rumou para a terra perigosa.

Primeiramente, Tristão soube persuadir os homens de Weisefort de que seus companheiros eram mercadores vindos da Inglaterra para negociar em paz. Porém, como esses mercadores de estranha espécie consumiam o dia nos nobres jogos das mesas e do xadrez e pareciam entender melhor o manejo dos dados do que a pesagem do frumento, Tristão temia ser descoberto e não sabia como proceder à busca que pretendia.

Ora, certa manhã, ao romper da aurora, ouviu uma voz tão pavorosa, que mais parecia o berro de um demônio. Jamais vira um bicho guinchar daquela maneira tão horrível e tão maravilhosa. Chamou uma mulher que passava pelo porto:

– Dizei-me, senhora – falou ele –, de onde vem essa voz que ouvi? Não mo oculteis.

– Certamente, sire, vo-lo direi sem mentira. Vem de um bicho feroz e o mais horrendo que possa existir no mundo. A cada dia, desce de sua caverna e detém-se numa das portas da cidade. Ninguém pode sair de lá, ninguém pode entrar, sem entregar ao dragão uma jovem donzela; e, logo que a tem entre as garras, ele a devora em menos tempo do que se leva para rezar um pai-nosso.

– Senhora – disse Tristão –, não zombeis de mim, mas dizei-me se seria possível a um homem nascido de mãe matá-lo em combate.

– Ao certo, belo e doce sire, não sei; o que garantem é que vinte cavaleiros experimentados já tentaram a sorte; pois o rei da Irlanda proclamou por voz de arauto que daria sua filha Isolda, a Loura, a quem matasse o monstro; mas o monstro os devorou a todos.

Tristão deixou a mulher e voltou para a nau. Armou-se em segredo, e teria sido uma beleza ver sair da nau daqueles mercadores tão rico cavalo de batalha e tão soberbo cavaleiro. Mas o porto estava deserto, pois acabava de amanhecer, e ninguém viu o bravo cavalgar até a porta que a mulher lhe havia mostrado. De repente, apareceram, no caminho, cinco homens, esporeando seus cavalos, bridas soltas, fugindo para a cidade. Na passagem, Tristão agarrou um deles pelos cabelos ruivos trançados, com tanta força que o derrubou na garupa do seu cavalo e o manteve preso:

– Deus vos salve, belo sire! – disse Tristão. – Por qual caminho vem o dragão?

E, quando o fugitivo mostrou-lhe o caminho, Tristão soltou-o.

O monstro aproximava-se. Tinha a cabeça de uma serpente, os olhos vermelhos como brasas, dois chifres na testa, orelhas compridas e peludas, garras de leão, uma cauda de serpente, o corpo cheio de escamas de um grifo.

Tristão lançou contra ele seu cavalo de batalha, com tanta força, que, todo arrepiado de medo, saltou contra o monstro. A lança de Tristão chocou-se contra as escamas e voou em pedaços. Imediatamente o bravo tirou sua espada, levantou-a e vibrou-a sobre a cabeça do dragão, mas sem sequer arranhar-lhe o couro. Entretanto, o monstro sentiu o golpe; lançou suas garras contra o escudo, enfiando-as nele, e fez voar suas ataduras. Com o peito descoberto, Tristão provocou-o ainda com a espada e o feriu nos flancos com uma pancada tão violenta, que o ar reuniu com ela. Inutilmente, pois não pôde feri-lo. Então, o dragão vomitou pelas ventas um duplo jato de chamas venenosas: o loriga de Tristão enegreceu como carvão apagado, seu cavalo foi derrubado e morto. Mas, levantando-se, imediatamente Tristão cravou sua boa espada na goela do monstro: ela entrou toda e partiu-lhe ao meio o coração. O dragão soltou uma vez mais seu berro horrendo e morreu.

Tristão cortou-lhe a língua e colocou-a no seu calção. Em seguida, completamente tonto com a fumaça acre, caminhou até uma água estagnada que via brilhar a certa distância, para beber. Mas o veneno destilado pela língua do dragão encandeceu-se contra seu corpo e, no capinzal alto que bordejava o pântano, o herói caiu desmaiado.

Ora, sabeis que o fujão de cabelos vermelhos trançados era Aguynguerran, o Ruivo, o senescal do rei da Irlanda, e que ele cobiçava Isolda, a Loura. Era um covarde, mas tal é a força do amor que, a cada manhã, ele se emboscava, armado, para atacar o monstro; no entanto, da maior distância que ouvia seu berro, o valente fugia. Naquele dia, acompanhado de seus quatro companheiros, ele ousou arrepiar caminho. Encontrou o dragão por terra, o cavalo morto, o escudo quebrado e pensou que o vencedor acabava de morrer em algum lugar. Então, decepou a cabeça do monstro, levou-a ao rei e reclamou a bela paga prometida.

O rei quase não acreditou na sua proeza; mas, por querer fazer-lhe justiça, mandou convidar seus vassalos a virem à sua corte, três dias depois, perante a assembleia, quando o senescal Aguynguerran exibiria a prova da sua vitória.

Ao saber que seria entregue àquele covarde, Isolda, a Loura, primeiro deu uma grande gargalhada, em seguida lamentou-se. Mas, no dia seguinte, desconfiando da impostura, levou consigo o seu lacaios, o Louro, o fiel Perinis, e

Brangien, sua jovem serva e sua companheira, e os três cavalgaram em segredo para o covil do monstro, até que Isolda notou pela estrada pegadas de forma singular: sem dúvida, o cavalo que por ali passara não tinha recebido ferradura naquele país. Em seguida, ela encontrou o monstro sem cabeça e o cavalo morto; não estava arreado segundo o costume da Irlanda. Certamente, um estrangeiro havia matado o dragão; mas estaria ele ainda vivo?

Isolda, Perinis e Brangien procuraram-no durante muito tempo; por fim, no meio do capinzal do pântano, Brangien viu brilhar o elmo do bravo. Ele ainda respirava. Perinis colocou-o sobre o seu cavalo e levou-o secretamente para os aposentos das mulheres. Lá, Isolda contou a aventura à sua mãe e a ela confiou o estrangeiro. Como a rainha lhe tirasse sua armadura, a língua envenenada do dragão caiu do seu calção. Então a rainha da Irlanda despertou o ferido pela virtude de uma erva e disse-lhe:

– Estrangeiro, sei que, na verdade, és tu o matador do monstro. Mas nosso senescal, um traidor, um covarde, decepou-lhe a cabeça e reclama minha filha Isolda, a Loura, como sua recompensa. Saberás tu, dentro de dois dias, provar-lhe sua iniquidade por meio de batalha?

– Rainha – disse Tristão –, o prazo está próximo. Mas, sem dúvida, podeis curar-me em dois dias. Conquistei Isolda ao dragão; talvez conquiste-a ao senescal.

Então a rainha hospedou-o ricamente e para ele manipulou remédios eficazes. No dia seguinte, Isolda, a Loura, preparou-lhe um banho e suavemente ungiu seu corpo com um bálsamo que sua mãe havia composto. Deteve seu olhar no rosto do ferido, viu que era belo e começou a pensar: “Certamente, se a sua façanha vale a sua beleza, meu campeão oferecerá uma rude batalha!” Mas Tristão, reanimado pelo calor da água e pela força das drogas odoríferas, olhava para ela e, imaginando que tinha conquistado a Rainha dos cabelos de ouro, pôs-se a sorrir. Isolda notou-o e disse consigo mesma: “Por que este estrangeiro sorriu? Será que fiz alguma coisa inconveniente? Será que esqueci algum favor que uma jovem deve fazer ao seu hóspede? Sim, talvez ele tenha rido porque me esqueci de limpar suas armas manchadas pelo veneno.”

Foi, então, para o lugar onde a armadura de Tristão estava largada: “Este elmo é de aço bom”, pensou ela, “e nunca lhe falhará. E esta loriga é forte, leve, bem digna de ser usada por um bravo.” Ela pegou a espada pelo punho: “Certamente, esta é uma bela espada e que muito convém a um valente barão.”

Tirou da rica bainha a lâmina ensanguentada para limpá-la. Mas viu que apresentava uma brecha larga. Observou a forma do entalhe: não seria aquela a lâmina que se quebrara na cabeça do Morholt? Ela hesitou, olhou novamente, queria resolver a sua dúvida. Correu até o quarto onde guardava o fragmento de

ação retirado recentemente do crânio do Morholt. Juntou o fragmento à brecha: mal se via o sinal da quebraçura.

Então precipitou-se para Tristão e, fazendo girar a grande espada sobre a cabeça do ferido, gritou:

– Tu és Tristão de Loonnois, o assassino do Morholt, meu querido tio. Morre então por tua vez!

Tristão fez um esforço para deter seu braço; inútil, seu corpo estava paralisado, mas seu espírito continuava ágil. Foi com astúcia que falou:

– Está bem, morrerei; mas, para te poupar os arrependimentos tardios, escuta. Filha de rei, fica sabendo que não só tens o poder, mas também o direito de me matar. Sim, tens direito sobre a minha vida, já que por duas vezes conservaste-me e devolveste-me. Uma primeira vez, não faz muito tempo: era eu o trovador ferido que salvaste quando expulsaste do seu corpo o veneno da lança envenenada pelo Morholt. Não te envergonhes, jovem, de ter curado essas feridas: não as tinha eu recebido em combate leal? Por acaso matei o Morholt traiçoeiramente? Não me havia ele desafiado? Não devia eu defender meu corpo? Uma segunda vez, tendo ido me procurar no pântano, salvaste-me. Ah! Foi por ti, jovem, que combati o dragão... Mas deixemos de lado essas coisas: queria apenas provar-te que, tendo por duas vezes me livrado do perigo da morte, tens direito sobre a minha vida. Mata-me pois, se achas que com isso vais ganhar louvor e glória. Sem dúvida, quando te deitares nos braços do valente senescal, ser-te-á doce sonhar com teu hóspede ferido, que arriscou sua vida para te conquistar e te conquistou, e que terá matado indefeso neste banho.

Isolda gritou:

– Ouço palavras maravilhosas. Por que o assassino do Morholt quis conquistar-me? Ah! Sem dúvida, como o Morholt tinha outrora tentado arrebatrar em sua nau as donzelas das Cornualhas, por tua vez, em belas represálias, fizeste esta jactância de carregar como tua serva aquela que o Morholt prezava entre as donzelas...

– Não, filha de rei – disse Tristão. – Mas, certo dia, duas andorinhas voaram até Tintagel para levar um dos teus cabelos de ouro. Acreditei que vinham anunciar-me paz e amor. Por isso vim à tua procura, atravessando o mar. Por isso enfrentei o monstro e seu veneno. Olha este cabelo costurado entre os fios de ouro do meu casaco; a cor dos fios de ouro estragou-se; mas o ouro do cabelo não desbotou.

Isolda olhou para a grande espada e tomou nas mãos o casaco de Tristão. Vendo nele o cabelo de ouro, ficou muito tempo em silêncio; em seguida, beijou seu hóspede nos lábios em sinal de paz e vestiu-o com ricas roupagens.

No dia da assembleia dos barões, Tristão enviou secretamente para sua nau

Perinis, o criado de Isolda, com a ordem de que seus companheiros se dirigissem à corte, vestidos como convinha aos mensageiros de um rei rico, já que ele esperava naquele dia mesmo chegar ao fim de sua aventura. Gorvenal e os cem cavaleiros rejubilaram-se com a notícia, pois estavam desolados havia quatro dias porque acreditavam ter perdido Tristão.

Um a um, na sala em que já se amontoavam inúmeros barões da Irlanda, eles entraram, sentaram-se em ordem na mesma fileira, e as pedras preciosas faiscavam ao longo de suas ricas vestes escarlates, de cendal e de púrpura. Os irlandeses diziam entre si: “Quem são esses senhores magníficos? Quem os conhece? Vede esses mantos suntuosos, ornados de zibelina e bordaduras de ouro! Vede no punho das espadas e no fecho das peliças cintilarem os rubis, os berilos, as esmeraldas e tantas pedras das quais nem sequer sabemos dizer os nomes! Quem, pois, jamais viu esplendor igual? De onde vêm esses senhores? A quem pertencem?” Mas os cem cavaleiros estavam calados e não se moviam de seus assentos para ninguém que entrasse.

Quando o rei da Irlanda sentou-se sob o dossel, o senescal Aguynguerran, o Ruivo, ofereceu-se para provar por testemunhas e sustentar por combate que havia matado o monstro e que Isolda devia ser-lhe entregue. Então, Isolda inclinou-se diante de seu pai e disse:

– Rei, aqui está um homem que deseja denunciar o vosso senescal de mentira e felonía. A este homem, pronto para provar que livrou a vossa terra do flagelo e que a vossa filha não deve ser entregue a um covarde, prometeis perdoar suas faltas antigas, por maiores que tenham sido e conceder-lhe vossa mercê e vossa paz?

O rei pensou e não teve pressa em responder. Mas seus barões gritaram em massa:

– Concedei-lho, sire, concedei-lho! E o rei disse:

– Concedo-lhe!

Mas Isolda ajoelhou-se a seus pés:

– Pai, dai-me primeiro o beijo de mercê e de paz, como sinal de que o dareis igualmente a este homem!

Quando ela recebeu o beijo, foi buscar Tristão e conduziu-o pela mão até a assembleia. Ao vê-lo, os cem cavaleiros levantaram-se ao mesmo tempo, saudaram-no com os braços em cruz sobre o peito, perfilaram-se ao seu lado, e os irlandeses viram que Tristão era o seu senhor. Mas muitos reconheceram-no, e um grande clamor elevou-se: “É Tristão de Loonnois, é o assassino do Morholt!” As espadas desembainhadas brilharam e vozes furiosas repetiam: “Que ele morra!”

Porém Isolda gritou:

– Rei, beija este homem na boca, tal como prometeste!

E o rei beijou-o na boca, e o clamor aplacou-se.

Então, Tristão mostrou a língua do dragão e ofereceu-se para a batalha com o senescal, que não teve coragem de aceitá-la e reconheceu seu crime. Em seguida, Tristão falou:

– Senhores, matei o Morholt, mas atravessei o mar para vos oferecer uma bela compensação. Para resgatar o mal feito, coloquei meu corpo em perigo de morte e liberei-vos do monstro, e foi assim que conquistei Isolda, a Loura, a Bela. Tendo-a conquistado, levá-la-ei, pois, na minha nau. Mas, para que pelas terras da Irlanda e das Cornualhas não se espalhe mais o ódio, mas sim o amor, sei que o rei Marc, meu caro senhor, irá desposá-la. Eis aqui cem cavaleiros de alta linhagem, prontos a jurar sobre as relíquias dos santos que o rei Marc vos manda vir paz e amor, que seu desejo é venerar Isolda como sua cara mulher desposada, e que todos os homens das Cornualhas servi-la-ão como sua senhora e sua rainha.

Trouxeram os corpos santos com grande júbilo, e os cem cavaleiros juraram que Tristão dissera a verdade.

O rei tomou Isolda pela mão e perguntou a Tristão se a conduziria lealmente ao seu senhor. Diante dos cem cavaleiros e diante dos barões da Irlanda, Tristão jurou-o.

Isolda, a Loura, fremia de vergonha e de angústia. Tristão, tendo-a conquistado, desse modo a desprezava; o belo conto do cabelo de ouro não passava de mentira, e era a um outro que ele a entregava. Mas o rei colocou a mão direita de Isolda sobre a mão direita de Tristão, e este reteve-a em sinal de que se apossava dela, em nome do rei das Cornualhas.

Assim, pelo amor do rei Marc, pela astúcia e pela força, Tristão realizou a busca da Rainha dos cabelos de ouro.

IV. O filtro

*Nein, ezn was nith mit wine,
doch ez im glich woere,
ez was diu wernde swaere,
diu endelôse herzenôt
von der si beide lâgen tôt.*

Gottfried de Strasburgo

Quando estava próximo o tempo de entregar Isolda aos cavaleiros das Cornualhas, sua mãe colheu ervas, flores e raízes, misturou-as com vinho e fez uma beberagem poderosa. Tendo-a preparado por ciência e magia, verteu-a em uma jarra e disse secretamente a Brangien:

“Filha, debes acompanhar Isolda ao país do rei Marc, e tu a amas com amor fiel. Pega então esta jarra de vinho e não esqueças as minhas palavras. Esconde-a de tal maneira que nenhum olho a veja e nenhum lábio dela se aproxime. Mas, quando chegarem a noite de núpcias e o instante em que se deixam os esposos, verterás este vinho com ervas em uma taça e dá-la-ás para que a esvaziem juntos, o rei Marc e a rainha Isolda. Toma todo o cuidado, minha filha, para que somente eles possam provar desta bebida. Pois a virtude dela é a seguinte: os que a beberem juntos amar-se-ão com todos os seus sentidos e com todo o seu pensamento, para sempre, na vida e na morte.”

Brangien prometeu à rainha que faria segundo a sua vontade.

A nau, fendendo as vagas profundas, levava Isolda. Porém, quanto mais distanciava-se da terra da Irlanda, tanto mais tristemente a jovem lamentava-se. Sentada sob a tenda em que se encerrara com sua serva Brangien, chorava lembrando o seu país. Para onde aqueles estrangeiros a estavam levando? Para quem? Para que destino? Quando Tristão aproximava-se dela e queria tranquilizá-la com palavras doces, ela irritava-se, repelia-o, e o ódio enchia seu coração. Ele viera, ele, o raptor, ele, o assassino do Morholt; com suas

artimanhas, arrancava-a à sua mãe e ao seu país; nem se havia dignado a tomá-la para si mesmo, e agora lá estava, levando-a como sua presa, sobre as ondas, para a terra inimiga!

– Miserável! – dizia ela. – Maldito seja o mar que me carrega! Preferiria morrer na terra onde nasci a viver nesse país!...

Certo dia, os ventos cessaram e as velas murcharam ao longo do mastro. Tristão mandou que acostassem em uma ilha, e, cansados do mar, os cem cavaleiros das Cornualhas e os marinheiros desceram à praia. Somente Isolda ficara na nau, com uma pequena serva. Tristão viera até a rainha e procurava acalmar seu coração. Como o sol brilhasse e estivessem com sede, pediram o que beber. A criança procurou alguma bebida, até que descobriu a jarra confiada a Brangien pela mãe de Isolda. – Achei vinho! – gritou ela para os dois. – Não, não era vinho: era a paixão, era a amarga alegria e a angústia sem fim, e a morte. A criança encheu um canjirão e apresentou-o à sua senhora. Ela bebeu em longos goles, em seguida estendeu-o a Tristão, que o esvaziou.

Nesse instante, Brangien entrou e viu-os a se olharem em silêncio, como se estivessem desvairados, arrebatados. Viu diante deles a jarra quase vazia e o canjirão. Pegou a jarra, correu à popa, jogou-a nas vagas e gemeu:

– Desgraçada! Maldito seja o dia em que nasci e maldito seja o dia em que subi nesta nau! Isolda, minha amiga, e vós, Tristão, foi a vossa morte que bebestes!

Novamente, a nau navegava rumo a Tintagel. Parecia a Tristão que um espinheiro resistente, de agudos espinhos, de flores perfumadas, deitava suas raízes no sangue do seu coração e com fortes liames enlaçava ao belo corpo de Isolda seu corpo e todo o seu pensamento e todo o seu desejo. Ele pensava: “Andret, Denoalen, Guenelon e Gondoine, biltres que me acusáveis de cobiçar a terra do rei Marc! Ah! Sou ainda mais vil, e não é sua terra que cobiço! Belo tio, que me amastes órfão antes mesmo de reconhecer o sangue de vossa irmã Blanchefleur, vós que me choráveis com ternura quando vossos braços me levavam até a barca sem remos nem vela, belo tio, quando não deveis vós, desde o primeiro dia, ter procurado a criança errante vinda para vos trair? Ah! Como pensei eu? Isolda é vossa mulher, e eu vosso vassalo. Isolda é vossa mulher, e eu vosso filho. Isolda é vossa mulher e não me pode amar.”

Isolda amava-o. No entanto, queria odiá-lo: ele não a tinha desdenhado de modo tão abjeto? Queria odiá-lo e não podia, irritada em seu coração contra essa ternura mais dolorosa do que o ódio.

Brangien observava-os com angústia, ainda mais cruelmente atormentada, pois só ela sabia o mal que havia causado. Espiou-os por dois dias, viu-os repelir todo alimento, toda bebida e toda e qualquer consolação, a se buscarem como

cegos que caminham às apalpadelas um para o outro. Infelizes quando separados, penavam, mais infelizes ainda, quando, reunidos, estremeciam diante do horror da primeira declaração.

No terceiro dia, como Tristão viesse para a tenda erguida na coberta da nau, onde Isolda estava sentada, ela viu-o aproximar-se e lhe disse humildemente:

– Entrai, senhor.

– Rainha – disse Tristão –, por que me chamar senhor? Não sou eu, ao contrário, vosso homem de lógió e vosso vassalo, para vos reverenciar, vos servir e vos amar como minha rainha e minha senhora?

Isolda respondeu:

– Não, tu o sabes; sabes que és meu senhor e meu amo! Sabes que tua força me domina e que sou tua serva! Ah! Por que não avivei faz pouco tempo as chagas do trovador ferido! Por que não deixei perecer no capinzal do pântano o matador do monstro! Por que, quando estava no banho, não vibrei sobre ele o golpe da espada já no ar! Ai de mim! Então eu não sabia o que hoje sei!

– Isolda, que é então que sabeis hoje? Que é então que vos atormenta?

– Ah! Tudo o que sei me atormenta, e tudo o que vejo. O céu me atormenta, e este mar, e meu corpo, e minha vida!

Pousou o braço no ombro de Tristão. Lágrimas apagaram o brilho dos seus olhos, seus lábios tremeram. Ele repetiu:

– Amiga, que é então que vos atormenta?

Ela respondeu:

– O amor por vós.

Então ele pousou seus lábios sobre os dela.

Mas, como pela primeira vez ambos experimentavam um prazer de amor, Brangien, que os espiava, soltou um grito e, com os braços estendidos, o rosto coberto de lágrimas, lançou-se a seus pés:

– Infelizes! Parai e voltaí, se é que ainda podeis! Mas, não, o caminho é sem retorno, a força do amor já vos impele, e nunca mais tereis alegria sem dor. É o vinho com ervas que vos domina, a bebida de amor que vossa mãe, Isolda, me havia confiado. Só o rei Marc devia bebê-lo convosco; mas o Inimigo zombou de nós três e fostes vós quem esvaziastes o canjirão. Amigo Tristão, amiga Isolda, em castigo pela má guarda que fiz, entrego-vos meu corpo, minha vida; pois, pelo meu crime, na taça maldita, bebestes o amor e a morte!

Os amantes abraçaram-se. Em seus belos corpos freíam o desejo e a vida. Tristão disse:

– Que venha pois a morte!

E, quando caiu a noite, dentro da nau que saltava mais rápido rumo à terra do rei Marc, ligados para sempre, abandonaram-se ao amor.

V. Brangien entregue aos servos

*Sobre totz avrai gran valor,
S'aitals camisa m'es dada,
Cum Iseus det a l'amador,
Que mais non era portada.*

Rambaut, conde d'Orange

O rei Marc acolheu Isolda, a Loura, na praia. Tristão tomou-a pela mão e conduziu-a diante do rei. O rei apoderou-se dela, tomando-a por sua vez pela mão. Com grande distinção, levou-a ao castelo de Tintagel, e quando ela apareceu na sala, no meio dos vassalos, sua beleza lançou uma claridade tão grande, que as paredes iluminaram-se como se batidas pelo sol levante. Então, o rei Marc louvou as andorinhas que, por bela cortesia, lhe haviam trazido o cabelo de ouro; louvou Tristão e os cem cavaleiros que, dentro da nau temerária, tinham ido buscar a alegria de seus olhos e de seu coração. Infelicidade! A nau também vos trouxe, a vós, nobre rei, a cruel tristeza e os grandes tormentos.

Depois de dezoito dias, tendo convocado todos os seus barões, ele desposou Isolda, a Loura. Mas, quando veio a noite, Brangien, a fim de esconder a desonra da rainha e para salvá-la da morte, tomou o lugar de Isolda no leito nupcial. Como castigo pela má guarda feita no mar e por amor à sua amiga, sacrificou-lhe, fiel, a pureza do seu corpo; a escuridão da noite ocultou para o rei seu ludibrio e sua vergonha.

Os narradores sustentam neste ponto que Brangien não lançara ao mar o frasco de vinho com ervas, que não tinha sido totalmente esvaziado pelos amantes; mas que de manhã, depois que sua senhora entrara por sua vez no leito do rei Marc, Brangien vertera numa taça o que restava do filtro, oferecendo-a aos esposos; e que Marc bebera à farta e que, às escondidas, Isolda jogara fora a sua parte. Mas saibei, senhores, que esses narradores deturpam a história e faltaram com a verdade. Se imaginaram essa mentira, é por não terem

compreendido o maravilhoso amor que Marc sempre dedicou à rainha. Certamente, como logo ouvireis, apesar da angústia, do tormento e das terríveis represálias, Marc nunca pôde repelir Isolda e Tristão de seu coração. Mas sabei, senhores, que ele não havia bebido do vinho com ervas. Nem veneno, nem sortilégio – somente a terna nobreza do seu coração inspirou-lhe amor.

Isolda é rainha e parece viver em júbilo. Isolda é rainha e parece viver em tristeza. Isolda tem a ternura do rei Marc, os barões a veneram, o povo lhe quer bem. Isolda passa os dias em seus aposentos ricamente decorados e juncados de flores. Isolda tem as joias nobres, os lençóis de púrpura e os tapetes vindos da Tessália, os cânticos dos harpistas e os cortinados onde são lavrados leopardos, alerhões, papagaios e todos os bichos do mar e das matas. Isolda tem seus vivos, seus belos amores, e Tristão junto dela, à vontade, de dia e de noite; pois, assim como é costume entre os grandes senhores, ele dorme no aposento real, entre os íntimos e os fiéis. Isolda, no entanto, treme. Por que tremer? Não mantém ela segredos seus amores? Quem suspeitaria de Tristão? Quem, pois, suspeitaria de um filho? Quem a vê? Quem a espia? Qual a testemunha? Sim, uma testemunha a espia, Brangien; Brangien a espreita; só Brangien sabe da sua vida, Brangien a tem nas mãos! O Deus! Sim, cansada de preparar a cada dia como uma serva o leito onde foi a primeira a se deitar, ela os denunciaria ao rei! Sim, Tristão morreria por sua felonía!... Assim o medo enlouquece a rainha. Não, não é de Brangien, a Fiel, é de seu próprio coração que vem seu tormento. Escutai, senhores, a grande traição que ela imaginou; mas Deus, como vós ouvireis, teve compaixão dela; vós também, sede com ela compassivos!

Naquele dia, Tristão e o rei caçavam ao longe e Tristão não soube deste crime. Isolda mandou virem dois servos, prometeu-lhes a liberdade e sessenta besantes de ouro, se jurassem fazer a sua vontade. Fizeram o juramento.

– Eu vos darei então, disse ela, uma jovem; vós a levareis para a floresta, longe ou perto, mas a um local onde ninguém possa descobrir jamais a aventura. Lá a matareis e me trareis sua língua. Gravaí na memória as palavras que ela disser, para mas repetirdes depois. Ide. Ao voltardes, sereis homens livres e ricos.

Em seguida, ela chamou Brangien:

– Amiga, vê como meu corpo definha e sofre; não irás procurar na floresta as plantas que são boas para este mal? Dois servos acompanhar-te-ão; sabem onde crescem as ervas eficazes. Segue-os, portanto; irmã, fica sabendo de uma coisa, se eu te mando à floresta, é porque se trata do meu repouso e da minha vida!

Os servos levaram-na. Chegando à mata, ela quis parar, pois as plantas salutareis cresciam ao seu redor em quantidade suficiente. Mas eles a levaram

para mais longe:

– Vem, moça, não é aqui o lugar próprio.

Um dos servos caminhava na frente dela, seu companheiro a seguia. Não havia mais caminho aberto, mas sim sarças, espinhos e cardos embaraçados. Então o homem que ia na frente puxou a sua espada e virou-se; ela correu ao outro servo para lhe pedir ajuda; ele também segurava uma espada desembainhada e disse:

– Moça, precisamos matar-te.

Brangien caiu no capim e seus braços tentavam afastar a ponta das espadas. Pedia mercê com uma voz tão lastimosa e tão terna, que eles disseram:

– Moça, se a rainha Isolda, tua e nossa senhora, quer que tu morras, sem dúvida lhe fizeste um grande mal.

– Eu não sei, amigos, só me lembro de um único delito. Quando partimos da Irlanda, cada uma de nós levava, como a mais cara das vestes, uma camisola branca como a neve, uma camisola para a nossa noite de núpcias. Na viagem, aconteceu que Isolda rasgou sua camisola nupcial, e, para a noite das suas núpcias, emprestei-lhe a minha. Amigos, aí está todo o mal que lhe fiz. Mas, se ela quer que eu morra, digei-lhe que a saúdo e a amo, e que lhe agradeço tudo de bom e a consideração que ela me dispensou desde que, quando criança, raptada por piratas, fui vendida à sua mãe e destinada a servi-la. Que Deus, em sua bondade, guarde sua honra, seu corpo, sua vida! Irmãos, feri-me agora!

Os servos compadeceram-se. Fizeram acordo e, julgando que talvez um mal desses não merecesse a morte, amarraram-na a uma árvore.

Em seguida mataram um cachorrinho: um deles lhe cortou a língua, encerrou-a numa aba do seu sobretudo, e ambos reapareceram diante de Isolda.

– Ela falou? – perguntou esta, ansiosa.

– Sim, rainha, ela falou. Disse que ficastes irritada por causa de um único agravo: havíeis rasgado em viagem uma camisola branca como a neve, que trazíeis da Irlanda, ela vos emprestou a dela na noite de vossas núpcias. Aí estava, dizia ela, seu único crime. Ela vos rendeu graças pelos muitos benefícios de vós recebidos desde a sua infância, pediu a Deus que protegesse a vossa honra e a vossa vida. Mandou-vos a sua saudação e o seu amor. Rainha, aqui está a sua língua que vos trouxemos.

– Assassinos! – gritou Isolda. – Devolvi-me Brangien, minha serva querida! Não sabíeis que ela era minha única amiga? Assassinos, devolvi-a para mim!

– Rainha, com razão dizem: “Mulher muda em poucas horas: ao mesmo tempo, mulher ri, chora, ama, odeia.” Nós a matamos porque assim ordenas-tes!

– Como poderia eu ter ordenado? Por que crime? Não era minha querida

companheira, a doce, a fiel, a bela? Vós o sabíeis, assassinos: eu a tinha enviado a procurar ervas salutares, e a confiei a vós para que a protegêsseis no caminho. Mas direi que a matastes e sereis queimados sobre carvões.

– Rainha, sabeis então que ela está viva e que a traremos sã e salva.

Ela porém não lhes dava crédito e, como desvairada, ora amaldiçoava os assassinos, ora amaldiçoava a si mesma. Reteve junto de si um dos servos enquanto o outro correu para a árvore onde Brangien estava amarrada.

– Bela, Deus teve compaixão de vós, e vossa senhora vos torna a chamar!

Quando ela apareceu diante de Isolda, ajoelhou-se, pediu-lhe que perdoasse seus erros; mas a rainha também caíra de joelhos diante dela, e ambas, abraçadas, desfaleceram por muito tempo.

VI. O grande pinheiro

*Isot ma drue, Isot m'amie,
En vos ma mort, en vos ma vie!*

Gottfried de Strasburgo

Não é de Brangien, a Fiel, é deles mesmos que os amantes devem ter medo. Mas como seus corações embriagados seriam vigilantes? O amor os pressiona, como a sede precipita para o rio o cervo prestes a morrer, ou como o gavião que, após longo jejum, de repente solto, cai sobre a sua presa. Infelicidade! Não se pode fazer calar o amor. Certamente, pela prudência de Brangien, ninguém surpreendeu a rainha nos braços de seu amigo; mas, a qualquer hora, em qualquer lugar, todos não viam como o desejo os agitava, os apertava, transbordava de todos os seus sentidos da mesma maneira que o vinho novo escorre da tina?

Os quatro biltres da corte, que odiavam Tristão por causa da sua bravura, já começavam a rodear a rainha. Logo souberam a verdade dos seus belos amores. Ardiam de cobiça, de ódio e de alegria. Levariam a notícia ao rei: veriam a ternura transformar-se em furor, Tristão expulso ou condenado à morte, e o tormento da rainha. Temiam, no entanto, a cólera de Tristão. Por fim, seu ódio dominou seu terror. Certo dia, os quatro barões chamaram o rei Marc para parlamentarem, e Andret disse-lhe:

– Belo rei, sem dúvida teu coração irá se irritar e nós quatro ficaremos muito tristes com isso; mas devemos revelar-te o que surpreendemos. Puseste teu coração em Tristão, e Tristão quer te desonrar. Em vão te prevenimos; pelo amor de um só homem desprezas teus parentes, teus barões, e nos abandonas a todos. Sabei pois que Tristão ama a rainha: é a verdade provada e já se fala a boca pequena. O nobre rei cambaleou e respondeu:

– Covarde! Em que felonía pensaste! Certamente, pus meu coração em

Tristão. No dia em que o Morholt vos propôs combate, vós todos baixastes a cabeça, tremendo e parecendo mudos; mas Tristão enfrentou-o para a honra desta terra, e por todas e cada uma das suas feridas sua alma teria podido evolir-se. É por isso que o odiais, e é porque eu o amo, mais que a ti. Andret, mais que a todos vós, mais que a todo mundo. Mas que pretendeis ter descoberto? Que foi que viste? Que ouvistes?

– Nada, senhor, na verdade, nada que teus olhos não possam ver, nada que teus ouvidos não possam ouvir. Olha, escuta, belo sire; talvez ainda esteja em tempo.

E, retirando-se, deixaram-no à vontade para saborear o veneno.

O rei Marc não pôde livrar-se do malefício. Contra o seu coração, espionou, por sua vez, o seu sobrinho, espionou a rainha. Mas Brangien percebeu, preveniu-os e, inutilmente, o rei tentou experimentar Isolda com artimanhas. Logo indignou-se com aquele vil combate e, compreendendo que não podia mais repelir a suspeita, mandou chamar Tristão e disse-lhe:

– Tristão, afasta-te deste castelo e, quando o deixares, não ouses mais transpor seus fossos nem suas liças. Traidores acusam-te de uma grande felonía. Não me interrogues: eu não poderia relatar suas denúncias sem nos infamar a ambos. Não procures palavras que me aplaquem: sinto que seriam inúteis. No entanto, não acredito nos pérfidos: se neles acreditasse, já não te teria eu condenado a uma morte infamante? Mas seus discursos maléficos perturbaram meu coração, e só tua partida o acalmará. Parte. Sem dúvida, logo te chamarei de volta. Parte, meu filho sempre querido!

Quando os biltres ouviram a notícia:

– Ele partiu, disseram entre si, ele partiu, o bruxo, expulso como um ladrão! Que será dele de agora em diante? Sem dúvida atravessará o mar para procurar aventuras e prestar seu serviço desleal a algum rei distante!

Não, Tristão não teve forças para partir. Quando transpôs as liças e os fossos do castelo, viu que não poderia se afastar para mais longe. Parou no próprio burgo de Tintagel, hospedou-se com Gorvenal na casa de um burguês e definiu, torturado pela febre, mais ferido do que antes, nos dias em que seu corpo ficara envenenado pela lança do Morholt. Da outra feita, quando jazia na sua cabana construída à beira das ondas e todos fugiam do mau cheiro da sua chagas, três homens, no entanto, assistiam-no: Gorvenal, Dinas de Lidan e o rei Marc. Agora, Gorvenal e Dinas mantinham-se ainda à sua cabeceira; mas o rei Marc não vinha mais, e Tristão gemia:

– Certamente, belo tio, meu corpo exala o cheiro de um veneno mais repelente, e o vosso amor não sabe mais superar o vosso horror.

Mas, sem descanso, no ardor da febre, o desejo carregava-o, como um

cavalo, para as torres bem fechadas que mantinham a rainha encerrada – cavalo e cavaleiro arrebatavam-se contra os muros de pedra; mas cavalo e cavaleiro levantavam-se e retomavam sem cessar a mesma cavalgada.

Por trás das torres bem fechadas, Isolda, a Loura, definhava também, ainda mais infeliz, pois, entre aqueles estranhos que a espionavam, era preciso todo dia fingir alegria e riso; e à noite, estendida ao lado do rei Marc, precisava dominar, imóvel, a agitação de seus membros e os estremecimentos da febre. Queria fugir para Tristão. Parecia-lhe que se levantava e que corria até a porta; mas, na soleira escura, os traidores haviam estendido grandes alfanges: ao passar, as lâminas afiadas e perversas cortavam seus joelhos delicados. Parecia-lhe que caía e que, de seus joelhos retalhados, surgiam duas fontes vermelhas.

Logo os amantes morreriam, se ninguém os socorresse. E quem os socorreria a não ser Brangien? Com perigo de sua vida, ela insinuou-se até a casa onde Tristão definhava. Gorvenal abriu-lhe a porta muito feliz, e, para salvar os amantes, ela insinuou um ardil a Tristão.

Não, senhores, nunca ouvireis falar de mais belo ardil de amor. Por trás do castelo de Tintagel, estendia-se um pomar, vasto e cercado de fortes paliçadas. Belas árvores lá cresciam em grande número, carregadas de frutos, de pássaros e de esgalhos odoríferos. No local mais distante do castelo, muito perto das estacas da paliçada, erguia-se um pinheiro, alto e reto, cujo tronco robusto sustentava uma larga ramagem. A seu pé, havia uma fonte natural – a água espalhava-se primeiro em um grande lençol, claro e calmo, cercada por uma escadaria de mármore; em seguida, imprensada entre duas margens apertadas, ela corria pelo pomar e, penetrando no interior do castelo, atravessava os aposentos das mulheres. Ora, cada noite, Tristão, a conselho de Brangien, cortava com arte pedaços de casca e de ramagens miúdas. Transpunha as estacas pontudas e, chegando sob o pinheiro, jogava na fonte os cavacos. Leves como a espuma, eles boiavam e com ela corriam, e, nos aposentos das mulheres, Isolda espiava a sua vinda. Então, nas noites em que Brangien conseguia afastar o rei Marc e os traidores, ela vinha até o seu amigo.

Ela vinha, ágil e temerosa, no entanto, à espreita de que a cada passo seu os traidores estivessem emboscados atrás das árvores. Mas, logo que Tristão a via, de braços abertos, precipitava-se para ela. Então a noite protegia-os, bem como a sombra amiga do grande pinheiro.

– Tristão – disse a rainha –, a gente do mar não garante que este castelo de Tintagel é encantado e que, por sortilégio, duas vezes por ano, no inverno e no verão, ele se perde e desaparece aos olhos? Ele agora se perdeu. Não é aqui que estão os pomares maravilhosos de que falam as trovas de harpa: uma muralha de ar encerra-o por todos os lados; árvores floridas, um solo perfumado; o herói aí

vive sem envelhecer entre os braços de sua amiga e nenhuma força inimiga pode romper a muralha de ar?

Nas torres de Tintagel, já ecoavam as cometas dos sentinelas que anunciavam o alvorecer.

– Não – disse Tristão –, a muralha de ar já está rompida, e não é aqui o vergel maravilhoso. Mas um dia, amiga, iremos juntos ao País Venturoso do qual ninguém volta. Lá se ergue um castelo de mármore branco; em cada uma das suas mil janelas brilha um círio aceso; em cada uma delas um trovador toca e canta uma melodia sem fim; lá o sol não brilha e, no entanto, ninguém sente falta de sua luz: é o feliz país dos vivos.

Mas, no alto das torres de Tintagel, a aurora iluminava os grandes blocos alternados de sinople e de azul.

Isolda recobrou a alegria e a suspeita de Marc dissipou-se. Os traidores, ao contrário, perceberam que Tristão tornara a ver a rainha. Mas Brangien montava guarda tão eficiente que eles espionavam em vão. Finalmente, o duque Andret – que Deus o amaldiçoe! – disse a seus companheiros:

– Senhores, consultemos Frocin, o anão corcunda. Ele conhece as sete artes, a magia e todos os tipos de bruxaria. Ele sabe, ao nascer uma criança, observar tão bem os sete planetas e o curso das estrelas, que narra antecipadamente todos os pontos da vida dela. Ele descobre, pelo poder de Bugibus e de Noiron, as coisas secretas. Dir-nos-á quais são os ardis de Isolda, a Loura.

Tendo aversão à beleza e à bravura, o homenzinho perverso traçou os caracteres de bruxaria, jogou seus feitiços e malefícios, observou o curso de Órion e de Lúcifer, e disse:

– Alegrai-vos, belos senhores; hoje à noite podereis apanhá-los.

Os quatro barões levaram-no à presença do rei.

– Sire – disse o feiticeiro –, dai ordem aos vossos caçadores para que coloquem a correia nos cães de caça e a sela nos cavalos; anunciais que passareis sete dias e sete noites na floresta, para fazer a vossa caçada, e podeis enforcar-me em patíbulo se não ouvirdes, ainda esta noite, a conversa mantida por Tristão com a rainha.

Assim fez o rei contra a vontade do seu coração. Ao cair a noite, deixou seus caçadores na floresta, pôs o anão na garupa e voltou a Tintagel. Por uma entrada que ele conhecia, penetrou no pomar, e o anão conduziu-o para debaixo do grande pinheiro.

– Belo rei, convém subirdes aos galhos desta árvore. Levai para cima vosso arco e vossas flechas: talvez vos sirvam. E mantende-vos quieto: não esperareis muito tempo.

– Vai-te embora, cão do Inimigo! – respondeu Marc.

E o anão foi-se, levando o cavalo.

Ele tinha falado a verdade: o rei não esperou muito tempo. Naquela noite, a lua brilhava, clara e bela. Escondido entre os galhos, o rei viu seu sobrinho pular por cima das estacas pontudas. Tristão veio para debaixo da árvore e jogou na água os cavacos e os galhinhos. Mas, ao inclinar-se sobre a fonte ao jogá-los, viu, refletida na água, a imagem do rei. Ah! Se ele pudesse deter os cavacos que fugiam! Mas não, eles corriam rápidos, pelo pomar. Lá longe, nos aposentos das mulheres, Isolda espreitava a chegada deles; agora, sem dúvida, ela os via, logo ela viria. Que Deus proteja os amantes!

Ela veio. Sentado, imóvel, Tristão olhou para ela e ele ouviu o ruído da flecha que se encaixava na corda do arco, proveniente da árvore.

Contudo, ela vinha ágil e prudente como de costume. “Que há então?” pensou ela. “Por que Tristão esta noite não corre ao meu encontro? Teria visto algum inimigo?”

Ela parou, vasculhou com os olhos os matos grossos. De repente, sob o luar, percebeu, por sua vez, a sombra do rei na fonte. Logo ela demonstrou a sagacidade das mulheres, pois não levantou os olhos para as ramagens da árvore:

– Senhor Deus! – disse ela com voz baixa –, fazei pelo menos com que eu possa falar primeiro!

Ela aproximou-se um pouco mais. Escutai como ela se antecipou e avisou seu amigo:

– Sire Tristão, que audácia! Atrair-me a um lugar destes a esta hora! Quantas vezes já me mandastes chamar, para me suplicar, dizíeis. Suplicar o quê? Que quereis de mim? Acabei vindo, pois não pude esquecer que, se sou rainha, devo-o a vós. Pois aqui estou eu: que quereis?

– Rainha, implorar-vos mercê, a fim de que aplaqueis a ira do rei!

Ela tremia e chorava. Mas Tristão louvava o Senhor Deus, que mostrara o perigo à sua amiga.

– Sim, rainha, muitas vezes mandei-vos chamar e sempre em vão. Nunca, desde que o rei me expulsou, vos dignastes a atender ao meu apelo. Mas compadecei-vos do desgraçado que aqui está; o rei odeia-me. Eu ignoro a razão, mas vós talvez o saibais. E quem, então, poderia aplacar sua cólera a não ser vós, somente vós, franca e bondosa rainha Isolda, em quem o coração dele confia?

– Na verdade, sire Tristão, ignorais ainda que ele nos tem sob suspeita? E de que traição! Seria preciso, para aumentar a minha vergonha, que fosse eu quem vos explicasse? Meu senhor crê que eu vos ame com amor criminoso. No entanto, Deus o sabe e, se eu minto, que ele maldiga meu corpo! Jamais dei meu amor a homem algum, a não ser àquele que foi o primeiro a me possuir, virgem entre seus braços. E vós quereis, Tristão, que eu implore ao rei o vosso perdão?

Mas se ele soubesse apenas que eu vim aqui, debaixo deste pinheiro, amanhã mandaria jogar minhas cinzas aos ventos!

Tristão gemeu:

– Belo tio, dizem que “Ninguém é vilão se não praticou nenhuma vilania”. Mas em que coração pôde nascer uma suspeita dessa?

– Sire Tristão, que quereis dizer? Não, o rei meu senhor não imaginou por si só essa vilania. Mas os traidores desta terra fizeram-no acreditar nessa mentira, pois é fácil enganar os corações leais. “Eles se amam”, disseram-lhe, os traidores fizeram com que ele nos considerasse como criminosos. Sim, vós me amáveis, Tristão. Por que o negar? Não sou eu afinal a esposa de vosso tio e por duas vezes não vos salvei da morte? Sim, eu vos amava em troca: não sois então da linhagem do rei, e não ouvi tantas vezes minha mãe repetir que uma mulher ama seu senhor tanto quanto ama os parentes do seu senhor? É por amor ao rei que eu vos amava, Tristão; mesmo agora, se ele vos receber com benevolência, ficarei feliz com isso. Mas meu corpo treme, tenho grande pavor, vou-me embora, já fiquei demasiado tempo.

Sobre os galhos, o rei teve compaixão e sorriu docemente. Isolda fugiu, Tristão tornou a chamá-la:

– Rainha, em nome do Salvador, vinde socorrer-me, por caridade! Os covardes queriam afastar do rei todos aqueles que o amam. Eles conseguiram e agora zombam dele. Que seja assim! Ir-me-ei embora deste país então, para bem longe, desgraçado, como para aqui vim outrora: mas, pelo menos, obtendo do rei que, em reconhecimento pelos meus serviços passados, para que eu possa cavalgar sem pejo para longe daqui, ele me proporcione meios suficientes para eu pagar minhas despesas, para desembaraçar meu cavalo e minhas armas.

– Não, Tristão, não devíeis haver-me dirigido tal pedido. Estou sozinha nesta terra, sozinha neste palácio onde ninguém me ama, sem apoio de ninguém, à mercê do rei. Se eu lhe disser uma única palavra em vosso favor, não vedes que me arrisco à morte vergonhosa? Amigo, que Deus vos proteja! É um grande erro o rei odiar-vos! Mas, em qualquer terra para onde fordes, o Senhor Deus será para vós um amigo verdadeiro.

Ela partiu e fugiu para o seu quarto, onde Brangien tomou-a, trêmula, entre seus braços. A rainha contou-lhe o que acontecera e Brangien exclamou:

– Isolda, minha senhora, Deus vos fez um grande milagre! Ele é pai compassivo e não quer que aconteça o mal para aqueles que ele sabe inocentes.

Sob o grande pinheiro, Tristão, apoiado contra a escadaria de mármore, lamentava-se:

– Que Deus tenha piedade de mim e repare a grande injustiça que eu sofro da parte do meu querido senhor!

Quando ele transpôs a paliçada do pomar, o rei disse sorrindo:

– Belo sobrinho, bendita seja esta hora! Vê: a cavalgada distante que preparavas esta manhã já está terminada!

Longe dali, em uma clareira da floresta, o anão Frocin interrogava o curso das estrelas. Leu que o rei o ameaçava de morte. Ficou negro de medo e de vergonha, inchou de raiva e fugiu célere para a terra de Gales.

VII. O anão Frocin

*Wé dem selbin getwerge,
Daz er den edelin man vorrit!*

Eilhart d'Oberg

O rei Marc fez as pazes com Tristão. Deu-lhe permissão para voltar ao castelo e, como antes, Tristão dormia no aposento do rei, entre os íntimos e os fiéis. Ao seu bel-prazer, ele podia entrar e sair: o rei não tinha mais nenhuma preocupação. Mas quem pode manter segredos por muito tempo seus amores? Infelicidade! Não se pode ocultar o amor!

Marc perdoara os traidores e, como o senescal Dinas de Lidan tivesse encontrado certo dia, numa floresta distante, errante e desgraçado, o anão corcunda, levou-o à presença do rei, que teve piedade e perdoou suas iniquidades.

Mas a bondade só fez excitar o ódio dos barões: tendo novamente surpreendido Tristão e a rainha, aliaram-se por este juramento: se o rei não expulsasse seu sobrinho do país, eles retirar-se-iam para suas fortalezas a fim de guerreá-lo. Convocaram o rei para parlamentarem.

– Senhor, ama-nos ou odeia-nos, a escolha é tua: mas queremos que expulses Tristão. Ele ama a rainha e não o vê quem não quer; mas nós, nós não o suportaremos mais.

O rei ouviu-os, suspirou, baixou a fronte e calou-se.

– Não, rei, não o suportaremos, pois sabemos que essa notícia, estranha não faz muito tempo, agora não te surpreende mais e consentes no crime deles. Que farás tu? Delibera e toma decisão. Quanto a nós, se não afastares definitivamente teu sobrinho, nós nos retiraremos para nossas baronias e levaremos conosco também nossos vizinhos para fora de tua corte, pois não podemos suportar que eles continuem habitando aqui. Tal é a escolha que te oferecemos; escolhe pois!

– Senhores, uma vez acreditei nas horrendas palavras que dizíeis de Tristão e disso arrependi-me. Mas sois meus fiéis e não quero perder o serviço dos meus homens. Aconselhai-me pois, peço-vos, que me deveis o conselho. Bem sabeis que evito todo o orgulho e todos os extremos.

– Então, senhor, mandai vir aqui o anão Frocin. Perdestes a confiança nele, por causa da aventura do pomar. No entanto, não tinha ele lido nas estrelas que a rainha viria naquela noite para debaixo do pinheiro? Ele sabe muitas coisas; tomai o conselho dele.

O corcunda maldito veio, e Denoalen abraçou-o. Escutai a traição que ele ensinou ao rei:

– Sire, ordena a teu sobrinho que amanhã, ao romper da aurora, galope até Carduel para levar ao rei Arthur um breve em pergaminho, bem selado com lacre. Rei, Tristão dorme perto do teu leito. Sai do teu quarto na hora do teu primeiro sono e, juro por Deus e pela lei de Roma, se ele ama Isolda com louco amor, quererá falar-lhe antes de partir: mas, se ele for sem que eu o saiba e sem que tu o vejas, então mata-me. Quanto ao mais, deixa-me levar a aventura a meu talante e evita somente de falar a Tristão dessa mensagem antes da hora de deitar.

– Sim – respondeu Marc –, que assim se faça!

Então o anão fez uma péssima felonia. Foi a um padeiro e comprou-lhe por quatro dinheiros polvilho de farinha de trigo, que escondeu no regaço de sua veste. Ah! Quem jamais imaginaria tamanha traição? Ao chegar a noite, depois que o rei fizera sua refeição e seus homens adormeceram pela vasta sala vizinha de seu quarto, Tristão chegou, como de costume, quando o rei Marc se deitava.

– Belo sobrinho, faze minha vontade: cavalga até o rei Arthur, em Carduel, e apresenta-lhe este breve. Cumprimenta-o de minha parte e não fica senão um dia perto dele.

– Rei, levá-lo-ei amanhã.

– Sim, amanhã, antes que o dia amanheça.

E Tristão foi invadido por grande aflição. De seu leito ao leito de Marc ia bem o comprimento de uma lança. Um desejo furioso de falar com a rainha dominou-o e em seu coração ele prometeu que pela madrugada, se Marc dormisse, aproximar-se-ia dela. Oh! Deus! Que pensamento louco!

O anão dormia, habitualmente, no quarto do rei. Quando pensou que todos dormissem, levantou-se e espalhou entre o leito de Tristão e o da rainha o polvilho de farinha: se um dos dois amantes fosse procurar o outro, o polvilho ficaria marcado com a forma de seus pés. Mas, enquanto ele o salpicava, Tristão, que continuava acordado, viu-o:

“Que dizer disso? Esse anão não tem o costume de me servir em nada de

bom. Mas ele engana-se: louco seria quem lhe deixasse o rastro de seus passos!”

À meia-noite, o rei levantou-se e saiu, acompanhado pelo anão corcunda. Estava escuro no quarto: nem círio aceso, nem candeia. Tristão ficou de pé no leito dele. Deus! Por que teve ele este pensamento? Juntou os pés, calculou a distância, saltou e caiu sobre o leito do rei. Infelicidade! No dia anterior, na floresta, a tromba de um javali de tamanho acima do normal fizera grande chaga em sua perna e, para seu azar, a ferida não tinha sido enfaixada. No esforço desse pulo, ela se abriu e sangrou; mas Tristão não viu o sangue que saía e manchava de vermelho os lençóis. Fora, ao luar, o anão, por sua arte de bruxaria, sabia que os amantes estavam juntos. Estremeceu de alegria e disse ao rei:

– Vai, e se agora não os pegares juntos manda enforcar-me!

Então foram para o quarto, o rei, o anão e os quatro biltres. Mas Tristão ouviu-os: levantou-se, saltou, chegou a seu leito... Infelicidade! Na passagem, o sangue por desgraça escorreu do ferimento para a farinha de trigo.

Lá estavam o rei, os barões e o anão com uma luz. Tristão e Isolda fingiam dormir, tinham ficado sozinhos no quarto com Perinis, que se deitava aos pés de Tristão e não se mexia. Mas o rei viu sobre o leito os lençóis manchados de vermelho e, no chão, o polvilho molhado de sangue fresco.

Então os quatro barões, que odiavam Tristão por suas façanhas, mantiveram-no em seu leito, ameaçaram a rainha e dela escarneceram, desafiaram-na com insolência e prometeram-lhe uma bela justiça. Descobriram a ferida que sangrava:

– Tristão – disse o rei –, não valeria agora nenhum desmentido. Morrerás amanhã.

Ele gritou:

– Concedei-me mercê, senhor! Em nome do Deus que sofreu a Paixão, senhor, piedade para nós.

– Senhor, vingate! – responderam os traidores.

– Belo tio, não é por mim que vos imploro. Que me importa morrer? Certamente, não fosse o medo de vos encolerizar, eu venderia caro esta afronta aos covardes que, sem a vossa salvaguarda, não teriam a ousadia de tocar meu corpo com suas mãos; mas, por respeito e por amor a vós, entrego-me à vossa mercê: fazei de mim o que quiserdes. Eis-me aqui, senhor, mas tende piedade da rainha!

E Tristão inclinou-se e humilhou-se a seus pés.

– Piedade para a rainha, pois, se existir um homem em tua casa bastante audaz para sustentar essa mentira de que a amei com amor culpável, encontrar-me-á de pé diante dele em campo fechado. Sire, misericórdia para ela, em nome do Senhor Deus!

Mas os barões amarraram-no com cordas, a ele e à rainha. Ah! Se ele soubesse que não admitiriam que provasse sua inocência em combate singular, teriam que desmembrá-lo vivo em vez de estar sofrendo a humilhação de ser amarrado de maneira tão vil.

Mas ele confiava em Deus e sabia que em campo fechado ninguém ousaria brandir uma arma contra ele. E, certamente, confiava em Deus com razão. Quando jurava que nunca havia amado a rainha com amor culpável, os traidores riam da insolente impostura. Mas pergunto, senhores, segundo vosso testemunho, vós que sabeis a verdade do filtro bebido no mar e que bem compreendeis, dizia ele mentira? Não é o fato que prova o crime, mas sim o julgamento. Os homens veem o fato, mas Deus vê os corações e somente ele é o juiz verdadeiro. Por isso estabeleceu que todo homem acusado poderia sustentar seu direito por batalha e ele próprio combater ao lado do inocente. Por isso é que Tristão reclamava justiça e batalha e teve o cuidado de não cometer falta nenhuma em relação ao rei Marc. Mas, se tivesse podido prever o que aconteceria, teria matado os biltres. Ah! Deus! Por que não os matou?

VIII. O salto da capela

*Qui voit son cors et sa façon
Trop par avroit le cuer felon
Qui n'en avroit d'Iseut pitié.*

Bérout

Pela cidade, na noite escura, corria a notícia: Tristão e a rainha tinham sido apanhados e o rei queria matá-los. Burgueses ricos e gente do povo, todos choravam.

Infelicidade! Bem que devemos chorar! Tristão, valente barão, morreréis então por tão feia traição? E vós, rainha leal, rainha honrada, em que terra nascerá jamais filha de rei tão bela, tão querida? Então foi essa, anão corcunda, a obra das tuas mandingas? Que não veja nunca a face de Deus, aquele que, tendo te encontrado, não enfie sua lança no teu corpo! Tristão, belo e querido amigo, quando o Morholt, vindo para arrebatá-los nossos filhos, pisou nesta terra, nenhum dos nossos barões ousou enfrentá-lo, e todos ficaram calados como se fossem mudos. Mas vós, Tristão, travastes luta contra ele por todos nós, homens das Cornualhas, e matastes o Morholt; e ele vos fez grande dano com uma lança e quase morrestes por nós. Hoje, lembrando essas coisas, deveríamos consentir vossa morte?

As lamentações, os clamores alastravam-se pela cidade, todos corriam ao palácio. Mas a ira do rei era tal, que não havia um barão, por mais forte e valoroso, que ousasse arriscar uma só palavra para acalmá-lo.

Aproximava-se o dia, a noite ia-se. Antes que o sol se levantasse, Marc cavalgou para fora da cidade, em direção ao local onde tinha o costume de dar suas audiências e de julgar. Ordenou que se cavasse um fosso na terra e que lá se amontoassem sarmentos nodosos e cortantes e espinheiros brancos e pretos, arrancados com suas raízes.

À hora de prima, mandou correr um proclama por todo o país, convocando

imediatamente os homens das Cornualhas. Eles reuniram-se em grande alvoroço. Não havia quem não chorasse, exceto o anão de Tintagel. Então o rei falou-lhes assim:

– Senhores, mandei levantar esta fogueira de espinheiros para Tristão e a rainha, pois eles prevaricaram.

Mas todos lhe gritaram:

– Julgamento, rei! Primeiro o julgamento, a acusação e a defesa! Matá-los sem julgamento é uma vergonha e é crime. Rei, tempo e mercê para eles!

Marc respondeu, em sua cólera:

– Não, nem tempo, nem mercê, nem defesa, nem julgamento! Por aquele Senhor que criou o mundo, se alguém ainda exigir uma coisa dessas, será o primeiro a arder naquele braseiro!

Ele ordenou que acendessem o fogo e que fossem buscar no castelo primeiro Tristão.

Os espinheiros pegaram fogo, todos se calaram, o rei esperava.

Os lacaios correram até o quarto onde os amantes estavam sob severa guarda. Puxaram Tristão pelas mãos amarradas com cordas. Por Deus! Foi uma vilania subjugar-lo daquela maneira! Ele chorava sob a afronta; mas de que lhe serviam as lágrimas? Levaram-no vergonhosamente; e a rainha gritava, quase louca de angústia:

– Ser morta, amigo, para que fósseis salvo, seria para mim a maior alegria!

Os guardas e Tristão desceram para fora da cidade, dirigindo-se à fogueira. Mas, atrás deles, precipitou-se um cavaleiro, que os alcançou, saltou do corcel ainda correndo: era Dinas, o bom senescal. Ao ouvir os rumores do que sucedera, partira do seu castelo de Lidan; e a espuma, o suor e o sangue escorriam dos flancos do seu cavalo:

– Filho, vou correndo à audiência do rei. Talvez Deus me dê a graça de apresentar conselho tal que seja de ajuda para vós ambos. Agora ele já me permite prestar-te pelo menos um favor mínimo. Amigos – disse ele aos lacaios –, quero que o leveis sem essas peias – e Dinas cortou as cordas vergonhosas. – Se ele tentar fugir, não tendes as vossas espadas?

Beijou Tristão nos lábios, tornou a montar na sela e seu corcel levou-o.

Ora, escutai como o Senhor Deus é cheio de misericórdia. Ele, que não queria a morte do pecador, acolheu de bom grado as lágrimas e o clamor da pobre gente que lhe suplicava pelos amantes torturados. Perto da estrada por onde passava Tristão, no cimo de um rochedo e voltada para o vento glacial, uma capela dominava o mar.

A parede do fundo do coro ficava rente a uma falésia, alta, cheia de pedras, de escarpas agudas. Na abside, sobre o precipício, havia uma vidraça, obra hábil

de um santo. Tristão disse àqueles que o levavam:

– Senhores, vedes aquela capela; permite que eu entre lá. Minha morte está próxima, rogarei a Deus que tenha piedade de mim, que tanto o ofendi. Senhores, a capela só tem esta saída. Cada um de vós tem sua espada. Bem sabeis que só posso passar por esta porta, e quando eu tiver orado a Deus terei de entregar-me novamente em vossas mãos!

Um dos guardas disse:

– Bem que podemos permitir-lhe isso.

Deixaram-no entrar. Ele correu pela capela, transpôs a nave central, chegou à vitraça da abside, segurou a janela, abriu-a e atirou-se... Antes essa queda que a morte na fogueira, perante aquela assembleia!

Mas sabei, senhores, que Deus lhe concedeu bela graça: o vento prendeu-se em suas vestes, levantou-o, e colocou-o sobre uma grande pedra ao pé do rochedo. A gente das Cornualhas ainda chama essa pedra o “Salto de Tristão”.

Diante da igreja, os outros continuavam esperando por ele. Mas por nada, pois agora era Deus quem o estava guardando. Ele fugiu: a areia brandia, desmoronava sob seus passos. Ele caiu, virou-se, viu ao longe a fogueira: a labareda zunia, a fumaça subia. Ele fugiu.

Espada à cinta, rédeas soltas, Gorvenal fugira da cidade: o rei tê-lo-ia mandado queimar em lugar do seu amo. Encontrou-se com Tristão no matagal, e Tristão exclamou:

– Mestre, Deus concedeu-me sua graça. Ah! Pobre de mim, para quê? Se não tenho Isolda, nada tem valor. Por que ao menos não me arrebentei na queda! Escapei, Isolda, e vão te matar. Irão queimá-la por mim. Por ela morrerei também.

Gorvenal disse-lhe:

– Belo sire, animai-vos, não deis ouvidos à cólera. Vede essa moita espessa, cercada de um grande fosso; escondamo-nos lá: por esta estrada passa muita gente. Informar-nos-ão, e, se tiverem matado Isolda na fogueira, filho, juro por Deus, filho de Maria, nunca mais dormir sob um teto até o dia em que a tivermos vingado.

– Belo mestre, não tenho minha espada.

– Ei-la, trouxe-a para ti.

– Bem, mestre, nada mais temo a não ser Deus.

– Filho, também tenho no meu sobretudo algo que te alegrará: esta loriga sólida e leve, que poderá te servir.

– Dá-ma, belo mestre. Por este Deus em quem creio, vou agora libertar minha amiga.

– Não, não te apresses – disse Gorvenal. – Deus sem dúvida te reserva uma

vingança mais segura. Pensa que está fora do teu alcance te aproximares da fogueira. Os burgueses rodeiam-na e temem o rei. Quem queria te ver livre será o primeiro a ferir-te. Filho, é certo quando dizem: “Loucura não é façanha....” Espera...

Ora, quando Tristão atirou-se do alto da falésia, um pobre homem do povo tinha-o visto levantar-se e fugir. Correrá a Tintagel e se insinuara até o quarto de Isolda:

- Rainha, não choreis mais. Vosso amigo fugiu!
- Que Deus – disse ela – receba a minha gratidão! Agora posso ser amarrada ou desamarrada, poupada ou morta, pouco me importa.

Ora, os traidores haviam apertado as cordas dos seus pulsos com tanta crueldade, que o sangue jorrava. Mas, sorridente, ela disse:

- Se eu chorasse por este sofrimento, agora que, por sua bondade, Deus acaba de arrebatá-lo meu amigo das mãos daqueles traidores, certamente não valeria nada!

Quando chegou ao rei a notícia de que Tristão fugira pela vidraça, ele ficou pálido de ódio e ordenou a seus homens que lhe trouxessem Isolda.

Arrastaram-na. Fora da sala, à soleira, ela apareceu. Estendeu suas mãos delicadas de onde corria o sangue. Um clamor elevou-se pela rua: “O Deus, piedade por ela! Rainha sincera, rainha honrada, que luto lançaram nesta terra aqueles que vos entregaram! Maldição sobre eles!”

A rainha foi arrastada até a fogueira de espinheiros que ardia. Então, Dinas, senhor de Lidan, deixou-se cair aos pés do rei:

- Sire, escuta-me: eu te servi durante muito tempo, sem vilania, com lealdade, sem disso tirar proveito nenhum: pois não existe um pobre homem, nem órfão, nem mulher idosa, que não me desse um dinheiro de tua senescalia, que mantive a vida inteira. Como recompensa, concede-me que perdoarás a rainha. Queres lançá-la à fogueira sem julgamento: isso é pecar, pois ela não reconhece o crime de que a acusas. Pensa nisso, aliás. Se queimares seu corpo, não haverá mais segurança sobre a terra: Tristão evadiu-se. Ele conhece muito bem as planícies, as matas, os vaus, as passagens, e é audaz. Certamente, és seu tio, e ele não te atacará; mas todos os barões, teus vassalos, que puder surpreender, ele matará.

E os quatro traidores empalideceram ao ouvi-lo: já viam Tristão emboscado, a espreitá-los.

- Rei – disse o senescal –, se é verdade que te servi bem toda a minha vida, entrega-me Isolda. Responderei por ela como seu guarda e seu fiador.

Mas o rei pegou nas mãos de Dinas e jurou pelo nome dos santos que faria justiça imediata.

Então Dinas levantou-se:

– Rei, regresso a Lidan e renuncio ao vosso serviço.

Isolda sorriu tristemente. Ele montou no seu cavalo e afastou-se pesaroso e abatido, cabeça baixa.

Isolda mantinha-se de pé diante da labareda. A multidão, em volta, gritava, maldizia o rei, maldizia os traidores. As lágrimas desciam pelo seu rosto. Estava vestida com um estreito casacão cinzento, onde corria uma rendinha de ouro fino – um fio de ouro estava entrançado em seus cabelos que caíam até seus pés. Quem pudesse vê-la tão bela sem se deixar tomar de compaixão por ela teria um coração de traidor. Deus! Como seus braços estavam apertados naquelas cordas!

Ora, acontece que cem leprosos, deformados, a carne roída e toda esbranquiçada, atraídos com suas muletas pelo som das matracas, acotovelavam-se em torno da fogueira e, sob suas pálpebras inchadas, seus olhos ensanguentados gozavam do espetáculo.

Yvain, o mais horrendo dos enfermos, gritou para o rei, com uma voz estridente:

– Sire, queres lançar essa mulher neste braseiro, é boa justiça, mas breve demais. Este grande fogo tê-la-á queimado rapidamente, este grande vento depressa espalhará suas cinzas. E logo que estas labaredas se apagarem sua pena estará terminada. Queres que te ensine um castigo pior, de maneira que ela viva, mas com grande opróbrio e sempre desejando a morte? Rei, queres?

O rei respondeu:

– Quero, sim, a vida para ela, mas com grande opróbrio e pior que a morte... Quem me ensinar um suplício desses terá minha predileção.

– Sire, dir-te-ei meu pensamento em breves palavras. Vê, tenho ali cem companheiros. Dá-nos Isolda, e que ela seja de todos nós! O mal atija nossos desejos. Se a deres aos teus leprosos, nunca mulher alguma terá tido pior fim. Vê, nossos andrajos estão colados a nossas chagas, que ressumam. Ela que, junto a ti, se regalava com ricos tecidos forrados de veiros, com as joias, as salas ornadas de mármore, ela que se deliciava com os bons vinhos, com as honrarias, as alegrias, quando ela vir a corte dos teus leprosos, quando tiver que entrar sob nossos casebres baixos e deitar conosco, então Isolda, a Bela, a Loura, reconhecerá seu pecado e terá saudade deste belo fogo de espinheiros!

O rei ouviu-o, levantou-se e ficou imóvel durante muito tempo. Por fim, correu até a rainha e pegou-lhe a mão. Ela gritou:

– Por piedade, sire, lança-me na fogueira, prefiro, lança-me na fogueira!

O rei entregou-a. Yvain pegou-a e os cem doentes comprimiram-se em torno dela. Ao ouvi-los guinchando e ganindo, todos os corações desmancharam-se de compaixão; mas Yvain estava contente. Isolda foi embora. Yvain a levava. Fora

da cidade deslocava-se o horrendo cortejo.

Tinham tomado a estrada onde Tristão estava emboscado. Gorvenal soltou um grito:

– Filho, que vais fazer? Lá está tua amiga!

Tristão dirigiu-se com seu cavalo para fora do matagal:

– Yvain, já lhe fizeste companhia por muito tempo; agora chega, larga-a se quiseres viver!

Mas Yvain desabotoou seu capote.

– Alerta, companheiros! Pegai vossos porretes! Vossas muletas! Está na hora de mostrar vossa coragem!

Então, foi uma beleza ver os leprosos jogarem fora suas capas, postarem-se sobre seus pés doentes, ofegarem, gritarem, agitarem suas muletas: um ameaçava e o outro rosnava. Mas a Tristão repugnava feri-los; os narradores afirmam que Tristão matou Yvain: isso é dizer uma vilania; não, ele era valoroso demais para acabar com aquela espécie. Mas Gorvenal, tendo arrancado um forte rebento de carvalho, vibrou-o sobre o crânio de Yvain; o sangue preto jorrou e escorreu até seus pés disformes.

Tristão tomou a rainha: a partir de então ela não sentia mais nenhum sofrimento. Ele cortou as cordas de seus braços e, deixando a planície, penetraram na floresta do Morois. Lá, dentro das matas densas, Tristão sentia-se em segurança como se estivesse por trás da muralha de um castelo-forte.

Quando o sol baixou, pararam no sopé de um monte. O medo tinha esgotado a rainha; ela descansou a cabeça no corpo de Tristão e adormeceu.

De manhã, Gorvenal roubou de um forasteiro seu arco e duas flechas, bem empenadas e aguçadas, e deu a Tristão, o bom arqueiro, que surpreendeu um cabrito montes e o matou.

Gorvenal amontoou galhos secos, bateu a pederneira, fez saltar a faísca e acendeu um grande fogo para cozinhar a caça. Tristão cortou ramagens, construiu uma cabana e a cobriu de ramos. Isolda atapetou-a com capins grossos.

Então, no fundo da floresta selvagem, começou para os fugitivos uma vida dura, mas amada.

IX. A floresta do Morois

Nous avons perdu le monde, et le monde, nous; que vous en samble, tristam ami? – Amie, quand je vous ai avec moi, que me faut-il dont? Se tous li mondes estoit orendroit avec nous, je ne verroie fors vous seule.

Romance em prosa de Tristão

No fundo da floresta selvagem, em grande afã, como bichos acuados, eles vagavam, e raramente ousavam voltar à noite à choupana do dia anterior. Só comiam a carne das caças e sentiam falta do gosto do sal. Seus rostos emagrecidos tornavam-se macilentos, suas roupas viravam andrajos, rasgadas pelos espinhos. Amavam-se, não sofriam.

Certo dia, quando percorriam aquelas matas que nunca tinham sido abatidas, chegaram por acaso à ermida do Irmão Ogrin.

Ao sol, sob um bosquete de bordos, junto da sua capela, o velho, apoiado à sua muleta, ia a passos miúdos.

– Sire Tristão – exclamou –, sabeis que grande juramento fizeram os homens das Cornualhas. O rei mandou correr uma proclamação por todas as paróquias. Quem vos pegar receberá cem marcos de ouro como paga, e todos os barões juraram entregar-vos vivo ou morto. Arrependei-vos, Tristão! Deus perdoa o pecador que vem a se arrepender.

– Arrepender-me, sire Ogrin? De que crime? Vós, que nos julgais, sabeis que bebida bebemos no mar? Sim, o bom licor embriaga-nos, e eu preferiria mendigar toda a minha vida pelas estradas e viver de ervas e de raízes, com Isolda, a sem ela ser rei de um belo reino.

– Sire Tristão, que Deus vos ajude, pois perdestes este mundo e o outro. Ao traidor do seu senhor, devem fazê-lo esquartejar por dois cavalos, queimá-lo na fogueira, e no lugar onde cair sua cinza erva não cresce, sendo inútil o tamanho da terra; as árvores, o verde das plantas lá definham. Tristão, devolvei a rainha àquele que a desposou segundo a lei de Roma!

– Ela não lhe pertence mais; ele a deu àqueles leprosos; foi aos leprosos que a conquistei. Doravante, é minha. Não posso dela me separar, nem ela de mim.

Ogrin sentara-se. A seus pés, Isolda chorava, a cabeça sobre os joelhos do homem que sofria por Deus. O ermitão repetia-lhe as palavras santas do Livro; mas, toda chorosa, ela sacudia a cabeça e recusava-se a acreditar.

– Ai de nós! – disse Ogrin. – Que consolo se pode dar a mortos? Arrepende-te, Tristão, pois aquele que vive no pecado sem arrependimento é um morto.

– Não, vivo e não me arrependo. Voltamos para a floresta que nos protege e nos guarda. Vem, Isolda, amiga!

Isolda levantou-se. Deram-se as mãos. Entraram nas altas macegas e nas urzes. As árvores tornaram a fechar sobre eles as suas copas. Desapareceram por trás das folhagens.

Escutai, senhores, uma bela passagem. Tristão criara um cachorro, um belo cão de caça, ágil, ligeiro na corrida: nem conde, nem rei possuía um igual para a caça de arco. Chamava-se Husdent. Tinha sido preciso fechá-lo no torreão, entravado por um cepo suspenso ao seu pescoço. Desde o dia em que deixara de ver seu dono, recusava toda ração, escavando a terra com a pata, chorava com os olhos, uivava. Muita gente tivera compaixão dele.

– Husdent – diziam –, nenhum bicho soube amar tanto quanto tu. Sim, Salomão em sua sabedoria disse: “Meu amigo verdadeiro é o meu galgo.”

E o rei Marc, lembrando-se dos dias passados, pensava com seu coração: “Este cão mostra grande sentimento ao chorar assim por seu dono: pois existe alguém em todas as Cornualhas que valha Tristão?”

Três barões foram até o rei:

– Sire, mandai soltar Husdent: saberemos se ele está sofrendo tanto por saudade do seu dono. Senão, vê-lo-eis, logo que for solto, goela aberta, língua para fora, perseguir gente e bicho para mordê-los.

Desamarraram-no. Saltou pela porta e correu ao quarto onde havia pouco tempo ele encontrava Tristão. Rosnou, gemeu, procurou, descobriu enfim o rastro de seu dono. Percorreu passo a passo o caminho feito por Tristão rumo à fogueira. Seguiu cada um deles. Ganiu e trepou na falésia. Lá estava ele na capela, e pulou para o altar. De repente, atirou-se pela vidraça, caiu ao pé do rochedo, retomou a pista pela praia, parou um instante no bosque florido onde Tristão se emboscara, em seguida tornou a partir para a floresta. Ninguém o via que não tivesse pena dele.

– Belo rei – disseram então os cavaleiros –, deixemos de segui-lo. Ele poderia levar-nos a um lugar tal que a volta nos seria muito incômoda.

Deixaram-no e voltaram. Sob a mata, o cão soltou sua voz e a floresta ecoou.

De longe, Tristão, a rainha e Gorvenal ouviram-no:

– É Husdent! – sentiram medo: sem dúvida, o rei os perseguia; assim os fazia caçar como feras por cães!... Embrenharam-se num matagal. Na boca do mato, Tristão empertigou-se, arco em punho. Mas, quando Husdent viu e reconheceu seu dono, pulou em sua direção, revolveu a cabeça e o rabo, vergou a espinha, rolou pelo chão em círculo. Quem jamais viu tanta alegria? Em seguida, correu para Isolda, a Loura, para Gorvenal, e fez festa também para o cavalo. Tristão teve grande pena dele.

– Que tristeza! Por que desgraça tornou a nos achar? Que pode fazer com este cão, que não sabe ficar quieto, um homem acossado? Pelas planícies e pelas matas, por toda a sua terra, o rei encurrala-nos: Husdent trair-nos-á com seus latidos. Ah! Foi por amor e por nobreza de sentimentos que veio procurar a morte. Precisamos, no entanto, ter cuidado. Que fazer? Aconselhai-me.

Isolda agradou Husdent com a mão e disse:

– Sire, poupei-o! Ouvi falar de um monteiro galês que acostumou seu cão a acompanhar, sem latir, o rastro de sangue dos cervos feridos. Amigo Tristão, que alegria se conseguíssemos, mesmo com dificuldade, ensinar Husdent desse modo!

Ele pensou um instante, enquanto o cachorro lambia as mãos de Isolda. Tristão teve pena e disse:

– Quero tentar. É duro demais para mim matá-lo.

Logo Tristão pôs-se a caçar, desentocou um gamo, feriu-o com uma flecha. O cão quis lançar-se à cata do gamo e gritou tão alto, que fez-se eco na mata. Tristão fê-lo calar, batendo nele. Husdent levantou a cabeça para o seu dono, espantou-se, não ousou mais gritar, abandonou o rastro. Tristão colocou-o debaixo de si, em seguida bateu na sua bota com sua varinha de castanheira, como fazem os caçadores para excitarem os cães. A este sinal Husdent ainda quis gritar, e Tristão corrigiu-o. E, ensinando-o desse modo, ao cabo de apenas um mês, adestrou-o a caçar em silêncio: quando sua flecha feria um cabrito montes ou um gamo, Husdent, sem nunca soltar a voz, seguia o rastro na neve, no gelo ou no capim. Se alcançava o bicho sob as árvores, sabia marcar o lugar com ramagens; se o pegava na chameca, amontoava ervas sobre o corpo derrubado e voltava, sem um latido, para buscar seu dono.

Foi-se o verão, veio o inverno. Os amantes viviam escondidos no oco de um rochedo. E, no chão endurecido pelo frio, os pedaços de gelo eriçavam seu leito de folhas mortas. Pela força do seu amor, nem um nem outro sentiu sua desgraça.

Mas quando voltou o tempo luminoso construíram sob as grandes árvores sua cabana de ramos verdejantes. Tristão sabia desde criança a arte de imitar o

canto dos pássaros da mata. Quando sentia vontade, imitava o verdelhão, o melharuco, o rouxinol e todos os pássaros. Por vezes, nos ramos da cabana, atraídos por seu chamado, vários deles vinham cantar, pescoço distendido, suas trovas na luz.

Os amantes não fugiam mais pela floresta, vagando sem cessar. Nenhum dos barões se arriscava a persegui-los, pois todos sabiam que Tristão os enforcaria nos galhos das árvores. Certo dia, no entanto, um dos quatro traidores, Guenelon – que Deus o maldiga! –, levado pelo ardor da caçada, teve a ousadia de se aventurar pelas vizinhanças do Morois. Naquela manhã, na orla da floresta, no fundo de uma ravinha, Gorvenal, depois de retirar a sela do seu cavalo de batalha, deixou-o pastar o capim novo. Longe, na choça de folhagem, sobre o tapete de flores, Tristão estreitava nos braços a rainha e ambos dormiam.

De repente, Gorvenal ouviu o barulho de uma matilha: com grande estardalhaço os cães perseguiam um cervo, que se jogara na ravina. Ao longe, na charneca, apareceu um caçador. Gorvenal reconheceu-o: era Guenelon, o homem que seu senhor odiava mais do que qualquer outro. Sozinho, sem escudeiro, as esporas cutucando as ilhargas ensanguentadas do seu cavalo e fustigando o seu pescoço, ele corria. Emboscado atrás de uma árvore, Gorvenal espreitava-o. Ele viera depressa. Sua volta seria mais lenta.

Ele passou. Gorvenal saltou da emboscada, agarrou a brida e, revendo nesse instante todo o mal que aquele homem fizera, derrubou-o, desmembrou-o todo e foi embora, levando a cabeça decepada.

Lá longe, na choça de folhagem, sobre o tapete de flores, Tristão e a rainha dormiam estreitamente abraçados. Gorvenal aproximou-se sem fazer barulho, com a cabeça do morto na mão.

Quando os caçadores acharam debaixo da árvore o tronco sem cabeça, enlouquecidos, como se Tristão já estivesse em seu encalço, fugiram com medo da morte. Desde então, quase não vinham mais caçar naquela floresta.

Para alegrar o coração do seu senhor ao despertar, Gorvenal prendeu pelos cabelos a cabeça numa estaca da cabana: a densa ramagem tecia-lhe uma grinalda.

Tristão despertou e viu, meio oculta atrás das folhas, a cabeça que olhava para ele. Reconheceu Guenelon. Pôs-se de pé, assustado. Mas seu mestre gritou-lhe:

– Acalma-te, está morto. Matei-o com esta espada. Filho, ele era teu inimigo!

E Tristão alegrou-se. Aquele que ele odiava, Guenelon, estava morto.

A partir de então ninguém mais ousaria penetrar na floresta selvagem: o pavor guardava sua entrada e os amantes lá eram senhores. Foi então que Tristão

aperfeiçoou o arco Que não falha, o qual acertava sempre o alvo, gente ou bicho, no local visado.

Senhores, era um dia de verão, na época em que se faz a colheita, um pouco depois da festa de Pentecostes, e os pássaros, ao cair do orvalho, saudavam o amanhecer que se aproximava. Tristão saiu da cabana, pôs sua espada à cinta, aprontou o arco Que não falha e, sozinho, partiu para caçar na floresta. Antes que caísse a noite acontecer-lhe-ia grande aflição. Não, jamais houve amantes que se amaram tanto e o pagaram tão duramente.

Quando Tristão voltou da caçada, oprimido pelo calor sufocante, tomou a rainha entre seus braços.

– Amigo, onde estiveste?

– Fui atrás de um cervo que me deixou morto de cansaço. Vê como o suor escorre dos meus membros, eu gostaria de me deitar e dormir.

Debaixo da choupana de ramos verdes, atapetada de ervas frescas, Isolda foi a primeira a se estender. Tristão deitou-se depois dela e depôs a espada sem a bainha entre seus corpos. Para felicidade deles, conservaram suas roupas. A rainha tinha no dedo o anel de ouro com as belas esmeraldas que Marc lhe dera no dia das núpcias; seus dedos tinham ficado tão magros que o anel mal se segurava. Dormiam assim, um dos braços de Tristão passado pelo pescoço de sua amiga, o outro jogado por cima do seu belo corpo, estreitamente abraçados; mas seus lábios não se tocavam. Não havia um sopro de brisa, nem folhas que bulisse. Através do teto de folhagem, um raio de sol descia sobre o rosto de Isolda, que brilhava como um pedaço de gelo.

Ora, acontece que um monteiro achou na mata um lugar onde o capim estava pisado. No dia anterior, os amantes haviam se deitado ali; mas ele não reconheceu a marca de seus corpos, seguiu as pegadas e chegou à sua cabana. Viu-os dormindo, reconheceu-os e fugiu, temendo acordar o terrível Tristão. Correu a Tintagel, a duas léguas dali, subiu os degraus da sala e encontrou o rei que dava audiência no meio de seus vassalos reunidos.

– Amigo, que vens procurar aqui dentro todo esbaforido como te vejo? Pareces um criado de cães de caça que correu muito tempo atrás de seus cachorros. Queres, também tu, reclamar de alguma coisa? Quem te expulsou da minha floresta?

O monteiro levou-o a um canto e, em voz baixa, disse-lhe:

– Vi a rainha e Tristão. Estavam dormindo, fiquei com medo.

– Em que lugar?

– Em uma cabana no Morois. Dormem nos braços um do outro. Vem depressa se queres ter tua vingança.

– Espera-me na entrada da mata, ao pé da Cruz Vermelha. Não fales a

homem nenhum sobre o que viste. Dar-te-ei tanto ouro e tanta prata quanto quiseses pegar.

O monteiro foi para lá e sentou-se embaixo da Cruz Vermelha. Maldito espião! Mas ele morreria vergonhosamente, como esta história vo-lo dirá daqui a pouco.

O rei mandou selar seu cavalo, pôs à cinta sua espada e, sem nenhuma companhia, saiu da cidade. Enquanto cavalgava, sozinho, tornou a se lembrar da noite em que apanhara o seu sobrinho: que ternura havia então mostrado por Tristão, no rosto claro, Isolda, a Bela. Se os surpreendesse, castigá-los-ia por esses grandes pecados. Vingá-los-ia daqueles que o tinham desonrado...

Na Cruz Vermelha, encontrou o monteiro:

– Vai na frente. Leva-me rápido e certo.

A sombra negra das grandes árvores envolvia-os. O rei acompanhava o espião. Confiava na sua espada, que outrora vibrara belos golpes. Ah! Se Tristão despertasse, um dos dois – Deus sabe qual! – morreria imediatamente. Por fim o monteiro disse em voz baixa:

– Rei, estamos perto.

Segurou o estribo para ele, amarrou os arreios do cavalo aos galhos de uma macieira verde. Aproximaram-se mais e, de repente, numa clareira ensolarada, viram a cabana florida.

O rei desatou sua capa de presilhas de ouro fino, colocou-a de lado e seu belo corpo apareceu. Tirou sua espada da bainha e, intimamente, disse que queria morrer se não os matasse. O monteiro seguiu-o. Fez-lhe sinal para ir.

Ele penetrou sozinho sob a cabana, a espada desembainhada, e ergueu-a... Ah! Que lástima se vibrasse esse golpe! Mas notou que suas bocas não se tocavam e que uma espada nua separava seus corpos:

– Deus! – disse ele consigo mesmo. – Que vejo aqui? Será preciso que os mate? Há tanto tempo vivem nesta floresta; se eles se amassem com amor louco, teriam colocado esta espada entre eles? E não se sabe que uma lâmina nua que separa dois corpos é garantia e guarda de castidade? Se eles se amassem com amor louco, repousariam com tanta pureza? Não, não os matarei. Seria grande pecado feri-los. E, se eu acordasse este dorminhoco e um de nós dois fosse morto, disso falaria por muito tempo, para vergonha nossa. Mas farei com que, ao despertarem, saibam que os encontrei dormindo e que não quis a sua morte, e que Deus teve compaixão deles.

O sol, atravessando a cabana, queimava a face branca de Isolda. O rei pegou suas luvas ornadas de arminho: “Foi ela”, pensou ele, “que, recentemente, trouxe-mas da Irlanda!...” Colocou-as na folhagem para fechar o buraco por onde descia o raio de sol; em seguida, retirou de leve o anel de pedras de

esmeralda que ele tinha dado à rainha. Naquela época, fora preciso forçar um pouco para fazê-lo passar pelo dedo. Agora seus dedos estavam tão magros, que o anel saiu sem esforço. Em seu lugar, o rei pôs o anel que Isolda lhe presenteara. Em seguida retirou a espada que separava os amantes, aquela mesma – reconheceu ele – que se tinha avariado no crânio do Morholt, colocou a sua em seu lugar, saiu da choça, saltou para a sela, e disse ao monteiro:

– Agora foge e salva o teu corpo se puderes!

Ora, Isolda teve uma visão em seu sono: estava ela debaixo de uma rica tenda, no meio de uma grande mata. Dois leões lançavam-se sobre ela e lutavam para possuí-la... Ela soltou um grito e despertou: as luvas ornadas de arminho branco caíram sobre o seu seio. Com o grito, Tristão ficou de pé, quis apanhar sua espada e reconheceu, pelo punho de ouro, a espada do rei. E a rainha viu em seu dedo o anel de Marc. Ela gritou:

Sire, que desgraça para nós! O rei surpreendeu-nos.

– Sim – disse Tristão –, ele levou minha espada; estava só, ficou com medo, foi procurar reforço. Voltará, mandará lançarem-nos na fogueira diante de todo o povo. Vamos fugir!...

E, em grandes jornadas, acompanhados de Gorvenal, eles fugiram para a terra de Gales, até os confins da floresta do Morois. Quantas torturas causadas por amor!

X. O eremita Ogrin

*Aspre vie meinent et dure:
Tant s'entraiment de bone amor
L'uns por l'autre ne sent dolor*

Béroutl

Passados três dias, como Tristão houvesse por muito tempo seguido os vestígios de um cervo ferido, a noite caiu, e, sob a mata escura, ele se pôs a pensar: – Não, não foi absolutamente por medo que o rei nos poupou. Ele tinha pego minha espada, eu dormia, estava à sua mercê, podia ferir-me: para que reforço? E, se quisesse pegar-me vivo, por quê, tendo-me desarmado, ter-me-ia deixado sua própria espada? Ah! Reconheci-te, pai: não por medo, mas por ternura e por piedade quiseste nos perdoar. Perdoar-nos? Quem então poderia, sem se aviltar, deixar passar um tal delito? Não, absolutamente não perdoou, mas compreendeu. Soube que na fogueira, no salto da capela, na emboscada contra os leprosos, Deus nos havia tomado sob sua proteção. Lembrou-se então do menino que, outrora, tocava harpa a seus pés, e da minha terra de Loonnois, abandonada por causa dele, e da lança do Morholt e do sangue derramado por sua honra. Lembrou-se de que eu não tinha reconhecido meu erro, mas em vão reclamara julgamento, direito e batalha, e a nobreza de seu coração levou-o a compreender coisas que seus homens à sua volta não compreendem: não que ele saiba nem jamais possa saber a verdade do nosso amor; mas duvida, espera, sente que eu não disse mentira, deseja que por julgamento eu encontre o meu direito. Ah! Belo tio, vencer em batalha com a ajuda de Deus, ganhar vossa paz, e por vós envergar de novo a loriga e o elmo! Como pensei nisso! Ele reaveria Isolda: eu entregá-la-ia? Por que não me degolou no meu sono, seria preferível! Um pouco antes, perseguido por ele, eu podia odiá-lo e esquecê-lo: abandonara Isolda aos doentes, ela não era mais dele, era minha. Mas eis que, por sua compaixão, despertou minha ternura e reconquistou a rainha. A rainha? Ela era

rainha junto dele, mas nesta mata vive como uma escrava. Que fiz eu da sua juventude? Em vez de seus aposentos cheios de tecidos de seda, dou-lhe esta floresta selvagem – uma choupana, em vez de seus belos cortinados. E é por minha causa que ela segue este mau caminho. Ao Senhor Deus, rei do mundo, clamo por compaixão e suplico-lhe que me dê forças para devolver Isolda ao rei Marc. Não é ela sua esposa, casada segundo a lei de Roma, diante de todos os homens ricos da sua terra?

Tristão apoiou-se no seu arco e durante muito tempo lamentou-se dentro da noite.

No mato espesso, fechado por espinheiros, que lhes servia de morada, Isolda, a Loura, esperava a volta de Tristão. Na claridade de um raio de lua, viu luzir em seu dedo o anel de ouro que Marc lhe havia deixado. E pensou:

– Aquele que por bela cortesia deu-me este anel de ouro não é o homem irado que me entregava aos leprosos. Não, é o senhor compassivo que, desde o dia em que aportei na sua terra, acolheu-me e protegeu-me. Como ele amava Tristão! Mas eu vim, e que foi que fiz? Tristão não deveria viver no palácio do rei, com cem donzéis, que seriam da sua mesnada e o serviriam como cavaleiros armados? Não deveria ele, cavalgando pelas cortes e pelas baronias, procurar aventuras? Mas, por mim, esquece toda cavalaria, exilado da corte, caçado nesta floresta, levando esta vida selvagem!...

Ela ouviu então sobre as folhas e os galhos secos os passos de Tristão, que se aproximava. Foi ao encontro dele como de costume, para apanhar suas armas. Retirou-lhe das mãos o arco que não falha e suas flechas e desamarrou as tiras de sua espada.

– Amiga – disse Tristão –, é a espada do rei Marc. Ela devia degolar-nos e poupou-nos.

Isolda pegou a espada, beijou sua guarda de ouro. E Tristão viu que ela chorava.

– Amiga – disse ele –, se eu pudesse fazer acordo com o rei Marc! Se ele permitisse que eu provasse pela batalha que nunca, nem por atos nem por palavras, amei-vos com amor culpável, todo e qualquer cavaleiro de seu reino, desde Lidán até Durham, que ousasse me contradizer encontrar-me-ia armado em campo fechado. Depois, se o rei quisesse suportar manter-me na sua mesnada, servi-lo-ia com grande honra, como meu senhor e meu pai; e, se preferisse me afastar e vos conservar, eu iria para a Frísia ou a Bretanha, com Gorvenal como único companheiro. Mas por toda parte onde eu andasse, rainha, e para sempre, seria vosso. Isolda, não pensaria nesta separação, se não fosse a dura miséria que suportais por mim há tanto tempo, bela, nesta terra deserta.

– Tristão, lembrai-vos do eremita Ogrin no seu bosquezinho! Voltemos até

ele e possamos nós pedir clemência ao Todo-Poderoso Rei Celeste, Tristão amigo!

Eles acordaram Gorvenal. Isolda montou no cavalo, que Tristão conduziu pela brida, e, durante toda a noite, atravessando pela última vez a floresta amada, caminharam em silêncio.

De manhã, descansaram, depois caminharam de novo, até que chegaram ao eremitério. Na soleira da sua capela, Ogrin lia um livro. Viu-os e, de longe, chamou-os com ternura:

– Amigos! Como o amor persegue-vos de desgraça em desgraça! Quanto tempo durará vossa loucura? Coragem! Arrependei-vos de uma vez por todas!

Tristão disse-lhe:

– Escutai, sire Ogrin. Ajudai-nos a apresentar uma proposta de acordo ao rei. Entregar-lhe-ia a rainha. Em seguida, iria embora para longe, para a Bretanha ou para a Frísia. Um dia, se o rei quisesse me suportar perto dele, eu voltaria e servi-lo-ia como devo.

Inclinada aos pés do eremita, Isolda disse por sua vez com voz dolente:

– Não vivereis mais assim. Não digo que me arrependo de ter amado e de amar Tristão, agora e sempre; mas nossos corpos, pelo menos, ficarão doravante separados.

O eremita chorou e adorou a Deus: “Deus, belo rei todo-poderoso! Dou-vos graças por me haverdes deixado viver bastante tempo para vir em socorro destes aqui!” Aconselhou-os com sabedoria, em seguida pegou tinta e pergaminho e escreveu um breve onde Tristão apresentava um acordo ao rei. Quando acabou de escrever todas as palavras que Tristão lhe disse, este as selou com seu anel.

– Quem levará este breve? – perguntou o eremita.

– Eu mesmo o levarei.

– Não, sire Tristão, não tentareis absolutamente esta cavalgada arriscada. Irei em vosso lugar, conheço muito bem os homens do castelo.

– Deixai, belo sire Ogrin. A rainha ficará no vosso eremitério. Ao cair da noite, irei com meu escudeiro que guardará o meu cavalo.

Quando a escuridão desceu sobre a floresta, Tristão pôs-se a caminho com Gorvenal. Às portas de Tintagel, deixou-o. Sobre as muralhas, as sentinelas tocavam suas cometas. Enfiou-se no fosso e atravessou a cidade com perigo da sua vida. Como outrora, transpôs as paliçadas agudas do pomar, tornou a ver a escadaria de mármore, a fonte e o grande pinheiro, e aproximou-se da janela por trás da qual o rei dormia. Chamou-o suavemente. Marc despertou.

– Quem és tu que me chamas em plena noite, em semelhante hora?

– Sire, sou Tristão, trago-vos um breve; deixo-o aqui nas grades desta janela. Mandai prender a vossa resposta no braço da Cruz Vermelha.

– Pelo amor de Deus, belo sobrinho, espera-me!

Correu ao umbral e, por três vezes, gritou para dentro da noite:

– Tristão! Tristão! Tristão, meu filho!

Mas Tristão tinha fugido. Encontrou-se com seu escudeiro e, com um salto leve, pôs-se na sela.

– Louco! – disse Gorvenal. – Apressa-te, fuja por este caminho.

Chegaram finalmente ao eremitério onde encontraram, a esperá-los, o eremita que orava, Isolda que chorava.

XI. O Vau Arriscado

*Oyez, vous tous qui passez par la voie,
Venez ça, chascun de vous voie
S'il est douleur fors que la moie:
C'est Tristan que la mort mestroie.*

O lai mortal

Marc mandou acordar seu capelão e estendeu-lhe a carta. O eclesiástico quebrou o lacre e cumprimentou primeiro o rei em nome de Tristão. Em seguida, tendo habilmente decifrado as palavras escritas, transmitiu-lhe o que Tristão lhe participava. Marc ouviu-o sem dizer uma palavra e rejubilava-se em seu coração, pois ainda amava a rainha.

Convocou precisamente os mais estimados dos seus barões; quando estavam todos reunidos, fizeram silêncio e o rei falou:

– Senhores, recebi este breve. Sou rei sobre vós, e vós sois meus fiéis. Escutai o que me é transmitido, depois me aconselhais, peço-vos, já que me deveis conselho.

O capelão levantou-se, desatou o breve com as mãos e, de pé, perante o rei:

– Senhores – disse ele –, Tristão manda primeiro saudação e amor ao rei e a toda a sua baronia. “Rei”, acrescenta ele, “quando matei o dragão e conquistei a filha do rei da Irlanda, foi a mim que ela foi entregue; poderia ter ficado com ela, mas absolutamente não o quis: trouxe-a para vossa terra e vo-la entreguei. Entretanto, mal a tomastes como esposa, traidores enganaram-vos com suas mentiras. Em vossa cólera, belo tio, meu senhor, quisestes mandar-nos para a fogueira sem julgamento. Mas Deus teve compaixão: nós lho suplicamos, ele salvou a rainha, se fez justiça; eu também, ao atirar-me de um alto rochedo, escapei pelo poder de Deus. Que fiz então que possa ser censurado? A rainha estava entregue aos doentes, vim em seu socorro, resgatei-a, levei-a: poderia eu então faltar nessa contingência àquela que quase morrera, inocente, por minha

causa? Fugi com ela pelas matas: poderia eu, pois, para vo-la entregar, sair da floresta e descer para a planície? Não havíeis ordenado que nos pegassem mortos ou vivos? Mas, hoje como antes, estou pronto, belo sire, a dar meu penhor e a provar por batalha, ao primeiro que aparecer, que jamais a rainha teve por mim, nem eu por ela, amor que vos fosse ultrajante. Ordenai o combate: não recuso nenhum adversário e, se não puder provar meu direito, mandai-me para a fogueira diante de vossos homens. Mas, se eu vencer e se for do vosso agrado reaver Isolda de rosto puro, nenhum de vossos barões vos servirá melhor do que eu; se, ao contrário, não quiserdes meu serviço, atravessarei os mares e irei oferecer-me ao rei da Gavoia ou ao rei da Frísia, e não ouvireis mais falar de mim. Sire, aconselhai-vos e, se não consentirdes em nenhum acordo, levarei Isolda de volta para a Irlanda, onde a peguei; ela será rainha em seu país.”

Quando os barões cornualheses ouviram que Tristão lhes oferecia combate, todos disseram ao rei:

– Sire, torna a ficar com a rainha: são insensatos os que a caluniaram junto a ti. Quanto a Tristão, que se vá, como ele propõe, guerrear na Gavoia ou junto ao rei da Frísia. Manda que te traga Isolda, em tal dia e o quanto antes.

Por três vezes o rei perguntou:

– Ninguém se levanta para acusar Tristão?

Todos ficaram calados. Então ele disse ao capelão:

– Fazei então um breve o mais rápido possível. Ouvistes o que é preciso colocar aí. Apressai-vos em escrever: Isolda já sofreu demais em seus jovens anos! E que a carta seja pendurada no braço da Cruz Vermelha antes desta noite. Fazei-a depressa!

Ele acrescentou:

– Direis também que envio a ambos minhas saudações e amor.

Por volta da meia-noite, Tristão atravessou a Charneca Branca, achou o breve e trouxe-o selado ao eremita Ogrin. O eremita lhe deu as letras: Marc consentia, a conselho de todos os seus barões, em retomar Isolda, mas não em conservar Tristão a seu soldo. Quanto a Tristão, devia atravessar o mar, quando, três dias depois, no Vau Arriscado, tivesse entregue a rainha nas mãos de Marc.

– Deus! – disse Tristão – que tristeza perder-vos, amiga! No entanto, é preciso, pois o sofrimento que suportáveis por minha causa, agora posso poupar-vos. Quando chegar o momento de nos separarmos, dar-vos-ei um presente, prova do meu amor. Do país desconhecido para onde vou, enviar-vos-ei um mensageiro; dir-me-á o vosso desejo, amiga, e ao primeiro chamamento virei da terra distante ao vosso encontro.

Isolda suspirou e disse:

– Tristão, deixa comigo Husdent, teu cachorro. Jamais nenhum cão de caça

precioso será guardado com maior honra. Quando o vir, lembrar-me-ei de ti e ficarei menos triste. Amigo, tenho um anel de jaspe verde, toma-o por amor a mim, usa-o no teu dedo: se alguma vez um mensageiro disser que vem da tua parte, não acreditarei nele, por mais que faça ou diga, enquanto não me tiver mostrado esse anel. Mas, assim que o vir, nenhum poder, nenhuma proibição real me impedirão de fazer o que me disseres, quer seja sabedoria ou loucura.

- Amiga, dou-vos Husdent.
 - Amigo, tomai este anel como recompensa.
- E beijaram-se nos lábios.

Ora, deixando os amantes no eremitério, Ogrin tinha caminhado com sua muleta até o Monte. Lá comprou veiro, gridelim, arminho, tecidos de seda, de púrpura e de escarlate, um chintz mais branco que flor-de-lis, e também um palafrém ajaeado de ouro, que andava a passo de marcha suavemente. As pessoas riam ao vê-lo esbanjar, com aquelas compras estranhas e magníficas, seus dinheiros amealhados durante muito tempo. Mas o ancião carregou o palafrém com os ricos tecidos e voltou para junto de Isolda:

– Rainha, vossas vestes estão em farrapos; aceitai estes presentes a fim de ficardes mais bela no dia em que fordes ao Vau Arriscado. Temo que não sejam do vosso agrado: não sou muito bom na escolha de tais adereços.

Entrementes, o rei mandava apregoar pelas Cornualhas a notícia de que dentro de três dias, no Vau Arriscado, faria acordo com a rainha. Damas e cavalheiros dirigiam-se em massa àquela assembleia; todos desejavam rever a rainha Isolda, todos a amavam, exceto os três traidores que ainda sobreviviam.

Mas um desses três morrerá pela espada, o outro perecerá transpassado por uma flecha, o outro afogado: e, quanto ao monteiro, Perinis, o Franco, o Louro, matá-lo-á a cacetadas, na floresta. Assim, Deus, que odeia toda iniquidade, vingará os amantes contra os seus inimigos.

No dia marcado para a assembleia, no Vau Arriscado, a campina brilhava ao longe, toda estendida e ornada com as ricas tendas dos barões. Na floresta, Tristão cavalgava com Isolda, e por medo de uma emboscada vestira sua loriga sob seus andrajos. De repente, ambos apareceram na boca da floresta e viram ao longe, entre os barões, o rei Marc.

– Amiga – disse Tristão –, eis o rei vosso senhor, seus cavaleiros e seus mercenários. Vêm em nossa direção. Em um instante não poderemos mais nos falar. Pelo Deus poderoso e glorioso suplico-vos: se um dia eu vos enviar uma mensagem, fazei o que eu vos mandar!

– Amigo Tristão, desde que eu torne a ver o anel de jaspe verde, nem torre, nem muralha, nem castelo fortificado impedir-me-ão de fazer a vontade de meu amigo.

– Isolda, que Deus te ouça!

Seus dois cavalos marchavam lado a lado: ele puxou-a para si e apertou-a entre seus braços.

– Amigo – disse Isolda –, ouve minha última súplica: vais deixar este país; espera pelo menos alguns dias –, esconde-te, até saberes como me trata o rei, em sua cólera ou em sua bondade!... Estou só: quem me defenderá dos traidores? Tenho medo! O monteiro Orri dar-te-á pousada secretamente. Insinua-te à noite até o celeiro em ruínas: enviarei Perinis para dizer-te se alguém me maltrata.

– Amiga, ninguém ousará. Ficarei escondido em casa de Orri: quem quer que te faça mal, que se resguarde de mim como do Inimigo!

As duas tropas tinham se aproximado para a troca de saudações. Ao alcance de um arco na frente dos seus, o rei cavalgava desembaraçadamente – com ele, Dinas de Lidan.

Quando os barões o encontraram, Tristão, segurando pelas rédeas o palafrém de Isolda, cumprimentou o rei e disse:

– Rei, entrego-te Isolda, a Loura. Diante dos homens da tua terra, peço-te concordares com que eu me defenda na tua corte. Nunca fui julgado. Faze com que eu me justifique por combate: vencido que eu for, queima-me no enxofre; se vitorioso, mantém-me perto de ti; ou, se não quiseses me manter, irei embora para um país distante.

Ninguém aceitou o desafio de Tristão. Então, Marc tomou por sua vez as rédeas do palafrém de Isolda e, confiando-a a Dinas, afastou-se para obter conselho.

Cheio de contentamento, Dinas fez muitas homenagens à rainha e muita cortesia. Tirou-lhe a capa de escarlata suntuosa, e seu corpo apareceu gracioso sob sua única túnica fina e o grande casacão de seda. E a rainha sorriu lembrando-se do velho eremita, que não poupava seus dinheiros. Seu vestido era rico, seus membros delicados, seus olhos furta-cores, seus cabelos claros como raios de sol.

Quando os traidores viram-na bela e reverenciada como outrora, irritados, cavalgaram até o rei. Nesse momento, um barão, André de Nicole, esforçava-se por persuadi-lo:

– Sire, mantém Tristão perto de ti. Graças a ele serás um rei mais temível.

E pouco a pouco ele amolentava o coração de Marc. Mas os traidores vieram ter com ele e disseram:

– Rei, escuta o conselho que te damos com lealdade. Falaram mal da rainha; foi um erro, concordamos contigo. Mas, se Tristão e ela voltarem juntos para a tua corte, falarão de novo. É melhor deixares Tristão se afastar por algum tempo. Um dia, sem dúvida, tornarás a chamá-lo.

Assim fez Marc. Por seus barões mandou dizer a Tristão que se afastasse sem demora. Então, Tristão veio até a rainha e disse-lhe adeus. Olharam um para o outro. A rainha teve vergonha por causa da assembleia e enrubesceu.

Mas o rei ficou emocionado de compaixão e, dirigindo-se ao seu sobrinho pela primeira vez, disse:

– Para onde irás, com esses farrapos? Pega no meu tesouro o que quiseres, ouro, prata, veiro e gridelim.

– Rei – disse Tristão –, lá não pegarei nem sequer um dinheiro, nem uma malha. Como puder, irei servir com grande alegria o rico rei da Frísia.

Deu meia-volta no seu cavalo e desceu rumo ao mar. Isolda seguiu-o com os olhos e, enquanto pôde divisá-lo, não desviou o olhar.

A notícia do acordo, grandes e pequenos, homens, mulheres e crianças acorreram em massa para fora da cidade ao encontro de Isolda; e, apesar da grande tristeza pelo exílio de Tristão, faziam festa à sua rainha reencontrada. Ao badalar dos sinos, pelas ruas bem atapetadas, encortinadas de seda, o rei, os condes e os príncipes fizeram-lhe cortejo. As portas do palácio abriram-se a todos os presentes. Ricos e pobres puderam sentar-se e comer, e, para comemorar esse dia, Marc, tendo alforriado cem dos seus escravos, deu a espada e a loriga a vinte cavaleiros de segunda ordem que armou com sua própria mão. Entretanto, tendo caído a noite, Tristão, como prometera à rainha, foi ter à casa do monteiro Orri, que o hospedou secretamente no celeiro em ruínas. Os traidores que se cuidassem!

XII. O julgamento pelo ferro em brasa

Dieus i a fait vertuz.

Béroutl

Logo, Denoalen, Andret e Gondoine acreditaram-se em segurança: sem dúvida, Tristão levava sua vida em além-mar, em país distante demais para alcançá-los. Portanto, certo dia de caça, quando o rei, ouvindo os latidos da sua matilha, retinha seu cavalo no meio de um roçado, os três cavalgaram até ele:

– Rei, ouve a nossa palavra. Tinhas condenado a rainha sem julgamento, e fora um crime abominável. Hoje a absolves sem julgamento: não é incidir no mesmo crime também? Ela nunca se justificou, e os barões do teu país reprovam a vós ambos. É melhor que lhe aconselhes que ela mesma peça o julgamento de Deus. Que lhe custará, sendo inocente, jurar pelos ossos dos santos que nunca pecou? Inocente, segurar um ferro em brasa? Assim o quer o costume, e por esta prova fácil estarão para sempre dissipadas as suspeitas antigas.

Marc, irritado, respondeu:

– Que Deus vos destrua, senhores cornualheses, a vós que sem descanso procurais enxovalhar-me a honra! Por vós expulsei meu sobrinho: que mais estais a exigir? Que eu expulse a rainha para a Irlanda? Quais são as vossas novas queixas? Contra as queixas antigas, Tristão não se ofereceu para defendê-la? Para justificá-la, ofereceu-vos a batalha, e vós todos o ouvíeis: por que não pegastes contra ele vossos escudos e vossas lanças? Senhores, exigistes de mim além do direito. Temei pois que, o homem por vós expulso, eu o chame aqui!

Então os covardes tremeram. Acreditaram ver Tristão de volta, a sangrar seus corpos friamente.

– Sire, nós vos dávamos leal conselho, por vossa honra, como é conveniente a vossos fiéis; mas calar-nos-emos doravante. Esquecei vossa cólera, devolvei-nos a vossa paz!

Mas Marc ficou furioso:

– Fora daqui da minha terra, traidores! Não tereis mais minha paz. Por vós expulsei Tristão; por vossa vez, fora da minha terra!

– Que seja assim, belo sire! Nossos castelos são fortes, bem cercados de estacas, sobre rochas difíceis de galgar!

E, sem saudá-lo, deram meia-volta e se foram.

Sem esperar cães de caça nem caçadores, Marc esporeou seu cavalo rumo a Tintagel, subiu os degraus da sala, e a rainha ouviu seus passos apressados ecoarem sobre as lajes.

Ela levantou-se, foi ao seu encontro, tomou-lhe a espada, como era o seu costume, inclinou-se até seus pés. Marc reteve-a pelas mãos e levantava-a, quando Isolda, erguendo para ele seu olhar, viu suas nobres feições atormentadas pela cólera: tal como lhe aparecera antes, furioso, diante da fogueira.

“Ah!” pensou ela, “meu amigo foi descoberto, o rei o pegou!”

Seu coração enregelou-se dentro do peito e, sem uma palavra, desabou aos pés do rei. Ele tomou-a em seus braços e beijou-a ternamente. Pouco a pouco, ela reanimou-se:

– Amiga, amiga, qual é o vosso tormento?

– Sire, estou com medo; eu vos vi tão encolerizado!

– Sim, voltava irritado daquela caçada.

– Ah! senhor, se vossos caçadores vos magoaram, valeria a pena levar tão a sério aborrecimentos de caça?

Marc sorriu a essa observação:

– Não, amiga, meus caçadores não me irritaram, mas sim três covardes traidores, que desde muito tempo nos odeiam. Tu os conheces: Andret, Denoalen e Gondoine. Expulsei-os da minha terra.

– Sire, qual mal ousavam dizer de mim?

– Que te importa? Expulsei-os.

– Sire, cada um tem o direito de dizer seu pensamento. Mas eu tenho o direito de saber o vitupério lançado sobre mim. E de quem poderia ter essa notícia a não ser de vós? Sozinha neste país estrangeiro, não tenho ninguém, além de vós, sire, para me defender.

– Está bem. Eles achavam, pois, que conviria te justificares pelo juramento e pela prova do ferro em brasa. “A rainha”, diziam eles, “não deveria, ela própria, exigir esse julgamento? Essas provas são fáceis para quem se sabe inocente. Que lhe custaria?... Deus é juiz verdadeiro: ele dissiparia para sempre os agravos antigos...” Aí está o que pretendiam. Mas deixemos de lado essas coisas. Expulsei-os, estou te dizendo.

Isolda estremeceu; olhou para o rei:

– Sire, dai ordem para que eles voltem à vossa corte. Justificar-me-ei por juramento.

– Quando?

– No décimo dia.

– Esse prazo está muito próximo, amiga!

– Está longe demais. Mas peço que de hoje até lá aviseis ao rei Arthur que cavalgue com Monsenhor Gauvain, com Girflet, Ké, o senescal, e cem de seus cavaleiros até a extrema de vossa terra, a Charneca Branca, na margem do rio que separa vossos reinos. É lá, diante deles, que quero fazer o juramento, e não diante apenas de vossos barões: pois, mal eu tivesse acabado de jurar, vossos barões pedir-vos-iam ainda para me impor uma nova prova, e nunca nossos tormentos teriam fim. Mas não ousarão mais, se Arthur e seus cavaleiros forem testemunhas do juramento.

Enquanto corriam a Carduel os arautos mensageiros de Marc junto ao rei Arthur, secretamente Isolda enviou e Tristão seu laçao Perinis, o Louro, o Fiel.

Perinis correu sob as matas, evitando os caminhos trilhados, até que alcançou a cabana de Orri, o monteiro, onde, havia muitos dias, Tristão o esperava. Perinis transmitiu-lhe o que acontecia, a nova felonía, o prazo do julgamento, a hora e o local marcados:

– Sire, minha senhora manda dizer-vos que no dia aprazado, sob uma roupa de peregrino, tão habilmente disfarçado que ninguém possa reconhecer-vos, sem armas, estejais na Charneca Branca: ela precisará, para chegar ao local do julgamento, atravessar o rio de barca; na margem oposta, lá onde estiverem os cavaleiros do rei Arthur, esperá-la-eis. Sem dúvida, então, podereis prestar-lhe ajuda. Minha senhora teme o dia do julgamento: no entanto, confia na graça de Deus, que já soube arrancá-la das mãos dos leprosos.

– Volta para a rainha, belo doce amigo Perinis: dize-lhe que farei a sua vontade.

Ora, senhores, acontece que, quando Perinis estava voltando para Tintagel, percebeu num matagal o mesmo monteiro que, recentemente, tendo surpreendido os amantes adormecidos, denunciara-os ao rei. Certo dia em que estava bêbado, vangloriara-se da sua traição. O homem, tendo cavado na terra um buraco fundo, cobria-o habilmente com ramagens, para lá pegar lobos e javalis. Viu lançar-se sobre ele o laçao da rainha e quis fugir. Mas Perinis acuou-o até a beira da armadilha:

– Espião, que vendeste a rainha, por que fugir? Fica aí, perto da tua sepultura que tu mesmo tiveste o cuidado de cavar!

Seu cacete girou no ar, zumbindo. O cacete e o crânio quebraram-se ao mesmo tempo, e Perinis, o Louro, o Fiel, com o pé empurrou o corpo para dentro

do fosso coberto de ramos.

No dia marcado para o julgamento, o rei Marc, Isolda e os barões das Cornualhas, tendo cavalgado até a Charneca Branca, chegaram em bela comitiva diante do rio, e, dispostos ao longo da outra margem, os cavaleiros do rei Arthur saudaram-nos com seus estandartes brilhantes.

Diante deles, sentado no barranco, um peregrino miserável, envolvido na sua capa, de onde pendiam conchas, estendia sua gamela de madeira e pedia esmola com uma voz aguda e dolente.

Pela força dos remos, as barcas das Cornualhas aproximavam-se. Quando estavam prestes a acostar, Isolda perguntou aos cavaleiros que a rodeavam:

– Senhores, como poderia eu chegar a terra firme sem sujar meus longos vestidos nessa lama? Seria preciso que um barqueiro viesse me ajudar.

Um dos cavaleiros chamou de longe o peregrino:

– Amigo, arregaça a tua capa, desce até a água e carrega a rainha, se, no entanto, não temeres, arrebitado como te vejo, vergar a meio caminho.

O homem pegou a rainha nos braços. Ela disse-lhe em voz baixa: “Amigo!” Em seguida, ainda em voz baixa: “Deixa-te cair na areia”.

Chegando à margem, ele embicou e caiu, mantendo a rainha apertada entre seus braços. Escudeiros e barqueiros, segurando os remos e as físgas, acossavam o João-ninguém.

– Deixai-o – disse a rainha. – Sem dúvida uma longa peregrinação enfraqueceu-o.

E, desprendendo uma fivela de ouro fino, atirou-a ao peregrino.

Diante da tenda de Arthur, uma rica alcatifa da Niceia estava estendida sobre a relva verde, e as relíquias dos santos, retiradas dos escrínios e dos relicários, já estavam nela dispostas. Monsenhor Gauvain, Girflet e Ké, o senescal, montavam-lhes guarda.

A rainha, tendo suplicado a Deus, retirou as joias do pescoço e com suas mãos deu-as aos pobres mendigos. Desprendeu seu manto de púrpura e seu escapulário fino, e deu-os; deu seu chintz e seu casaco e seus sapatos enriquecidos de pedrarias. Conservou somente sobre o corpo uma túnica sem mangas e, com os braços e os pés descalços, colocou-se à frente dos dois reis. Em volta, os barões contemplavam-na em silêncio e choravam. Perto das relíquias ardia um braseiro. Trêmula, ela estendeu a mão direita na direção das ossadas dos santos e disse:

– Rei de Logres e vós, rei das Cornualhas, e vós, sire Gauvain, sire Ké e sire Girflet, e vós todos que sois minhas testemunhas, por estes corpos santos e por todos os corpos santos que estão neste mundo, juro que jamais homem algum nascido de mulher me teve em seus braços a não ser o rei Marc, meu

senhor, e o pobre peregrino que, ainda há pouco, se deixou cair aos vossos olhos. Rei Marc, este juramento é adequado?

– Sim, rainha, e que Deus manifeste seu verdadeiro julgamento!

– Amém! – disse Isolda.

Ela aproximou-se do braseiro, pálida e cambaleando. Todos mantinham-se calados; o ferro estava em brasa. Então mergulhou seus braços nus na brasa, agarrou a barra de ferro, caminhou nove passos segurando-a e depois, tendo-a rejeitado, estendeu seus braços em cruz, com as palmas das mãos abertas. E cada um viu que sua carne estava mais sã do que ameixa tirada do pé de ameixeira.

Então de todos os peitos um grande brado de louvação elevou-se para Deus.

XIII. A voz do rouxinol

*Tristam defors e chant e gient
Cum rossignol que prent congé
En fin d'esté od grant pitié.*

Le domnei des amantz

Quando Tristão, de volta à cabana do monteiro Orri, jogou fora seu cajado e tirou sua capa de peregrino, percebeu claramente em seu coração que chegara o dia de cumprir o juramento feito ao rei Marc e de se afastar do país das Cornualhas.

Por que ainda se demorava? A rainha justificara-se, o rei amava-a, respeitava-a. Se necessário, Arthur protegê-la-ia, e daí por diante nenhuma felonía prevaleceria contra ela. Por que ficar por mais tempo rondando pelas vizinhanças de Tintagel? Estava inutilmente arriscando a sua vida, a vida do monteiro e o descanso de Isolda. Certamente, era preciso partir, e foi na Charneca Branca, sob suas vestes de peregrino, que ele sentiu pela última vez o belo corpo de Isolda fremir entre seus braços.

Três dias ainda ele demorou, sem poder afastar-se do país onde vivia a rainha. Mas, quando veio o quarto dia, despediu-se do monteiro que o tinha hospedado e disse a Gorvenal:

– Belo mestre, é a hora da tardia partida: iremos para a terra de Gales.

Puseram-se a caminho, tristemente, dentro da noite. Mas sua estrada margeava o vergel cercado de estacas onde Tristão, outrora, esperava sua amiga. A noite brilhava, límpida. Numa curva do caminho, não longe da paliçada, ele viu levantar-se na claridade do céu o tronco robusto do grande pinheiro.

– Belo mestre, espera sob a mata próxima. Logo estarei lá.

– Onde vais? Louco, queres sem descanso procurar a morte?

Mas já, com um salto seguro, Tristão tinha transposto a paliçada de estacas. Chegou sob o grande pinheiro, perto da escadaria de mármore claro. De que

serviria agora jogar na fonte cavacos bem talhados? Isolda não viria mais! Em passos ágeis e prudentes, pela vereda que antigamente a rainha seguia, ousou aproximar-se do castelo.

Em seu quarto, entre os braços de Marc adormecido, Isolda estava acordada. De repente, pela veneziana entreaberta, onde brincavam os raios da lua, entrou a voz do rouxinol.

Isolda escutava a voz sonora que vinha encantar a noite, e a voz elevava-se em queixume, de tal modo que não haveria coração cruel, coração de assassino, que ela não enternecesse. A rainha pensou: “Donde vem essa melodia?...” De súbito ela compreendeu: “Ah! É Tristão! Assim, na floresta do Morois, ele imitava para meu encantamento os pássaros cantores. Ele parte, e este é o seu último adeus. Como se lamenta! Tal como o rouxinol quando se despede, no fim do verão, com grande tristeza. Amigo, nunca mais ouvirei tua voz!”

A melodia vibrou mais ardente.

“Ah! Que exigis? Que eu vá? Não! Lembra-te de Ogrin, o eremita, e dos juramentos feitos. Cala-te, a morte espreita-nos... Que importa a morte? Tu me chamas, tu me queres, eu vou!”

Desembaraçou-se dos braços do rei e jogou um manto forrado de gridelim sobre seu corpo quase nu. Precisava atravessar a sala vizinha, onde, a cada noite, dez cavaleiros velavam, revezando-se: enquanto cinco dormiam, os outros cinco, em armas, de pé diante de portas e janelas, vigiavam o exterior. Mas, por acaso, estavam todos adormecidos, cinco em leitos, cinco pelas lajes. Isolda transpôs seus corpos espalhados, levantou a barra da porta: a argola fez algum barulho, mas isso não despertou nenhum dos vigias. Ela transpôs a soleira. E o cantor calou-se.

Sob as árvores, sem uma palavra, apertou-a contra seu peito. Seus braços enlaçaram-se firmemente em torno de seus corpos, e até o amanhecer, como se estivessem presos por laços, não se desligaram do abraço. Apesar do rei e dos vigias, os amantes tinham seu prazer e seus amores.

Aquela noite enlouqueceu os amantes, e, nos dias que se seguiram, como o rei tinha deixado Tintagel para realizar suas audiências em Saint Lubin, Tristão, tendo voltado para a casa de Orri, ousou, a cada madrugada ao luar, insinuar-se pelo pomar até os quartos das mulheres.

Um servo surpreendeu-o e foi ao encontro de Andret, Denoalen e Gondoine:

- Senhores, a fera que acreditáveis desaparecida voltou à toca.
- Quem?
- Tristão.
- Quando o viste?
- Hoje de manhã bem o reconheci. E podereis igualmente, amanhã, na

aurora, vê-lo vir, espada à cinta, um arco numa das mãos, duas flechas na outra.

– Onde o veremos?

– Por uma janela que conheço. Mas, se vo-lo mostrar, quanto dar-me-eis?

– Trinta marcos de prata e serás um aldeão rico.

– Então, escutai – disse o servo. – Pode-se ver o quarto da rainha por uma janela estreita que o domina, pois fica bem no alto da muralha. Mas um grande cortinado que se estende através do quarto esconde o buraco. Que amanhã um de vós três penetre sutilmente no pomar, corte um galho comprido de espinheiro e o aguce na ponta; que se alce até a janela alta e espete o galho no tecido do cortinado. Assim, será possível afastá-lo ligeiramente, e podereis mandar queimar meu corpo, senhores, se, por trás da armação, não virdes então o que vos disse.

Andret, Gondoine e Denoalen discutiram qual dentre eles seria o primeiro a ter o prazer daquele espetáculo e combinaram concedê-lo antes a Gondoine. Separaram-se. No dia seguinte, de manhãzinha, encontrar-se-iam. No outro dia, esses senhores teriam que tomar cuidado com Tristão!

No dia seguinte, dentro da noite ainda escura, Tristão, ao deixar a cabana de Orri, o monteiro, rastejou para o castelo sob os espessos matagais de espinheiros. Quando estava saindo de uma sarça, olhou pela clareira e viu Gondoine vindo de sua mansão. Tristão jogou-se para trás nos espinheiros e escondeu-se em emboscada:

– Ah! Deus! Fazei com que aquele que se adianta por ali não me perceba antes do instante favorável!

Empunhando a espada, ele esperava; mas, por sorte, Gondoine tomou outro caminho e distanciou-se. Tristão saiu da sarça, decepcionado, armou seu arco, visou. Infelicidade! O homem já estava fora do seu alcance.

Nesse instante, eis que vem ao longe, descendo devagar a vereda, ao passo de um pequeno palafrém negro, Denoalen, seguido de dois galgos grandes. Tristão observou-o, escondido atrás de uma macieira. Viu-o açular seus cães para desentocar um javali dentro de um bosque. Mas, antes que os galgos o tivessem tirado do seu lameiro, o dono deles teria recebido um ferimento de tal ordem, que nenhum médico saberia curá-lo. Quando Denoalen passou perto dele, Tristão jogou fora sua capa, pulou, empertigou-se na frente do seu inimigo. O traidor quis fugir inutilmente; não teve tempo de gritar: “Tu me feres!” Caiu do cavalo. Tristão decepou-lhe a cabeça, cortou as tranças que pendiam em torno do seu rosto e colocou-as dentro do seu calção. Quis mostrá-las a Isolda para alegrar o coração de sua amiga. “Pena” – pensou ele. “Que aconteceu a Gondoine? Fugiu; por que não pude dar-lhe a mesma paga?”

Limpou sua espada, tornou a colocá-la na bainha, arrastou para cima do

cadáver um tronco de árvore e, deixando o corpo ensanguentado, foi-se, com o capuz na cabeça, ver sua amiga.

Ao castelo de Tintagel, Gondoine chegara antes dele: tendo já galgado a alta janela, espetara sua varinha de espinheiro no cortinado, afastando ligeiramente duas bandas do tecido, e olhava através do quarto bem alcatifado. Primeiro, não viu ninguém além de Perinis; depois, foi Brangien, que ainda segurava o pente com que acabara de pentear a Rainha dos cabelos de ouro.

Mas Isolda entrou e, em seguida, Tristão. Tinha numa das mãos seu arco de alburno e duas flechas; na outra, segurava duas tranças compridas de homem.

Deixou cair sua capa, e seu belo corpo apareceu. Isolda, a Loura, inclinou-se para saudá-lo e, quando se endireitou, levantando a cabeça para ele, viu, projetada sobre a armação, a sombra da cabeça de Gondoine. Tristão disse-lhe:

– Vês estas belas tranças? São as de Denoalen. Vinguei-te dele. Nunca mais comprará nem venderá escudo nem lança!

– Está bem, senhor. Mas entesa esse arco, por favor. Gostaria de ver se ele é cômodo para entesar.

Tristão entesou o arco, espantado, sem compreender exatamente. Isolda pegou uma das duas flechas, entalhou-a, olhou se a corda estava boa e disse em voz baixa e rápida:

– Vejo uma coisa que não me agrada. Visa bem, Tristão!

Ele tomou posição, levantou a cabeça e viu, lá por cima do cortinado, a sombra da cabeça de Gondoine. “Que Deus dirija esta flecha!” Disse isso, virou-se para a parede, atirou. A flecha comprida assobiou no ar, esmerilhão nem andorinha voaria tão rápido, vazou o olho do traidor, atravessou seu cérebro como a polpa de uma maçã e parou, vibrante, contra o crânio. Sem um grito, Gondoine dobrou-se e caiu sobre uma estaca.

Então Isolda disse a Tristão:

– Agora foge, amigo! Já vês que os traidores conhecem teu refúgio! Andret sobrevive, indicá-lo-á ao rei. Não existe mais segurança para ti na cabana do monteiro! Foge, amigo! Perinis, o Fiel, esconderá esse corpo na floresta, de tal modo que o rei nunca terá notícias dele. Mas tu, foge deste país, para tua salvação, para a minha!

Tristão disse:

– Como poderia eu viver?

– Sim, amigo Tristão, nossas vidas estão entrelaçadas e tecidas uma à outra. E eu, como poderia viver? Meu corpo fica aqui, levas meu coração.

– Isolda amiga, parto, não sei para que país. Mas, se um dia revires o anel de jaspe verde, farás o que por ele eu te transmitir?

– Sim, tu o sabes: se eu tornar a ver o anel de jaspe verde, não haverá torre,

nem castelo fortificado, nem proibição real capazes de me impedir de fazer a vontade do meu amigo, quer seja loucura ou sabedoria!

- Que Deus nascido em Belém te ouça!
- Amigo, que Deus te proteja!

XIV. O guizo maravilhoso

*Ne membre vus, ma bele amie,
D'une petite druerie?*

La folie Tristan

Tristão refugiou-se em Gales, na terra do nobre duque Gilain. O duque era jovem, poderoso, bonachão. Acolheu-o como hóspede bem-vindo. Para homenageá-lo e dar-lhe alegria, não poupou trabalho; mas nem as aventuras nem as festas puderam apaziguar a angústia de Tristão.

Certo dia em que estava sentado ao lado do jovem duque, seu coração estava tão dolorido, que ele suspirava sem ao menos perceber. O duque, para amenizar sua dor, mandou trazer para seus aposentos privados seu jogo favorito, que, por sortilégio, nas horas tristes, encantava seu olhos e seu coração. Sobre uma mesa coberta de uma púrpura nobre e rica, colocaram seu cãozinho Petit-Crû. Era um cachorro encantado: tinha vindo da ilha de Avallon. Uma fada tinha-lho enviado como um presente de amor. Ninguém saberia com que palavras bastante hábeis descrever sua natureza e sua beleza. Seu pelo era colorido de matizes dispostos tão maravilhosamente, que não se saberia dizer sua cor; seu pescoço parecia primeiro mais branco que a neve, seu traseiro mais verde que folha de trevo, uma de suas ilhargas vermelha como escarlata, a outra amarela como açafrão, seu ventre azul como lápis-lazúli, seu dorso róseo; mas, quando se olhava para ele por mais tempo, todas essas cores dançavam aos olhos e mudavam, ora brancas e verdes, amarelas, ora azuis, purpúreas, ora sombrias, ora frescas. Ele trazia ao pescoço, suspenso por uma correntinha de ouro, um guizo de reunido tão alegre, tão claro, tão doce, que, ao ouvi-lo, o coração de Tristão enterneceu-se, apaziguou-se, e sua dor dissipou-se. Não mais se lembrou de tantas misérias sofridas por causa da rainha; pois tal era a maravilhosa virtude do guizo: o coração, ao ouvi-lo soar, tão doce, tão alegre, tão puro, esquecia toda dor. E,

enquanto Tristão, emocionado pelo sortilégio, acariciava o bichinho encantado que lhe arrebatava toda tristeza e cujo pelo, ao toque da sua mão, parecia mais suave do que o tecido de samit, pensava que esse seria um belo presente para Isolda. Mas que fazer? O duque Gilain amava Petit-Crû acima de todas as coisas, e ninguém poderia obtê-lo dele, nem por astúcia nem por pedido. Certo dia, Tristão disse ao duque:

– Sire, que daríeis a quem livrasse vossa terra do gigante Urgan, o Peludo, que exige de vós tão pesados tributos?

– Na verdade, eu deixaria o vencedor escolher, entre as minhas riquezas, aquela que ele considerasse a mais preciosa. Mas ninguém ousará enfrentar o gigante.

– Aí estão maravilhosas palavras – retrucou Tristão. – Mas o bem só vem para um país por força das aventuras e, por todo o ouro de Pavia, eu não renunciaria ao meu desejo de combater o gigante.

– Então – disse o duque de Gilain –, que o Deus nascido de uma Virgem vos acompanhe e defenda da morte!

Tristão alcançou Urgan, o Peludo, em seu esconderijo. Durante muito tempo combateram furiosamente. Finalmente a bravura venceu a força, a espada ágil triunfou sobre a pesada clava, e Tristão, tendo decepado o punho direito do gigante, levou-o ao duque.

– Sire, como recompensa, como o prometestes, dai-me Petit-Crû, vosso cachorro encantado!

– Amigo, que me pediste? Deixa-mo e leva antes minha irmã e a metade da minha terra.

– Sire, vossa irmã é bela, e bela é a vossa terra, mas foi para ganhar vosso cão encantado que ataquei Urgan, o Peludo. Lembrai-vos da vossa promessa!

– Leva-o então, mas fica sabendo que tiraste o prazer dos meus olhos e a alegria do meu coração!

Tristão confiou o cão a um trovador de Gales, sábio e astucioso, que o levou da parte dele para as Cornualhas. O trovador chegou a Tintagel e o entregou secretamente a Brangien. A rainha rejubilou-se enormemente com isso, deu como recompensa dez marcos de ouro ao trovador e disse ao rei que a rainha da Irlanda, sua mãe, enviava esse caro presente. Mandou abrir para o cachorro, por um ourives, uma casinha preciosamente incrustada de ouro e pedras preciosas e, por toda parte onde ela ia, levava-o consigo como recordação do seu amigo. E, a cada vez que olhava para ele, tristeza, angústia, saudades sumiam do seu coração.

Primeiro, não compreendeu a maravilha. Se encontrava tanta doçura em contemplá-lo, era, pensava ela, porque ele lhe vinha de Tristão. Era, sem dúvida,

o pensamento do seu amigo que adormentava assim o seu sofrer. Mas um dia soube que era um sortilégio e que só o retinir do guizo encantava seu coração.

“Ah!” pensou, “convém que eu conheça o consolo, ao passo que Tristão é infeliz? Ele teria podido conservar este cão encantado e assim esquecer toda dor. Por bela cortesia, preferiu enviar-mo, dar-me seu prazer e reaver seu sofrimento. Mas não é direito que assim seja. Tristão, quero sofrer durante todo o tempo que sofreres.

Ela pegou o guizo mágico, fê-lo retinir uma última vez, desprendeu-o devagar. Em seguida, pela janela aberta, lançou-o ao mar.

XV. Isolda das Brancas Mãos

*Ire de femme est a duter,
Mult s'en deit bien chascuns garder
Cum de leger vient lur amur,
De leger revient lur haür.*

Thomas de Bretagne

Os amantes não podiam viver nem morrer um sem o outro. Separados, não era a vida, nem a morte, mas a vida e a morte ao mesmo tempo.

Pelos mares, ilhas e países, Tristão quis fugir da sua dor. Tornou a ver seu país de Loonnois, onde Rohalt, o Defensor da Fé, recebeu seu filho com lágrimas de ternura; mas, não podendo suportar viver no repouso da sua terra, Tristão partiu pelos ducados e pelos reinos, procurando aventuras. Do Loonnois à Frísia, da Frísia à Gavoia, da Alemanha à Espanha, serviu a vários senhores, levou a cabo vários empreendimentos. Infelicidade! Durante dois anos, nenhuma notícia lhe veio das Cornualhas, nenhum amigo, nenhuma mensagem.

Então acreditou que Isolda o desprezava e que o esquecera.

Ora, acontece que, certo dia, cavalgando apenas com Gorvenal, ele entrou na terra da Bretanha. Atravessaram uma planície devastada. Por toda parte muros em ruínas, aldeias sem habitantes, campos desmatados pelo fogo, e seus cavalos pisavam cinzas e carvões. Na charneca deserta, Tristão pensou:

“Estou cansado e moído. De que me servem estas aventuras? Minha dama está longe, nunca mais tornarei a vê-la. Por que, há dois anos, não me manda procurar pelos países? Nem uma só mensagem dela. Em Tintagel, o rei venera-a e serve-a. Ela vive no prazer. Certamente o guizo do cachorro encantado realizou muito bem a sua obra! Esqueceu-me e pouco lhe importam os sofrimentos e as alegrias do passado, pouco lhe importa o desgraçado que perambula por este país desolado. Por minha vez, não esquecerei nunca aquela que me esqueceu? Nunca encontrarei quem cure o meu infortúnio?”

Durante dois dias, Tristão e Gorvenal atravessaram os campos e os burgos sem ver um homem, um galo, um cão. No terceiro dia, à hora nona, aproximaram-se de uma colina onde se erguiam uma velha capela e, bem próximo, a morada de um eremita. O eremita não usava nada de veste tecida, mas sim uma pele de cabra com farrapos de lã em cima do esqueleto. Prosternado, joelhos e cotovelos nus, ele orava a Maria Madalena para que lhe inspirasse preces salutareis. Desejou boas-vindas aos que chegavam e, enquanto Gorvenal punha os cavalos para descansar, desarmou Tristão; em seguida, serviu-lhes comida. Não lhes deu iguarias finas, apenas água da fonte e pão de cevada amassado com cinza. Após a refeição, como a noite estivesse caindo, quando estavam sentados em torno do fogo, Tristão perguntou que terra em ruínas era aquela.

– Belo senhor – disse o eremita –, é a terra de Bretanha, de propriedade do duque Hoël. Antes era um belo país, rico em campinas e em glebas de lavoura: aqui moinhos, ali macieiras, acolá quintas. Mas o conde Riol de Nantes fez nestas terras todo este estrago. Seus forrageadores botaram fogo em toda parte e saquearam tudo. Com isso seus homens enriqueceram por muito tempo: assim é a guerra.

– Irmão – disse Tristão –, por que o conde Riol infamou assim o vosso senhor Hoël?

– Dir-vos-ei então, senhor, o motivo da guerra. Ficai sabendo que Riol era vassalo do duque Hoël.

Ora, acontece que o duque tem uma filha, a mais bela entre as filhas de grandes homens, e o conde Riol queria tê-la como esposa. Mas seu pai recusou-se a dá-la a um vassalo, e o conde Riol tentou arrebatá-la à força. Muitos homens morreram por causa dessa pendência. Tristão perguntou:

– O duque Hoël ainda pode fazer a sua guerra?

– Com muita dificuldade, senhor. Entretanto, seu último castelo, Carhaix, ainda resiste, pois suas muralhas são fortes, e forte é o coração do filho do duque Hoël, Kaherdin, o Bom Cavaleiro. Mas o inimigo assedia-os e mata-os de fome: poderão eles aguentar por muito tempo?

Tristão perguntou a que distância ficava o castelo de Carhaix.

– Sire, a duas milhas apenas.

Separaram-se e dormiram. De manhã, depois que o eremita cantou e que partilharam do pão de cevada e de cinza, Tristão despediu-se do homem justo e cavalgou rumo a Carhaix.

Quando parou ao pé das muralhas fechadas, viu uma tropa de homens de pé em ronda e perguntou pelo duque. Hoël encontrava-se entre aqueles homens com seu filho Kaherdin. Deu-se a conhecer e Tristão disse-lhe:

– Sou Tristão, rei de Loonnois, e Marc, o rei das Cornualhas, é meu tio. Soube, senhor, que vossos vassalos vos perturbavam e vim para oferecer-vos meus serviços.

– Pobre de mim! Sire Tristão, segui vosso caminho e que Deus vos recompense! Como acolher-vos aqui dentro? Não temos mais víveres; nenhum trigo mais, apenas favas e cevadas para subsistirmos.

– Que importa? – disse Tristão. – Vivi de ervas, raízes e bichos de caça durante dois anos, numa floresta, e ficai sabendo que achava boa aquela vida. Dai ordem para que me abram essa porta.

Kaherdin disse então:

– Recebei-o, meu pai, já que tem tanta coragem, para que tome parte em nossos bens e em nossos males.

Acolheram-no respeitosamente. Kaherdin fez seu hóspede visitar as fortes muralhas e a torre principal, bem rodeada de ameias estaqueadas onde se emboscavam os besteiros. Das seteiras, mostrou-lhe na planície, ao longe, as tendas e estandartes do conde Riol. Quando voltaram à entrada do castelo, Kaherdin disse a Tristão:

– Ora, belo amigo, subiremos à sala onde estão minha mãe e minha irmã.

Ambos, segurando-se as mãos, entraram no quarto das mulheres. A mãe e a filha, sentadas sobre uma colcha, enfeitavam com recamos de ouro um paramento eclesiástico da Inglaterra e cantavam uma canção: diziam como a Bela Doette, sentada ao vento sob o pilriteiro, esperava saudosa Doon, seu amigo, que tanto demorava a chegar. Tristão cumprimentou-as e elas cumprimentaram-no. Em seguida os dois cavaleiros sentaram-se ao lado delas. Kaherdin, mostrando a estola que sua mãe bordava, disse:

– Vede, belo amigo Tristão, que artesã é a senhora minha mãe: como sabe ornar às mil maravilhas as estolas e casulas para dá-las de esmola aos mosteiros pobres! E como as mãos de minha irmã fazem correr os fios de ouro sobre este tecido branco de Veneza! Não é à toa que tem o nome de Isolda das Brancas Mãos!

Foi assim que Tristão, sabendo que se chamava Isolda, sorriu e olhou para ela com mais ternura.

Ora, acontece que o conde Riol armara seu acampamento a três milhas de Carhaix e, já fazia muitos dias, os homens do duque Hoël não ousavam mais transpor as linhas para atacá-lo. Porém, a partir do dia seguinte, Tristão, Kaherdin e doze cavaleiros jovens saíram de Carhaix. Vestindo lorigas e com seus elmos bem colocados, cavalgaram por dentro dos bosques de abetos até as proximidades das tendas inimigas. Em seguida, abandonando a emboscada, arrebatarem à força um trem de artilharia do conde Riol. A partir desse dia,

variando astúcias e proezas, destruíram as tendas mal guardadas, atacavam seus comboios, feriam e matavam seus homens e nunca voltavam a Carhaix sem trazer alguma presa. Com isso, Tristão e Kaherdin começaram a alimentar um pelo outro um sentimento de fé e de ternura, até que juraram amizade mútua e companheirismo. Nunca faltaram com sua palavra, como a história vos mostrará.

Ora, sempre que voltavam dessas incursões, falando sobre cavalaria e cortesia, muitas vezes Kaherdin elogiava para o seu caro companheiro sua irmã Isolda das Brancas Mãos, a Simples, a Bela.

Certa manhã, ao romper da aurora, uma sentinela desceu às pressas da sua torre e correu pelas salas gritando:

– Senhores, dormistes demais! Levantai-vos, Riol vai atacar!

Cavaleiros e povo do burgo armaram-se e correram para as muralhas: viram brilhar na planície os elmos, flutuar os estandartes de cendal, e toda a hoste de Riol que avançava em formação impecável. O duque Hoël e Kaherdin logo travaram, diante das portas, as primeiras batalhas de cavaleiros. Quando chegara ao alcance de um arco, esporearam os cavalos, lanças abaixadas, e as flechas caíram sobre eles como chuva de abril.

Mas Tristão armava-se por sua vez juntamente com aqueles que a sentinela despertara por último. Amarrou seus calções, passou o casaco, as polainas estreitas e as esporas de ouro; envergou a loriga, fixou o elmo na parte inferior; montou, esporeou seu cavalo até a planície e apareceu com o escudo erguido contra seu peito, gritando: “Carhaix!” Era tempo; logo os homens de Hoël batiam em retirada. Então foi uma beleza ver a confusão dos cavalos abatidos, os vassalos feridos, os golpes vibrados pelos jovens cavaleiros, e o capim que, sob seus pés, ia ficando coberto de sangue. Na frente de todos, Kaherdin parará arrogantemente, ao ver que o irmão do conde Riol, um valente barão, investia contra eles. Os dois empurraram-se com as lanças rasteiras. O nantês quebrou a sua sem abalar Kaherdin, que, com um golpe seguro, quarteou o escudo do adversário e plantou-lhe seu ferro polido na ilharga até o golfalão. O cavaleiro foi levantado da sela e caiu do cavalo.

Ao berro que seu irmão soltou, o conde Riol lançou-se contra Kaherdin, de brida solta. Mas Tristão barrou-lhe a passagem. Quando se chocaram, a lança de Tristão partiu-se no seu punho, e a de Riol, encontrando o peito do cavalo inimigo, penetrou nas carnes e o estendeu morto na campina. Tristão levantou-se depressa com a espada brilhando na mão:

– Covarde – disse ele –, morte cruel para quem deixa o homem para ferir o cavalo! Não sairás vivo deste campo.

– Creio que mentis! – respondeu Riol, lançando seu cavalo contra ele.

Mas Tristão esquivou-se do ataque e, levantando o braço, fez cair rudemente

sua lâmina sobre o elmo de Riol, cujo arco emperrou e arrancou o nasal. A lâmina escorregou do ombro do cavaleiro ao flanco do cavalo, que cambaleou e se deixou cair por sua vez. Riol conseguiu desembaraçar-se e endireitou-se; ambos a pé, o escudo furado, fendido, a loriga desmalhada, intimaram-se e atacaram-se; finalmente Tristão feriu Riol em cima do elmo. O arco cedeu e o golpe, assestado com tanta força, fez com que o barão caísse sobre os joelhos e as mãos:

– Levanta-te, se puderes, vassalo – gritou-lhe Tristão –, em má hora vieste para este campo; deves morrer!

Riol tornou a pôr-se de pé, mas Tristão abateu-o novamente, com um golpe que lhe fendeu o elmo, cortou o forro e descobriu o crânio. Riol implorou mercê, rendeu-se, e Tristão recebeu sua espada. Pegou-a em tempo, pois de todas as partes vinham os nanteses em socorro de seu senhor. Mas seu senhor já estava criando alma nova.

Riol prometeu ir para a prisão do duque Hoël, jurar-lhe mais uma vez fidelidade e vassalagem, restaurar os burgos e as aldeias incendiadas. Por ordem sua, a batalha apaziguou-se e seu exército afastou-se.

Quando os vencedores entraram em Carhaix, Kaherdin disse a seu pai:

– Sire, mandai chamar Tristão e conservai-o; não existe melhor cavaleiro do que ele, e vosso país tem necessidade de um barão de tal valor.

Tendo pedido conselho a seus homens, o duque Hoël chamou Tristão:

– Amigo, seria pouco o maior amor que eu pudesse dedicar-vos, pois conservastes esta terra. Quero recompensar-vos. Minha filha, Isolda das Brancas Mãos, descende de duques, de reis e de rainhas. Ficai com ela, eu vo-la dou.

– Sire, fico com ela – disse Tristão.

Ah! Senhores, por que disse ele essas palavras? Mas, por essas palavras, ele morreu.

Marcou-se dia, estabeleceu-se um prazo. O duque veio com seus amigos, Tristão com os dele. O capelão cantou a missa. Diante de todos, à porta do mosteiro, segundo a lei da santa Igreja, Tristão desposou Isolda das Brancas Mãos. As núpcias foram magníficas e ricas. Mas, tendo chegado a noite, enquanto os homens de Tristão o despojavam de suas vestes, aconteceu que, ao puxarem a manga estreita demais de seu casaco, tiraram e fizeram cair de seu dedo o anel de jaspe verde, o anel de Isolda, a Loura, que produziu um som límpido nas lajes.

Tristão olhou e viu-o. Então seu antigo amor despertou, e Tristão reconheceu o seu erro.

Lembrou-se do dia em que Isolda, a Loura, lhe dera aquele anel: estavam na floresta onde, por ele, ela levava vida cruel. E, deitado ao lado da outra Isolda,

reviu a cabana do Moroís. Por que maldade do seu coração acusara intimamente sua amiga de traição? Não, ela sofria por ele todas as penas, e somente ele a tinha traído.

Mas também se compadecia de Isolda, sua esposa, a Simples, a Bela. As duas Isolda tinham-no amado em má hora. A ambas mentira a sua fidelidade.

Entretanto, Isolda das Brancas Mãos admirava-se de ouvi-lo suspirar, estendido ao seu lado. Finalmente, disse-lhe, um pouco envergonhada:

– Caro senhor, por acaso vos ofendi em alguma coisa? Por que não me dais nenhum beijo sequer? Dizei-mo para que eu reconheça minha falta e venha a expiá-la, se puder.

– Amiga – disse Tristão –, não vos zangueis, mas fiz uma promessa. Tempos atrás, num outro país, combati um dragão e ia perecer, quando me lembrei da Mãe de Deus. Prometi-lhe então que, uma vez livre do monstro por sua intercessão, se um dia eu viesse a me casar, durante todo um ano abster-me-ia de abraçar e de beijar minha esposa...

– Ora, pois – disse Isolda das Brancas Mãos –, suportá-lo-ei de boa vontade.

Mas, quando as servas, pela manhã, arrumaram-lhe a camisinha das mulheres desposadas, ela sorriu tristemente e pensou que ainda não tinha direito àquele adorno.

XVI. Kaherdin

*La dame chante dulcement,
Sa voix accorde a l'estrument.
Les mains sont belles, li lais bons,
Dulce la voix et bas li tons.*

Thomas

Alguns dias depois, o duque Hoël, seu senescal e todos os seus caçadores, Tristão, Isolda das Brancas Mãos e Kaherdin saíram juntos do castelo para caçarem na floresta. Por um caminho estreito, Tristão cavalgava à esquerda de Kaherdin, que, com sua mão direita, segurava as rédeas do palafrém de Isolda das Brancas Mãos. Ora, o palafrém tropeçou em uma poça d'água. Seu casco fez a água espirrar tão forte debaixo das vestes de Isolda, que ela ficou toda molhada e sentiu a friagem acima do joelho. Deu um gritinho e, cutucando com a espora, levantou seu cavalo, rindo um riso tão alto e tão cristalino, que Kaherdin, surgindo logo depois e tendo se juntado a ela, perguntou:

– Bela irmã, por que rides?

– Por um pensamento que me veio, belo irmão. Quando aquela água espirrou em mim, eu disse a ela: “Água, és mais ousada do que jamais o foi o audaz Tristão!” Por isso ri. Mas já falei demais, irmão, e arrependo-me.

Kaherdin, espantado, pressionou-a tanto, que ela acabou contando a verdade das suas núpcias.

Então Tristão alcançou-os, e os três cavalgaram em silêncio até a casa de caça. Lá, Kaherdin chamou Tristão à parte e lhe disse:

– Sire Tristão, minha irmã confessou-me a verdade de suas núpcias. Considerava-vos um igual e um companheiro. Mas faltastes com a vossa palavra e desonrastes a minha família. Doravante, se não me fizerdes justiça, ficai sabendo que vos desafio.

Tristão respondeu-lhe:

– Sim, vim para junto de vós para vossa infelicidade. Mas toma conhecimento da minha desgraça, belo doce amigo e companheiro, e talvez a ira de teu coração se aplaque. Fica sabendo que tenho uma outra Isolda, mais bela que todas as mulheres, que sofreu e ainda sofre por mim muitas penas. Certamente, tua irmã me ama e me considera; mas, por amor a mim, a outra Isolda trata, com mais consideração ainda do que tua irmã me trata, um cachorro que dei a ela. Vem. Deixemos esta caçada, acompanha-me aonde vou levar-vos. Contar-vos-ei a desgraçada minha vida.

Tristão virou a brida e esporeou seu cavalo. Kaherdin impeliu o seu pelas suas pegadas. Sem uma palavra, correram, até embrenharem-se completamente na floresta. Lá, Tristão revelou sua vida a Kaherdin. Contou como, no mar, bebera o amor e a morte; contou a traição dos barões e do anão, a rainha levada à fogueira, entregue aos leprosos, e seus amores na floresta selvagem; como a entregara ao rei Marc e como, tendo fugido dela, havia querido amar Isolda das Brancas Mãos; e como ele soube, daí por diante, que não poderia viver nem morrer sem a rainha.

Kaherdin calou-se e espantou-se. Sentiu sua cólera aplacar-se sem que o quisesse.

– Amigo – disse por fim –, ouço palavras maravilhosas e emocionastes meu coração até a compaixão: pois suportastes penas tais que Deus nos livre a todos nós de sofrer! Voltemos a Carhaix: no terceiro dia, se eu puder, dir-vos-ei meu pensamento.

Em seu quarto, em Tintagel, Isolda, a Loura, suspirava por Tristão, a quem ela chamava. Amava-o sempre, não tinha outro pensar, outro esperar, outro querer. Nele estava todo o seu desejo, e havia dois anos nada sabia dele. Onde estaria? Em que país? Estaria vivo ao menos?

Em seu quarto, Isolda, a Loura, estava sentada e fazia uma triste trova de amor. Contava como Guron tinha sido surpreendido e morto pelo amor da dama que amava sobre todas as coisas e como, por maldade, o conde dera o coração de Guron à sua mulher para que o comesse, e a dor que esta sofreria.

A rainha cantava docemente; unia sua voz à da harpa. As mãos eram belas, a trova era boa, o tom era baixo, doce era a voz.

Ora, aconteceu que inopinadamente sobreveio Kariado, um conde rico de uma ilha distante. Viera a Tintagel para oferecer à rainha seu serviço e, por várias vezes depois da partida de Tristão, fizera-lhe propostas de amor. Mas a rainha repelia suas súplicas e reputava-as loucura. Ele era um belo cavaleiro, altivo e arrogante, bem falante, mas valia mais nos quartos das damas do que nos campos de batalha. Encontrou Isolda cantando sua trova. Disse a ela, rindo:

– Senhora, que canto triste, triste como o da águia marinha! Não dizem que

a águia marinha canta para anunciar a morte? É sem dúvida a minha morte que a vossa trova anuncia, pois morro de amor por vós!

– Que seja – disse-lhe Isolda. – Tomara que meu canto signifique a vossa morte, pois até agora só viestes aqui dentro para me trazer uma notícia dolorosa. Vós é que sempre fostes águia marinha ou coruja uivante para falar mal de Tristão. Qual é a má notícia de hoje?

Kariado respondeu-lhe:

– Rainha, estais irritada, e não sei por que razão; louco é quem se importa com o que dizeis! Aconteça o que acontecer com a morte que a águia marinha me anuncia, eis, pois, a má notícia que vos traz a coruja uivante: Tristão, o vosso amigo, está perdido para vós, senhora Isolda. Casou-se em outra terra. Doravante, podereis vos prover em outro lugar, pois ele despreza o vosso amor. Casou-se em grande pompa com Isolda das Brancas Mãos, a filha do duque da Bretanha.

Kariado foi embora, irado. Isolda, a Loura, baixou a cabeça e começou a chorar.

No terceiro dia, Kaherdin chamou Tristão:

– Amigo, consultei meu coração e cheguei a uma conclusão. Sim, se me contastes a verdade, a vida que levais nesta terra é insânia e loucura, e nenhum bem pode vir nem para vós, nem para minha irmã Isolda das Brancas Mãos. Portanto, escutai minha proposta. Vagaremos juntos a Tintagel: tornareis a ver a rainha e sabereis se ela continua sentido vossa falta e sendo-vos fiel. Se vos esqueceu, talvez então prezareis mais Isolda, minha irmã, a Simples, a Bela. Acompanhar-vos-ei, não sou vosso igual e vosso companheiro?

– Irmão – disse Tristão –, é certo dizerem que o coração de um homem vale todo o ouro de um país.

Logo Tristão e Kaherdin pegaram o cajado e a capa dos peregrinos, como se fossem visitar os corpos santos em terras longínquas. Despediram-se do duque Hoël. Tristão levava Gorvenal, e Kaherdin, um só escudeiro. Secretamente equiparam uma nau, e os quatro vogaram rumo às Cornualhas.

O vento foi-lhes benfazejo, tanto que certa manhã aportaram antes do nascer do sol, não longe de Tintagel, em uma enseadinha deserta, vizinha do castelo de Lidan. Lá, sem dúvida, Dinas de Lidan, o bom senescal, hospedá-los-ia e saberia esconder a sua vinda.

De manhãzinha, os quatro companheiros subiam para Lidan, quando viram vindo atrás deles um homem que seguia pelo mesmo caminho ao passo lento de seu cavalo. Jogaram-se para dentro da mata e o homem passou sem os ver, pois ia cochilando na sela. Tristão reconheceu-o:

– Irmão, é o próprio Dinas de Lidan – disse ele em voz baixa a Kaherdin. –

Ele dorme. Sem dúvida está voltando da casa da sua amiga e ainda sonha com ela: não seria gentil acordá-lo; mas segue-me de longe.

Ele foi até Dinas, pegou devagar as rédeas do seu cavalo e caminhou a seu lado, sem fazer barulho. Por fim, um tropeço do cavalo despertou o dorminhoco. Abriu os olhos, viu Tristão, hesitou:

– És tu, és tu, Tristão! Bendiga Deus a hora em que te torno a ver: esperei tanto tempo por ela!

– Amigo, Deus vos salve! Que notícias me dareis da rainha?

– Ai de mim! Tristes notícias. O rei gosta dela e quer lhe fazer festa; mas desde o teu exílio ela definha e chora por ti. Ah! Por que voltar para junto dela? Queres ainda procurar tua morte e a dela? Tristão, tem compaixão da rainha, deixa-a no seu repouso!

– Amigo – disse Tristão –, concedei-me uma dádiva: escondi-me em Lidan, levai-lhe minha mensagem e fazei com que eu a reveja uma vez, uma única vez!

Dinas respondeu:

– Tenho compaixão da minha senhora e só quero dar teu recado se eu souber que ela continuou sendo-te querida sobre todas as mulheres.

– Ah! Sire, dissei-lhe que continuou sendo-me querida sobre todas as mulheres, e será verdade.

– Ora pois, segue-me, Tristão: ajudar-te-ei em tua necessidade.

Em Lidan, o senescal hospedou Tristão, Gorvenal, Kaherdin e seu escudeiro; e, quando Tristão contou-lhe de ponta a ponta a aventura da sua vida, Dinas foi a Tintagel para informar-se sobre as notícias da corte. Soube que, dentro de três dias, a rainha Isolda, o rei Marc, toda a sua mesnada, todos os seus escudeiros e todos os seus caçadores deixariam Tintagel para instalarem-se no castelo da Charneca Branca, onde se preparavam grandes caçadas. Foi aí que Tristão confiou ao senescal seu anel de jaspe verde e a mensagem que ele deveria transmitir à rainha.

XVII. Dinas de Lidan

*Bele amie, si est de nus:
Ne vus sans mei, ne jo sanz vus.*

Marie de France

Dinas voltou então a Tintagel, galgou os degraus e entrou na sala. Sob o dossel, o rei Marc e Isolda, a Loura, estavam sentados diante do tabuleiro de xadrez. Dinas tomou lugar num banquinho perto da rainha, como para observar seu jogo, e, por duas vezes, fingindo indicar-lhe as peças, pousou a sua mão sobre o tabuleiro: na segunda vez, Isolda reconheceu no seu dedo o anel de jaspe. Então, quis parar de jogar. Bateu ligeiramente no braço de Dinas, de tal maneira que vários peões caíram desordenadamente.

– Vede bem, senescal, embaraçastes o meu jogo e de modo tal, que não poderia continuá-lo.

Marc deixou a sala, Isolda retirou-se para o seu quarto e mandou chamar o senescal para perto de si:

- Amigo, sois mensageiro de Tristão?
- Sim, rainha, ele está em Lidan, escondido em meu castelo.
- É verdade que se casou na Bretanha?

– Rainha, disseram-vos a verdade. Mas ele garante que não vos traiu de maneira alguma, que nem um só dia deixou de vos amar sobre todas as mulheres, que morrerá se não vos puder rever... uma vez somente: ele vos convida a fazer isso, pela promessa que lhe fizestes no último dia em que vos falou.

A rainha ficou algum tempo calada, pensando na outra Isolda. Finalmente, respondeu:

– Sim, no último dia em que me falou, eu disse, lembro bem: “Se um dia eu vir o anel de jaspe verde, não haverá torre, nem castelo fortificado, nem

proibição real capazes de me impedir de fazer a vontade do meu amigo, quer seja loucura ou sabedoria...”

– Rainha, daqui a dois dias, a corte deve deixar Tintagel e deslocar-se para a Charneca Branca. Tristão avisa-vos que estará escondido na estrada, num matagal de espinheiros. Pede-vos que tenhais compaixão dele.

– Eu disse: nem torre, nem castelo fortificado, nem proibição real serão capazes de me impedir de fazer a vontade do meu amigo.

No dia seguinte de manhã, enquanto toda a corte de Marc aprestava-se para partir de Tintagel, Tristão e Gorvenal, Kaherdin e seu escudeiro vestiram a loriga, pegaram suas espadas e seus escudos e, por caminhos secretos, puseram-se em marcha rumo ao local designado. Cortando a floresta, duas estradas levavam à Charneca Branca: uma bela e bem calçada, por onde deveria passar o cortejo, a outra cheia de pedras e abandonada. Tristão e Kaherdin postaram nesta seus dois escudeiros; esperá-los-iam naquele local, guardando seus cavalos e seus escudos. Eles próprios introduziram-se pelo bosque e esconderam-se num matagal. Diante desse matagal, na estrada, Tristão depôs um galho de aveleira onde se entrançava um talo de madressilva.

Logo, o cortejo apareceu na estrada. Primeiro vinha a tropa do rei Marc. Em perfeita formação vinham os furriéis e os marechais, os cozinheiros e os copeiros, os capelães, os tratadores de cães conduzindo galgos e brachés, em seguida os falcoeiros levando os pássaros no punho esquerdo, depois os caçadores, os cavaleiros e os barões; vinham avançando devagar, bem arrumados de dois em dois, e era uma beleza vê-los, magnificamente montados em cavalos ajaezados de veludo semeado de pedrarias. Em seguida, passou o rei Marc, e Kaherdin maravilhava-se em ver seus íntimos em torno dele, dois de um lado, dois de outro, todos vestidos com tecidos de ouro ou de escarlata.

Então adiantou-se o cortejo da rainha. À frente vinham as mulheres encarregadas de mandar lavar a roupa do paço e as camaristas, depois as esposas e as filhas dos barões e dos condes. Passavam uma a uma; um jovem cavaleiro acompanhava cada uma delas. Finalmente aproximava-se um palafrém montado pela mais bela que os olhos de Kaherdin jamais tinham visto: seu corpo e seu rosto eram belos, os quadris um pouco baixos, as sobancelhas bem traçadas, os olhos risonhos, os dentes miúdos; um vestido de samit vermelho como cobre; um fino rosário de ouro e de pedras preciosas adornava sua fronte límpida.

– É a rainha – disse Kaherdin, em voz baixa.

– A rainha? – disse Tristão. – Que nada, é Camille, sua serva.

Então apareceu, sobre um palafrém branco, uma outra moça, mais branca que a neve em fevereiro, mais maravilhosa que a rosa; seus olhos claros tremeluziam como a estrela na fonte.

- Ora, eu a vejo, é a rainha! – disse Kaherdin.
- Ah! Não! – disse Tristão. – É Brangien, a Fiel.

Mas a estrada iluminou-se de repente, como se o sol de súbito irrompesse através das copas das grandes árvores, e Isolda, a Loura, apareceu. O duque Andret – que Deus o amaldiçoe! – cavalgava à sua direita.

Nesse instante, do matagal de espinheiros advieram cantos de toutinegras e de cotovias, e Tristão punha nessas melodias toda a sua ternura. A rainha compreendeu a mensagem do seu amigo. Notou no chão o galho de aveleira, onde o talo de madressilva estava fortemente entrançado, e pensou em seu coração: “Assim acontece conosco, amigo; nem vós sem mim, nem eu sem vós”. Fez parar seu palafrém, desceu, veio na direção de uma hacaneia que carregava uma casinha adornada de pedrarias; ali, sobre um tapete de púrpura, estava deitado o cachorro Petit-Crû: ela pegou-o nos braços, afagou-o com a mão, acariciou-o com seu manto de arminho, fez-lhe muita festa. Em seguida, tendo-o recolocado no seu escrínio, voltou-se para o matagal de espinheiros e disse em voz alta:

– Pássaros destas matas, que me alegrastes com vossas canções, eu vos contrato. Enquanto o meu senhor Marc cavalgar até a Charneca Branca, quero ficar no meu castelo de Saint-Lubin. Pássaros, fazei-me cortejo até lá. Esta noite, recompensar-vos-ei ricamente, como bons menestrelis.

Tristão guardou essas palavras e alegrou-se. Mas Andret, o Traidor, já estava ficando preocupado. Tornou a colocar a rainha na sela e o cortejo distanciou-se.

Ora, escutai uma péssima passagem. Enquanto o cortejo real estava acontecendo, lá longe, na outra estrada, onde Gorvenal e o escudeiro de Kaherdin guardavam os cavalos de seus senhores, surgiu um cavaleiro armado, de nome Bleheri. De longe, ele reconheceu Gorvenal e o escudo de Tristão: “Que vi eu?” pensou ele. “É Gorvenal e aquele outro é o próprio Tristão.” Esporeou seu cavalo na direção deles e gritou: “Tristão!” Mas os dois escudeiros já tinham torcido as rédeas e fugiam. Bleheri, correndo em seu encalço, repetia:

- Tristão! Para, suplico-te por tua valentia!

Mas os escudeiros não se voltaram. Então Bleheri gritou:

- Tristão, para, suplico-te em nome de Isolda, a Loura!

Três vezes suplicou aos fugitivos em nome de Isolda, a Loura. Inutilmente: eles desapareceram, e Bleheri só pôde alcançar um de seus cavalos, que levou como presa. Chegou ao castelo de Saint-Lubin no momento em que a rainha lá se hospedava. E, tendo-a encontrado só, disse-lhe:

– Rainha, Tristão está neste país. Vi-o na estrada abandonada que vem de Tintagel. Fugiu. Três vezes gritei-lhe que parasse, suplicando-lhe em nome de Isolda, a Loura; mas ele teve medo e não ousou esperar-me.

– Belo sire, dizeis mentira e loucura: como Tristão estaria neste país? Como teria fugido diante de vós? Como não teria parado, se lhe pedistes em meu nome?

– No entanto, senhora, eu o vi, a prova disso é que peguei um de seus cavalos. Vede-o todo ajaezado, lá na área.

Mas Bleheri viu Isolda irritada. Ficou triste com isso, pois ele amava Tristão e a rainha. Deixou-a, arrependido por ter falado.

Então Isolda chorou e disse: “Infeliz que sou! Vivi demais, pois vi o dia em que Tristão zomba de mim e me infama! Outrora, a um chamado em meu nome, qual o inimigo que ele não teria enfrentado? E valente de corpo e alma: se fugiu diante de Bleheri, se não se dignou parar em nome de sua amiga, é porque a outra Isolda o possui! Por que voltou? Já me havia traído; quis, além disso, infamar-me! Não lhe bastavam os meus tormentos passados? Pois, então, que volte infamado por sua vez, para Isolda das Brancas Mãos!”

Ela chamou Perinis, o Fiel, e transmitiu-lhe as notícias que Bleheri lhe dera. Acrescentou:

– Amigo, procura Tristão na estrada abandonada que vai de Tintagel a Saint-Lubin. Dize-lhe que não o cumprimento e que não tenha a audácia de se aproximar de mim, pois mandá-lo-ia expulsar pelos esbirros e criados.

Perinis pôs-se a procurar, até que encontrou Tristão e Kaherdin. Deu-lhes o recado da rainha.

– Irmão – exclamou Tristão –, que disseste? Como teria eu fugido diante de Bleheri, já que, como vês, não temos sequer nossos cavalos? Gorvenal e um escudeiro os guardavam, não os achamos no lugar marcado, e ainda estamos a procurá-los.

Nesse instante voltaram Gorvenal e o escudeiro de Kaherdin. Confessaram o que acontecera.

– Perinis, belo doce amigo – disse Tristão –, volta às pressas à tua senhora. Dize-lhe que lhe envio minhas saudações e amor, que não faltei à lealdade que lhe devo, que a quero acima de todas as mulheres, dize-lhe que ela te mande de volta para mim trazendo o seu perdão, esperarei aqui até que voltes.

Perinis voltou então até a rainha e transmitiu-lhe o que vira e ouvira. Porém ela não acreditou:

– Ah! Perinis, eras meu íntimo e meu fiel, e meu pai te havia destinado, desde criancinha, a me servir. Mas Tristão, o Feiticeiro, ganhou-te com suas mentiras e presentes. Tu também me traíste. Vai-te embora!

Perinis ajoelhou-se diante dela:

– Senhora, ouço palavras cruéis. Jamais sofri tormento igual na minha vida. Mas pouco me importa o que me acontece: sinto tristeza por vós, senhora, que

estais ultrajando meu senhor Tristão e que tarde demais vos arrependeréis.

– Vai-te embora, não acredito em ti. Também tu, Perinis, Perinis, o Fiel, tu me traíste!

Tristão esperou por muito tempo que Perinis lhe trouxesse o perdão da rainha. Perinis não veio.

De manhã, Tristão envolveu-se numa grande capa em farrapos. Pintou alguns pontos de seu rosto com vermelhão e casca verde de nozes, de modo que se parecesse com um doente roído pela lepra. Tomou em suas mãos uma gamela de madeira para recolher esmolas e uma matraca de morfético.

Entrou nas ruas de Saint-Lubin e, mudando sua voz, começou a pedir esmolas a todos os que chegavam. Poderia ao menos divisar a rainha?

Finalmente, ela saiu do castelo. Brangien e suas mulheres, seus criados e seus esbirros acompanhavam-na. Ela tomou o caminho que levava à igreja. O leproso seguiu os criados, fez soar a matraca, suplicou com voz dolente:

– Rainha, favorecei-me um pouco. Não sabeis como sou necessitado!

Por seu belo corpo, por sua estatura, Isolda reconheceu-o. Estremeceu toda, mas não se dignou a baixar os olhos para ele. O leproso implorava, fazia pena ouvi-lo. Arrastava-se atrás dela:

– Rainha, se ousar aproximar-me de vós, não vos irriteis. Tende piedade de mim, bem que mereço!

Mas a rainha chamou os criados e os esbirros:

– Enxotai daqui este morfético! – disse-lhes.

Os criados repeliram-no, bateram nele. Tristão resistiu-lhes e gritou:

– Rainha, tende piedade!

Então Isolda deu uma gargalhada. Seu riso ainda ecoava quando ela entrou na igreja. Quando a ouviu rir, o leproso foi embora. A rainha deu alguns passos na nave do mosteiro, mas seus membros vergaram. Ela caiu sobre os joelhos, em seguida sua cabeça virou para trás e bateu nas lajes.

No mesmo dia, Tristão despediu-se de Dinas em tal estado de sofrimento, que parecia ter perdido o juízo, e sua nau pôs-se ao largo rumo à Bretanha.

Infelicidade! Depressa a rainha arrependeu-se. Quando soube por Dinas de Lidan que Tristão tinha partido com tanto sofrimento, começou a acreditar que Perinis dissera-lhe a verdade, que Tristão não fugira ao ser chamado em nome dela, que fora um grande erro tê-lo escorraçado. “O quê!”, pensava ela, “escorracei-vos, a vós, Tristão amigo! De hoje em diante odiar-me-eis, e nunca mais vos tornarei a ver. Nunca sabereis sequer do meu arrependimento, nem do castigo que quero impor-me como prova insignificante do meu remorso!”

Desde aquele dia, para punir-se do seu erro e da sua loucura, Isolda, a Loura, vestiu um cilício e usou-o contra a sua carne.

XVIII. Tristão louco

El beivre fu la nostre mort.

Thomas

Tristão voltou a ver a Bretanha, Carhaix, o duque Hoël e sua esposa Isolda das Brancas Mãos. Todos deram-lhe boa acolhida, mas Isolda, a Loura, escoraçara-o: só isso lhe importava agora. Durante muito tempo, ele padeceu longe dela. Depois, certo dia, imaginou que queria revê-la, mesmo que ela mandasse seus esbirros e criados espancaram-no da maneira mais vil. Longe dela, sabia que sua morte era certa e estava próxima. Era melhor morrer de uma vez do que lentamente, a cada dia! Quem vive sofrendo dor é tal qual um morto. Tristão desejava a morte, queria a morte: mas que a rainha soubesse pelo menos que ele perecera por amor a ela. Se ela o soubesse, ele morreria mais docemente.

Foi-se de Carhaix sem avisar ninguém, nem seus amigos, nem mesmo Kaherdin, seu querido companheiro. Partiu vestido miseravelmente, a pé, pois ninguém se importa com os pobres mendigos que caminham pelas grandes estradas. Caminhou até alcançar a beira do mar.

No porto, uma grande nau mercante estava partindo. Os marinheiros já estavam içando a vela e levantavam a âncora para ganhar o alto-mar.

– Deus vos proteja, senhores, e que possais navegar em boa sorte! Para que terra ides vós?

– Para Tintagel.

– Para Tintagel! Ah! Senhores, levai-me!

Ele embarcou. Um vento propício enfunou a vela, a nau corria sobre as vagas. Cinco noites e cinco dias ela vogou diretamente rumo às Cornualhas e, no sexto dia, lançou âncora no porto de Tintagel.

Para além do porto, erguia-se o castelo sobranceiro ao mar, bem fechado por todos os lados: nele só se podia entrar por uma única porta de ferro e duas

sentinelas montavam-lhe guarda dia e noite. Como penetrar lá?

Tristão desceu da nau e sentou-se na praia. Soube por um homem que passava que Marc estava no castelo e que acabava de lá instalar uma grande corte.

– Mas onde está a rainha? E Brangien, sua bela serva?

– Também estão em Tintagel, vi-as recentemente.

A rainha Isolda parecia triste, como de costume.

Ao nome de Isolda, Tristão suspirou e imaginou que, nem por astúcia nem por bravura, conseguiria rever sua amiga, pois o rei Marc matá-lo-ia...

“Mas que importa que me mate? Isolda, não devo morrer por vosso amor? E que faço a cada dia, a não ser morrer? Vós, Isolda, no entanto, se soubésseis que estou, aqui, dignar-vos-íeis somente a falar com vosso amigo? Não me faríeis expulsar por vossos esbirros? Sim, vou tentar um ardil... Fingir-me-ei de louco, e essa loucura será grande sabedoria. Quem me tomar por doido será menos atilado do que eu, quem me acreditar louco sentirá mais loucura na sua casa.”

Um pescador aproximava-se, vestido com uma cota de burel felpuda, com grande capuz. Tristão viu-o, fez-lhe sinal, levou-o para um canto.

– Amigo, queres trocar tuas roupas pelas minhas? Dá-me tua cota que muito me agrada.

O pescador olhou para as vestes de Tristão, achou-as melhores que as suas, pegou-as imediatamente e foi-se bem depressa, feliz com a troca.

Então Tristão cortou sua bela cabeleira loura rente ao couro cabeludo, desenhando nele uma cruz. Lambuzou o rosto com um líquido feito com uma erva mágica trazida do seu país, e logo sua cor e o aspecto do seu rosto mudaram de maneira tão estranha, que nenhum homem no mundo teria podido reconhecê-lo. Arrancou de uma sebe um rebento de castanheiras, fez com ele uma clava e pendurou-a ao pescoço. Com os pés descalços, caminhou direto para o castelo.

O porteiro acreditou que era, seguramente, um louco e disse-lhe:

– Aproximai-vos. Então, onde foi que ficastes todo esse tempo?

Tristão disfarçou a voz e respondeu:

– No casamento do abade do Monte, que é um dos meus amigos. Casou com uma abadessa, uma gorda dama de véu. De Besançon até o Monte, todos os padres, abades, monges e clérigos ordenados foram enviados a essas núpcias e todos na charneca, carregando cajados e cruces, pulam, brincam e dançam à sombra das grandes árvores. Mas deixei-os para vir até aqui, pois hoje devo servir à mesa do rei.

O porteiro disse-lhe:

– Entrai, pois, senhor, filho de Urgán, o Peludo. Sois grande e peludo como ele e muito vos pareceis com vosso pai.

Quando ele entrou no burgo, brincando com sua clava, criados e escudeiros amontoaram-se à sua passagem, perseguindo-o como a um lobo:

– Olhai o doido! Hi! Hi! Hi!

Atiravam-lhe pedras, atacavam-no com paus, mas ele enfrentava-os dando cambalhotas e não se importava – se o atacavam à sua esquerda, virava-se e batia à sua direita.

No meio dos risos e dos apupos, levando atrás de si a turba alvoroçada, chegou à soleira da porta onde, sob o dossel, ao lado da rainha, o rei Marc estava sentado. Acercou-se da porta, pendurou a clava ao pescoço e entrou. O rei viu-o e disse:

– Eis um belo companheiro. Fazei-o aproximar-se.

Levaram-no com a clava ao pescoço:

– Amigo, sede bem-vindo!

Tristão respondeu com sua voz estranhamente disforme:

– Sire, bom e nobre entre todos os reis, eu bem sabia que ao ver-vos meu coração desmanchar-se-ia de ternura. Que Deus vos proteja, belo sire!

– Amigo, que viestes procurar aqui dentro?

– Isolda, que tanto amei. Tenho uma irmã que vos trago, a muito bela Brunehaut. A rainha aborrece-vos, tentai com esta – façamos a troca, dou-vos a minha irmã, entregai-me Isolda. Ficarei com ela e servir-vos-ei por amor.

O rei riu daquilo e disse ao louco:

– Se eu te der a rainha, que quererás fazer com ela? Para onde a levarás?

– Lá para cima, entre o céu e a nuvem, para a minha bela casa de vidro. O sol atravessa-a com seus raios, os ventos não a podem abalar; para lá levarei a rainha, para um quarto de cristal, todo florido com rosas, todo luminoso de manhã, quando o sol bate nele.

O rei e seus barões comentaram entre si:

– Aí está um maluco hábil nas palavras!

Ele sentara-se sobre um tapete e olhava com ternura para Isolda.

– Amigo – disse-lhe Marc –, de onde te vem a esperança de que minha senhora cuide de um louco hediondo como tu?

– Sire, bem que tenho direito a isso: realizei por ela muitos trabalhos, e foi por ela que acabei louco.

– Quem és tu então?

– Sou Tristão, aquele que tanto amou a rainha, e que a amará até a morte.

A este nome, Isolda suspirou, mudou de cor e, irada, disse-lhe:

– Vai-te embora! Quem te deixou entrar aqui? Vai-te embora, louco mau!

O louco notou sua cólera e disse:

– Rainha Isolda, não vos lembrais do dia em que, ferido pela espada

envenenada do Morholt, levando minha harpa pelo mar, fui impelido para vossas praias? Vós me curastes. Não vos lembrais mais, rainha?

Isolda respondeu:

– Vai-te embora daqui, louco. Tuas brincadeiras não me agradam, nem tu.

Logo, o louco voltou-se para os barões, empurrou-os para a porta, gritando:

– Loucos, fora daqui! Deixai-me sozinho aconselhar-me com Isolda, pois vim até aqui dentro por amá-la.

O rei riu daquilo, Isolda corou de vergonha:

– Sire, expulsai daqui este louco!

Mas o louco tornou a falar com sua voz estranha:

– Rainha Isolda, não vos lembrais do dragão que matei na vossa terra? Escondi a língua dele no meu calção e, todo queimado pelo seu veneno, caí perto do pântano. Eu era então um maravilhoso cavaleiro!... e esperava a morte, quando me socorrestes.

Isolda respondeu:

– Cala-te, estás injuriando os cavaleiros, pois não passas de um louco de nascença. Malditos sejam os marinheiros que te trouxeram aqui em vez de te jogarem ao mar!

O louco estourou de risada e continuou:

– Rainha Isolda, não vos lembrais do banho em que querieis matar-me com minha espada? E do conto do cabelo de ouro que vos acalmou? E como vos defendi contra o senescal covarde?

– Calai-vos, mentiroso perverso! Por que vindes aqui declamar vossos sonhos? Estáveis bêbado ontem à noite, sem dúvida, e a bebedeira vos deu esses sonhos.

– É verdade, estou bêbado, e de uma bebida tal, que jamais esta bebedeira se dissipará. Rainha Isolda, não vos lembrais daquele dia tão belo, tão quente, em alto-mar? Estáveis com sede, não vos lembrais, filha de rei? Ambos bebemos no mesmo canjirão. Desde então, sempre estive bêbado, e de bebedeira ruim...

Quando Isolda ouviu essas palavras que somente ela podia compreender, escondeu sua cabeça no manto, levantou-se e quis ir embora. Mas o rei reteve-a por sua capa de arminho e fê-la tornar a sentar-se a seu lado:

– Esperai um pouco, Isolda, amiga, ouçamos estas loucuras até o fim. Louco, que ofício sabes fazer?

– Servir reis e condes.

– Em verdade, sabes caçar com cães? Com pássaros?

– Certamente, quando me agrada caçar na floresta, sei pegar, com meus cães, os groux que voam em bandos; com meus cães, os cisnes, os gansos trigueiros ou brancos, os pombos selvagens; com meu arco, os mergulhões e os

alcaravões!

Todos riram com vontade dessas coisas, e o rei perguntou:

– E o que pegas, irmão, quando caças caça de rio?

– Pego tudo o que encontro: com meus açores, os lobos dos bosques e os grandes ursos; com os meus gerifaltes, os javalis; com os meus falcões, pego os cabritos monteses e os gamos; as raposas, com meus gaviões; as lebres, com meus esmerilhões. E, quando volto para a casa de quem me alberga, sei muito bem brigar com a clava, partilhar os tições entre os escudeiros, afinar minha harpa e cantar com música, e amar as rainhas e jogar pelos riachos cavacos bem cortados. Na verdade, não sou eu um bom menestrel? Hoje, vistes como sei esgrimir com o pau.

E ele bateu com sua clava ao seu redor.

– Fora daqui – gritou ele –, senhores cornualheses! Por que ficar ainda? Já não comestes? Não vos fartastes?

O rei, tendo-se divertido com o louco, pediu seu cavalo e seus falcões e levou à caça cavaleiros e escudeiros.

– Sire – disse-lhe Isolda –, sinto-me cansada e aflita. Permiti que vá repousar em meu quarto. Não posso ouvir por mais tempo essas loucuras.

Ela retirou-se muito pensativa para o seu quarto, sentou-se no seu leito e ficou presa de grande sofrimento:

– Mísera! Por que nasci? Meu coração está pesaroso e angustiado. Brangien, querida irmã, minha vida é tão cruel e tão dura, que eu preferiria a morte! Lá está um louco, de crânio raspado em cruz, que aqui entrou em má hora: esse louco, esse charlatão é mágico ou adivinho, pois sabe de ponta a ponta o que sou e a minha vida. Sabe coisas que ninguém sabe a não ser vós, eu e Tristão. Sabe-as, o vagabundo, por magia e sortilégio.

Brangien respondeu:

– Não seria ele o próprio Tristão?

– Não, pois Tristão é belo e o melhor dos cavaleiros, mas esse homem é horrendo e disforme. Que seja amaldiçoado por Deus! Maldita seja a hora em que nasceu, e maldita a nau que o trouxe em vez de o afogar sob as vagas profundas!

– Acalmai-vos, senhora – disse Brangien. – Hoje já sabeis muito bem maldizer e excomungar! Onde pois aprendestes essa arte? Mas talvez esse homem seja mensageiro de Tristão!

– Não acredito, não o reconheci. Mas ide encontrá-lo, bela amiga, falai com ele, vede se o reconheceis.

Brangien dirigiu-se à sala onde o louco, sentado num banco, tinha ficado só. Tristão reconheceu-a, deixou cair sua clava e disse-lhe:

- Brangien, leal Brangien, suplico-vos por Deus, tende compaixão de mim!
- Louco nojento! Qual diabo vos ensinou o meu nome?
- Bela, sei-o há muito tempo! Por meu chefe, que há pouco foi louro, se a razão se foi desta cabeça, vós, bela, é que sois a causa. Não fostes vós que devíeis guardar a bebida que eu bebi em alto-mar? Bebi-a sob um grande calor, de um canjirão de prata, e o estendi a Isolda. Somente vós o soubestes, bela: não vos lembrais mais disso?

– Não! – respondeu Brangien e, toda perturbada, tornou a correr ao quarto de Isolda, mas o louco precipitou-se atrás dela, gritando:

– Piedade!

Ele entrou, viu Isolda, correu para ela, com os braços estendidos, quis estreitá-la ao peito; mas, envergonhada, banhada de um suor de angústia, ela derreou-se para trás, esquivando-se. Ao ver que ela evitava a aproximação dele, Tristão tremeu de vergonha e de cólera, recuou até a parede, perto da porta e, com sua voz sempre disfarçada, disse:

– Certamente, vivi demais, já que vi o dia em que Isolda me repele, não se digna a me amar, considera-me vil! Ah! Isolda, quem muito ama tarde esquece! Isolda, algo belo e precioso é uma fonte abundante que se expande e corre em borbotões, em ondas largas e claras. No dia em que ela seca, não vale mais nada. Assim é um amor que se acaba.

Isolda respondeu:

- Irmão, olho-vos, duvido, tremo, não sei, não reconheço Tristão.
- Rainha Isolda, sou Tristão, aquele que tanto vos amou. Não vos lembrais do anão que espalhou a farinha entre nossos leitos? E do pulo que dei e do sangue que correu da minha ferida? E do presente que vos mandei, o cachorro Petit-Crû, com o guizo mágico? Não vos lembrais dos pedaços de madeira bem cortados que eu jogava no riacho?

Isolda olhou para ele, suspirou, não sabia o que dizer e em que acreditar, viu bem que ele sabia todas as coisas, mas seria loucura confessar que era Tristão. E Tristão disse-lhe:

– Senhora rainha, bem sei que vos afastastes de mim e acuso-vos de traição. Conheci, no entanto, Bela, dias em que me amáveis com amor. Era na floresta profunda, sob a choupana de ramagens. Lembrai-vos ainda do dia em que vos dei meu bom cão Husdent? Ah! Aquele sempre me amou e por mim deixaria Isolda, a Loura. Onde está ele? Que fizestes dele? Ele, pelo menos, reconhecer-me-ia.

– Reconhecer-vos-ai? Dizeis loucura, pois, desde que Tristão partiu, ele fica deitado na sua casinha e avança contra todo homem que dele se aproxima. Brangien, trouxei-mo.

Brangien trouxe-o.

– Vem aqui, Husdent – disse Tristão. – Eras meu, torno a ficar contigo.

Quando Husdent ouviu a voz dele, fez voar sua correia das mãos de Brangien, correu para seu dono, rolou a seus pés, lambeu-lhe as mãos, latiu de alegria.

– Husdent – gritou o louco –, bendito seja, Husdent, o trabalho que tive para te alimentar! Deste-me melhor acolhida do que aquela que eu amava tanto. Ela não quer me reconhecer. Reconhecerá ao menos este anel que me deu outrora, com lágrimas e beijos, no dia da separação? Este anelzinho de jaspe nunca me deixou. Muitas vezes aconselhei-me com ele em meus tormentos, muitas vezes molhei este jaspe verde com minhas lágrimas ardentes.

Isolda viu o anel. Abriu bem os braços.

– Eis-me aqui! Toma-me, Tristão!

Então Tristão deixou de disfarçar a voz:

– Amiga, como pudestes por tanto tempo desconhecer-me, mais tempo do que este cachorro? Que importa este anel? Não sentes que teria sido mais doce para mim ser reconhecido à simples evocação de nossos amores passados? Que importa o som da minha voz! É o som do meu coração que devias ouvir.

– Amigo – disse Isolda –, talvez o tenha ouvido mais cedo do que pensas, mas estamos cercados de ciladas. Devia eu, como este cachorro, seguir o meu desejo, com o risco de te fazer prender e matar sob meus olhos? Resguardava-me e resguardava-te. Nem a evocação da tua vida passada, nem o som da tua voz, nem mesmo este anel me provam nada, pois podem ser os truques perversos de um feiticeiro. Rendo-me, no entanto, à vista do anel. Não jurei que logo que o tornasse a ver, mesmo que eu devesse me perder, faria sempre o que me dissésseis, quer fosse sabedoria ou loucura? Sabedoria ou loucura, aqui estou eu. Toma-me, Tristão!

Ela caiu exâmine no peito de seu amigo. Quando voltou a si, Tristão mantinha-a em seus braços e beijava seus olhos e seu rosto. Ele entrou com ela sob o cortinado. Entre seus braços ele tinha a rainha.

Para divertirem-se com o louco, os criados abrigaram-no sob os degraus da sala, como um cão num canil. Ele suportava docemente suas zombadas e suas pancadas, pois, às vezes, retomando suas formas e sua beleza, passava do seu tugúrio ao quarto da rainha.

Mas, passados alguns dias, duas camareiras desconfiaram da fraude. Avisaram Andret, que pôs diante dos quartos das mulheres três espiões bem armados. Quando Tristão quis transpor a porta:

– Para trás, louco, gritaram eles, volta a deitar-te sobre teu feixe de palha!

– Ora essa! Belos senhores – disse o louco –, não posso esta noite ir beijar a

rainha? Não sabeis que ela me ama e que me espera?

Tristão vibrou sua clava. Eles tiveram medo e deixaram-no entrar. Tomou Isolda em seus braços:

– Amiga, devo fugir agora mesmo, pois logo seria descoberto. Devo fugir e, sem dúvida, nunca mais voltarei. Minha morte está próxima: longe de vós, morrerei do meu desejo.

– Amigo, fecha teus braços e abraça-me tão apertado que, nesse abraço, nossos dois corações se rompam e nossas almas se evolem! Leva-me ao país venturoso de que me falavas outrora, ao país de onde ninguém volta, onde músicos insignes cantam cânticos sem fim. Leva-me!

– Sim, levar-te-ei ao país venturoso dos Vivos. Aproxima-se a hora. Já não bebemos toda a miséria e todo o prazer? Aproxima-se a hora. Quando tudo estiver resolvido, se eu te chamar, Isolda, tu virás?

– Amigo, chama-me, bem sabes que irei!

– Amiga, que Deus te recompense por isso!

Quando ele transpôs o limiar, os espiões lançaram-se sobre ele. Mas o louco deu uma gargalhada, girou sua clava e disse:

– Vós me escorraçais, belos senhores. Por quê? Nada mais tenho a fazer aqui dentro, já que minha senhora me envia para longe a preparar a casa clara que lhe prometi, a casa de cristal, florida com rosas, luminosa de manhã quando brilha o sol!

– Então vai-te embora em má hora, maluco!

Os criados afastaram-se, e o louco, sem se apressar, foi-se embora dançando.

XIX. A morte

Amor condusse noi ad una morte.

Dante, inf. c.V

Mal voltara para a Bretanha, em Carhaix, aconteceu que Tristão, para ajudar seu querido companheiro Kaherdin, guerreou contra um barão de nome Bedalis. Caiu numa emboscada armada por Bedalis e seus irmãos. Tristão matou sete irmãos. Mas ele próprio foi ferido por uma lança envenenada.

Com grande dificuldade, voltou ao castelo de Carhaix e mandou examinar seus ferimentos. Vieram muitos médicos, mas nenhum soube curá-lo do veneno, pois nem sequer o descobriram. Não souberam fazer nenhum emplastro para atrair o veneno para fora. Inutilmente batiam e esmagavam suas raízes, colhiam ervas, manipulavam beberagens; Tristão não fazia outra coisa senão piorar, o veneno espalhava-se por seu corpo. Ficou lívido e seus ossos começaram a aparecer.

Sentiu que sua vida se esvaía, compreendeu que ia morrer. Então, quis rever Isolda, a Loura. Mas como chegar até ela? Estava tão fraco, que o mar o mataria, e, mesmo que chegasse às Cornualhas, como escaparia aos seus inimigos? Lamentava-se, o veneno angustiava-o. Esperava a morte.

Mandou chamar em segredo Kaherdin para revelar-lhe sua dor, pois ambos se amavam com amor leal.

Quis que ninguém ficasse em seu quarto, com exceção de Kaherdin, e até mesmo que ninguém permanecesse nas salas vizinhas. Isolda, sua esposa, espantou-se em seu coração com aquela estranha vontade. Ficou com muito medo e quis ouvir a conversa. Fora do quarto, apoiou-se à parede que tocava o leito de Tristão. Ela escutava. Para que ninguém a surpreendesse, um de seus fiéis ficou à espreita do lado de fora.

Tristão reuniu suas forças, endireitou-se, apoiou-se contra a parede.

Kaherdin sentou-se perto dele e ambos choraram juntos, afetuosamente. Choraram pela boa companhia de armas, tão cedo interrompida, por sua grande amizade e seus amores, e um lamentou-se com o outro.

– Belo e doce amigo – disse Tristão –, estou numa terra estrangeira, onde não tenho nem parente, nem amigo, exceto vós. Somente vós, nestas plagas, me destes alegria e consolo. Estou perdendo minha vida, gostaria de rever Isolda, a Loura. Mas como, por que ardil fazê-la conhecer a minha necessidade? Ah! Se eu soubesse de algum mensageiro que quisesse ir até ela. Ela viria, tanto me ama! Kaherdin, belo companheiro, por nossa amizade, pela nobreza do vosso coração, por nosso companheirismo, peço-vos: por mim, tentai essa aventura e, se levardes minha mensagem, tornar-me-ei vosso homem lígio e amar-vos-ei acima de todos os homens.

Kaherdin viu Tristão chorar, descoroçoar-se, lamentar-se. Seu coração amoleceu de ternura e ele respondeu delicadamente, por amor.

– Belo companheiro, não choreis mais, farei o vosso desejo. Certamente, amigo, por amor a vós vou me meter em aventura de morte. Nenhuma aflição, nenhuma angústia me impedirá de fazer o que puder. Dizei o que quereis mandar transmitir à rainha e farei meus preparativos.

Tristão respondeu:

– Amigo, agradeço-vos! Ora, escutai o meu pedido. Pegai este anel: é um sinal entre ela e mim. E, quando chegardes em sua terra, fazei-vos passar na corte por um mercador. Apresentai-lhe tecidos de seda, fazei com que veja este anel: logo ela procurará um meio de vos falar em segredo. Dizei-lhe então que meu coração a saúda; que ela, somente ela, pode consolar-me. Dizei-lhe que, se ela não vier, morrerei. Dizei-lhe que se lembre dos nossos prazeres passados e dos nossos grandes sofrimentos e das grandes tristezas e das alegrias e das dores de nosso amor leal e terno, que se lembre da poção que junto bebemos no mar. Ah! Foi a nossa morte que bebemos! Que ela se lembre do juramento que lhe fiz de só a ela amar para sempre. Cumpri essa promessa!

Atrás da parede, Isolda das Brancas Mãos ouviu essas palavras. Quase desfaleceu.

– Apressai-vos, companheiro, e voltai logo. Se demorardes, não me tornareis a ver. Dai um prazo de quarenta dias e trazei Isolda, a Loura. Escondei vossa partida à vossa irmã, ou dizei-lhe que ides em busca de um médico. Levereis minha bela nau. Tomai convosco duas velas, uma branca, a outra preta. Se trouxerdes a rainha Isolda, içai na volta a vela branca; e, se não a trouxerdes, viajai com a vela preta. Amigo, não tenho mais nada a vos dizer, que Deus vos guie e vos traga de volta são e salvo!

Ele suspirou, chorou e se lamentou, e Kaherdin igualmente chorou, beijou

Tristão e despediu-se.

Ao primeiro vento, pôs-se ao mar. Os marinheiros levantaram as âncoras, içaram a vela, singraram por um vento leve, e sua proa cortou as vagas altas e profundas. Levavam ricas mercadorias: tecidos de seda tingidos de cores raras, bela louça de Tours, vinhos de Poitou, gerifaltes de Espanha, e com esse artil Kaherdin pensava chegar junto de Isolda. Por oito dias e oito noites, fenderam as vagas e vogaram a velas pandas para as Cornualhas.

Cólera de mulher é coisa temível, e cada um que se precavenha! Quanto mais uma mulher tiver amado, com mais crueldade também se vingará. O amor das mulheres vem depressa, e depressa vem seu ódio; e sua inimizade, uma vez vinda, dura mais do que a amizade. Elas sabem temperar o amor, mas não o ódio. De pé contra a parede, Isolda das Brancas Mãos tinha ouvido cada palavra. Amara tanto Tristão!... Enfim sabia de seu amor por outra mulher. Guardou o que ouvira: se um dia pudesse, vingar-se-ia do que mais amava no mundo! No entanto, nada demonstrou e, logo que abriram as portas, entrou no quarto de Tristão e, ocultando sua ira, continuou a servi-lo e a tratá-lo bem, como o faria uma amante. Falava-lhe com ternura, beijava-o nos lábios e perguntava-lhe se Kaherdin voltaria logo com o médico que devia curá-lo. Mas estava sempre a procurar sua vingança.

Kaherdin não deixou de navegar, até que lançou a âncora no porto de Tintagel. Pegou no seu punho um grande açor, pegou um tecido de cor rara, uma taça bem lavrada: deu tudo isso de presente ao rei Marc e pediu-lhe cortesmente sua proteção e sua paz, a fim de que pudesse negociar em sua terra, sem temer nenhum embaraço por parte de camarista ou de visconde. E o rei concedeu-lho diante de todos os homens do seu palácio.

Então, Kaherdin mostrou à rainha uma fivela trabalhada em ouro fino:

– Rainha – disse ele –, o ouro é bom.

E, retirando de seu dedo o anel de Tristão, colocou-o ao lado da joia.

– Vede, rainha, o ouro desta fivela é mais rico e, no entanto, o ouro deste anel tem também seu valor.

Quando Isolda reconheceu o anel de jaspe verde, seu coração freuiu e sua cor mudou, e, temendo o que ia ouvir, atraiu Kaherdin a um canto perto de uma janela, como se fosse para melhor ver e negociar a fivela. Kaherdin disse-lhe simplesmente:

– Senhora, Tristão está ferido por uma espada envenenada e vai morrer. Manda dizer-vos que só vós podeis lhe dar socorro na sua aflição. Lembra-vos os grandes sofrimentos e as dores que suportastes juntos. Guardai este anel, ele vo-lo dá.

Isolda respondeu, enfraquecida:

– Amigo, acompanhar-vos-ei. Amanhã, pela manhã, que vossa nau esteja pronta para partir!

No dia seguinte, pela manhã, a rainha disse que queria caçar com o falcão e mandou preparar seus cães e pássaros. Mas o duque Andret, que sempre a vigiava, acompanhou-a. Quando chegaram aos campos, não longe da orla marítima, um faisão alçou voo. Andret soltou um falcão para pegá-lo, mas o tempo estava claro e belo. O falcão tomou o voo e desapareceu.

– Vede, sire Andret – disse a rainha –, o falcão empoleirou-se lá no porto, no mastro de uma nau que eu não conhecia. De quem é ela?

– Senhora – falou Andret –, é a nau daquele mercador da Bretanha que ontem vos mostrou uma fivela de ouro. Vamos até lá reaver nosso falcão.

Kaherdin tinha lançado uma prancha, como se fosse uma pequena ponte, de sua nau à praia. Foi ao encontro da rainha:

– Senhora, se for do vosso agrado, entrai na minha nau, e mostrar-vos-ei minhas ricas mercadorias.

– De bom grado, sire, disse a rainha.

Ela desceu do cavalo, foi diretamente à prancha, atravessou-a, entrou na nau. Andret quis segui-la e subiu pela prancha, mas Kaherdin, de pé à amurada, bateu nele com seu remo. Andret embicou e caiu no mar. Quis recobrar forças. Kaherdin tornou a bater nele com o remo, várias vezes, conservando-o chapado sob as águas, e gritou:

– Morre, traidor! Esta é a paga por todo o mal que fizeste Tristão e a rainha Isolda sofrerem!

E foi assim que Deus vingou os amantes daqueles traidores que os haviam odiado tanto! Os quatro estavam mortos: Guenelon, Gondoine, Denoalen, Andret.

A âncora foi levantada, o mastro estava pronto, a vela esticada. O vento fresco da manhã zunia nos ovéns e enfunava os panos. Fora do porto, rumo ao mar alto, a nau toda branca e luminosa avançou sob os raios do sol ao longe.

Em Carhaix, Tristão definhava. Desejava a vinda de Isolda. Nada mais o consolava e, se ainda vivia, era porque esperava. A cada dia, mandava alguém olhar na praia, para ver se a nau voltava e qual era a cor da vela. Já não tinha no coração nenhum outro desejo. Logo fez com que o carregassem à falésia de Penmarch e, enquanto o sol se mantinha no horizonte, olhava o mar a distância.

Escutai, senhores, algo doloroso, lastimoso para aqueles que amam. Isolda já se aproximava. Já surgia ao longe a falésia de Penmarch, e a nau navegava mais alegre. De súbito, cresceu um vento de tempestade, bateu em cheio na vela e fez a nau girar sobre si mesma. Os marinheiros meteram de ló e, contra a sua vontade, viraram de ré. O vento assolava, levantavam-se vagas profundas, o ar

condensara-se em trevas, o mar enegrecera, a chuva desabou em rajadas. Ovéns e bolinas romperam-se, os marinheiros abaixaram a vela e bordejara ao sabor da onda e do vento. Para sua desgraça, tinham esquecido de içar para bordo o bote amarrado à popa e que seguia a esteira da nau. Uma vaga quebrou-o e carregou-o.

Isolda exclamou:

– Ai de mim, desgraçada! Deus não quer que eu viva o bastante para ver Tristão, meu amigo, um vez mais, somente uma vez. Ele quer que eu morra afogada neste mar. Tristão, se eu vos tivesse falado mais uma vez, pouco me importaria morrer depois. Amigo, se eu não chegar até vós, é porque Deus não o quer, e é a minha pior dor. Minha morte nada é para mim: já que Deus a quer, aceito-a; mas, amigo, quando o souberdes, morrereis, bem o sei. Nosso amor é de tal estofo, que não podeis morrer sem mim, nem eu sem vós. Vejo nossa morte diante de mim ao mesmo tempo que a minha. Amigo, ai de mim! Não realizei meu desejo de morrer em vossos braços, ser sepultada no vosso esquife. Fracassamos. Vou morrer sozinha e, sem vós, desaparecer no mar. Talvez não saibais da minha morte, vivereis ainda, sempre esperando que eu venha. Se Deus quiser, ficareis até curado... Ah! Talvez depois de mim amareis uma outra mulher, amareis Isolda das Brancas Mãos! Não sei o que será de vós. Quanto a mim, amigo, se vos soubesse morto, não viveria depois. Que Deus nos conceda, amigo, que eu vos cure, ou que morramos ambos de uma só angústia!

Assim gemeu a rainha, enquanto durou a tormenta. Mas, depois de cinco dias, a tempestade aplacou-se. No mais alto do mastro, Kaherdin içou alegremente a vela branca, para que de longe Tristão reconhecesse a sua cor. Kaherdin já está vendo a Bretanha... Infelicidade! Quase imediatamente, a calmaria se seguiu à tempestade, o mar tornou-se manso e todo liso, o vento deixou de inchar a vela, e os marinheiros bordejaram inutilmente acima e abaixo, para a frente e para trás. Ao longe divisavam a costa, mas a tempestade carregara o seu bote, de maneira que não podiam encostar em terra. Na terceira noite, Isolda sonhou que segurava em seu regaço a cabeça de um grande javali que manchava de sangue o seu vestido, e ela soube que não tornaria a ver seu amigo com vida.

Tristão estava daí em diante fraco demais para fazer vigília sobre a falésia de Penmarch e, após longos dias, fechado longe da praia, ele chorava por Isolda que não chegava. Dolente e cansado, queixava-se, suspirava, agitava-se. Pouco faltava para morrer do seu desejo.

Finalmente o vento soprou e a vela branca apareceu. Então, Isolda das Brancas Mãos vingou-se.

Achegou-se ao leito de Tristão e disse:

– Amigo, Kaherdin está chegando. Vi sua nau no mar: ela avança com muita dificuldade, no entanto, reconhecia-a. Possa ele trazer o que deve vos curar!

Tristão estremeceu:

– Amiga bela, estais certa de que é a sua nau? Ora, dissei-me como é a vela.

– Vi-a muito bem, abriram-na e levantaram muito alto, pois há pouco vento.

Ficai sabendo que ela é toda preta.

Tristão virou-se para a parede e disse:

– Não posso reter minha vida por mais tempo.

Disse três vezes: “Isolda, amiga!” Na quarta vez, entregou sua alma a Deus.

Então, pela casa, choraram os cavaleiros, os companheiros de Tristão. Tiraram-no do seu leito, estenderam-no sobre um rico tapete e cobriram seu corpo com um sudário.

Sobre o mar, o vento levantara-se e batia bem no meio da vela. Impeliu a nau até a terra. Isolda, a Loura, desembarcou. Ouviu grandes lamentações pelas ruas e os sinos que dobravam nos mosteiros, nas capelas. Perguntou às pessoas da terra por que o dobrar dos sinos a finados, por que aqueles choros.

Um velhinho disse-lhe:

– Senhora, temos uma grande dor. Tristão, o Leal, o Valente, morreu. Era generoso com os necessitados, caridoso com os sofredores. E o pior desastre que já se abateu sobre este país.

Isolda ouviu-o e não pôde dizer uma palavra. Subiu ao palácio. Seguiu pela rua, seu véu solto. Os bretões maravilhavam-se ao olhar para ela. Nunca tinham visto mulher de tanta beleza. Quem era ela? De onde vinha?

Junto de Tristão, Isolda das Brancas Mãos, enlouquecida pelo mal que causara, dava grandes gritos sobre o cadáver. A outra Isolda entrou e disse-lhe:

– Senhora, levantai-vos e deixai que me aproxime. Tenho mais direito de chorar do que vós, acreditai-me. Amei-o mais.

Ela voltou-se para o oriente e orou a Deus. Em seguida, descobriu um pouco o corpo, estendeu-se junto dele, em todo o comprimento do seu amigo, beijou-o na boca e no rosto e o abraçou bem apertado: corpo contra corpo, boca contra boca, assim ela entregou sua alma. Morreu junto dele, de dor por seu amigo.

Quando o rei Marc soube da morte dos amantes, transpôs o mar e, tendo chegado à Bretanha, mandou abrir dois esquifes, um de calcedônia para Isolda, o outro de berilo para Tristão. Levou para Tintagel, na sua nau, os corpos amados. Numa capela, à esquerda e à direita da abside, sepultou-os em dois túmulos. Mas, durante a noite, da tumba de Tristão brotou um espinheiro verde e frondoso, de galhos fortes, de flores perfumadas, que, elevando-se por cima da capela, enterrou-se na sepultura de Isolda. As pessoas do lugar cortaram o

espinheiro. No dia seguinte, ele renasceu, tão verde, tão florido, tão vivo quanto antes, e ainda mergulhava no leito de Isolda, a Loura. Por três vezes quiseram destruí-lo, em vão. Finalmente, contaram o prodígio ao rei Marc. O rei proibiu daí por diante que se cortasse o arbusto.

Senhores, os bons trovadores de antanho, Béroul e Thomas, e monsenhor Eilhart e mestre Gottfried, narram este conto para todos os que amam, não para os outros. Transmitem-vos por meu intermédio sua saudação. Cumprimentam os que são sonhadores e os que são felizes, os descontentes e os apaixonados, os que estão alegres e os que estão perturbados, todos os amantes. Que possam encontrar aqui consolo contra a inconstância, contra a injustiça, contra o despeito, contra a aflição, contra todos os males de amor!